

CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Com Paulo Quintela
à mesa da tertúlia

No centenário do seu nascimento

2.^a Edição



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

(Página deixada propositadamente em branco)

CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia

No centenário do seu nascimento

2.^a edição refundida e aumentada



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica
António Barros

Paginação
SerSilito

Execução gráfica
SerSilito - Maia

ISBN
972-8704-62-3

ISBN Digital
978-989-26-0418-3

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0418-3>

Depósito legal
234728/05

Outubro de 2005

© 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

Pois que tenho sido eu, senão almocreve? Levo e trago - não os botos de azeite ou as canastras de sardinha, por montes e vales, à chuva e à neve e à torreira do sol, mas a veniaga cultural de franças e araganças.

Paulo Quintela

(Página deixada propositadamente em branco)

PREÂMBULO

Preencho as tardes de Sexta-feira em casa de Paulo Quintela. Faço-o por prazer intelectual e também por dever de discípulo que com ele aprendeu e continua aprendendo lições de humanismo e de humanidade(s). Dando-se a conjuntura feliz de serem preleccionadas aquém dos muros da *Alma Mater*, não há dúvida de que, em princípio, lhes é garantida uma mais funda grandeza cultural, cívica e ética. E sobretudo humana!

Em se chegando àquele dia da semana, quer vente ou faça chuva, vou-me até à Praceta da Avenida Dias da Silva, ali à cumeada. No rés-do-chão alto do prédio n.º 7, vive, desde 1959, Paulo Quintela e a Dona Lisbeth, e até certa altura as duas filhas: a Rita Maria, a mais velha, e a Abília, a mais moça. Neste momento, assiste apenas com sua Mulher e a filha mais velha.

No decurso das páginas que se seguem não tenciono dissertar sobre o professor universitário que não há grande tempo ainda ocupava a cátedra de Filologia Germânica e preenchia, com a sua presença física e intelectual, toda a Faculdade de Letras. Nem tão-pouco procurarei analisar a vasta obra traduzida de várias línguas para português de lei, da poesia ao teatro, do romance ao ensaio, deste modo demonstrando ser um dos maiores tradutores da Língua Portuguesa.

À sua Faculdade dedicou a maior fatia da sua vida, não só como aluno, mas sobretudo como docente. Ensinou literaturas e quase todas as outras cadeiras de cultura e de linguística que faziam parte do elenco do Curso Filologia Germânica da velha reforma, que havia de ser substituída por outra, a chamada Nova Reforma, iniciada no ano lectivo de 1957/1958.

No início de sessenta, três anos após a implantação da nova reforma, quedava-me eu, inseguro, pelos corredores e salas de aula, quase sempre de cora-

ção inquieto, à espera que a guerra colonial, há pouco estreada nos matos do império, me acenasse com uma guia de marcha ou um boletim de matrícula que me garantisse a transferência para um novo curso com dispensa de exame de aptidão - o dos Oficiais Milicianos, na Escola Prática de Infantaria, a EPI, ou, para ser mais preciso, a Estrada Para o Inferno...

Não se me tornou necessário *chumbar* em frequência ou acto final para que me chamassem mais cedo às fileiras, como se dizia. Cerca de dois anos mais tarde, a Pátria mandava-me informar que se sentia muito orgulhosa, enaltecida e penhorada por me ter sido dado o privilégio de ir por ela lutar até à derradeira gota de sangue. Para além dos vinte e três anos só era concedido adiamento aos mancebos que cursavam medicina ou outro curso que fosse útil às Forças Armadas. Aos restantes, sobretudo aos que frequentavam Letras, era-lhes outorgado o privilégio de serem mais depressa recrutados, para que tivessem a dita de ir marchar contra os canhões marchar, abonados de pré e de alimentação até ao dia da morte inclusive...

Outros mais aptos e peritos, que não eu, nas matérias em que o Mestre levou as lampas, encarregar-se-ão decerto dessas minudências eruditas, naturalmente essenciais à compreensão de uma vida intelectual poliédrica. Quanto a mim, prefiro evocá-lo nos prodigiosos instantâneos à mesa da tertúlia, na Brasileira ou no cantinho do Bar das Letras; nos curtos passeios, em dias ensolarados, ao longo da Avenida, paredes-meias com sua casa; nas tardes de convívio, na sua sala de estar, em que o velho relógio de repetição se desenhava em horas, abreviando o tempo...

Sobre ser seu aluno, tive a dita de ficar seu amigo. E ser amigo de Paulo Quintela é sorte que se não pode nem deve enjeitar. Longe de mim querer depreciar a sua actividade docente ao longo de mais de quatro décadas, a despeito dos infindáveis momentos agónicos, transpirados, nas orais, em que o Mestre, por escrupulo e dever de professor mais categorizado da Secção de Germânicas, era presidente de todos os júris.

6

A sua estatura intelectual, ética e cívica, embora indissociável da docência, reside mais no que lhe sobrou do seu mester profissional. Fora da Universidade, à mesa do café, no Bar das Letras ou em outro local de convívio, Paulo Quintela excedia-se ao exteriorizar o quanto sabia e o quanto gostava de ensinar. Muitos entre os quais me conto aprenderam com ele o que nenhuma Universidade estaria apta a ensinar.

Homem de ímpetos relampejantes que de súbito iluminam e condimentam a conversa e a tornam de uma limpidez magnetizante, nasceu com o dom

de encadear e encadear as palavras, amassando-as numa prática encantatória e entrelaçada de factos, lembranças, divagações, reflexões, crítica e de muita má-língua à mistura, também necessária ao respiro do dia-a-dia... Move-se tão à vontade por entre as palavras que não será exagero afirmar-se estarmos perante uma variante pós-moderna de Daniel, o profeta lançado à Cova dos Leões - mansas e submissas, acabaram as feras por vir lambe-lhe as mãos e os pés!

Grande pena haver sido hostil à escrita. Muito teria que contar da sua infância, da vida transmontana das primeiras décadas do século, histórias vividas ou que ouviu contar. Porém, e segundo ele próprio, a vida não é para ser escrita mas vivida em plenitude. Escrevê-la é já embalsamá-la em rígidos caracteres tipográficos. E ele respira o íntimo oxigénio da palavra discorrida e quinhoadá à mesa breve do convívio.

Pelas mãos lhe passaram muitas levas de estudantes tanto da Faculdade de Letras como do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), escola não menos prestigiosa e talvez até mais formadora. De esta, fundada em 1938, a partir do Fado Académico, foi director artístico durante trinta anos, até 1968.

Será difícil não recordá-lo. Com amor ou com ódio. E assim é que está conforme com a sua índole. Um homem da sua envergadura não se compece com a mornidão das meias-tintas sentimentais. Quem porventura lhe queira enxergar o todo é mister que foque as meninas-dos-olhos em determinado ângulo, de tal sorte que abarquem a luz e a sombra de que se entretete a vida de um homem. Se assim acontecer, tamanha será a claridade irradiada que, por si só, consegue obnubilar os pontos sombrios que escurejam o céu da humana fraqueza, aquecendo, dissipando névoas de dúvida, ensinando e enriquecendo todo aquele que tenha tido a dita de se relacionar com o Mestre ou de dele se abeirar pedindo-lhe uma gota de saber...

Nunca a vida se lhe revelou condescendente ao longo do seu já comprido trajecto, ainda que com ela tenha sempre mantido uma relação de enamorado. Até nessa matéria é mestre. E quando se é mestre de vida, isto significa que se está investido de um grau que nenhuma universidade tem competência de outorgar.

Numa destas Sextas-feiras ensopadas de inverno e desânimo fui encontrá-lo recostado na poltrona de napa preta, entregue à leitura, a manta vermelha enxadrezada sobre os joelhos, o candeeiro de pé, de ferro forjado, a lâmpada acesa incidindo sobre o livro, numa agradável sugestão de acon-

chego. Sempre me recebeu de ânimo alumiado. Dessa vez, porém, pressenti-lhe um ciscalho de mágoa na voz: «Estou uma semana mais velho, mas deixo tudo isto sem saudades; que mundo este...»

Fiz-me desentendido e esporeei a palavra para Bragança, a espicaçá-lo. Assisti então ao desfazer da meada do tempo. Principiou a falar das dificuldades e amargos de boca por que seus pais passaram. O Pai, artífice da pedra. A Mãe, a sua sombra, cuidando da lida da casa, cozendo pão para fora. Queriam ambos encaminhar os filhos – «chegámos a ser doze à mesa» – nas veredas do mundo. E boa conta deram do recado, mas, em assuntos de educação, o Pai era severo e rijo. Podia sê-lo, outros eram os tempos. Sempre que algum dos filhos lhe saía do rego traçado, tivesse santa paciência – era chamado à origem, isto é, era posto a trabalhar no ofício de pedreiro. Achando uma vez o *Páter-Famílias* que a falta tinha ido longe de mais, expulsou o filho durante algum tempo do convívio das refeições. Melhor tisana estava ainda por inventar – em menos de um ámen ficava o mandrião esclarecido da dureza do ganha-pão. E como dar serventia a pedreiros não era guloseima que se engolisse de boamente, logo ansiava pelo regresso aos estudos, animado de um força de vontade de ir tão longe quanto a energia anímica desse...

«Eu, por exemplo, dizia-me Quintela, «não poderia aplicar a receita aos meus filhos nem muito menos aos meus netos. Nem tão-pouco tu o podes fazer. Apesar de fiéis à origem, somos em certa medida trânsfugas à nossa condição. No tempo de meu Pai o mundo servia de escola. Foi nela que, aos oito anos de idade, órfão de pai e mãe, aprendeu a soletrar as primeiras letras da cartilha da vida. Com essa tão pouca idade saiu da aldeia de Quintela para a cidade de Bragança na companhia de um irmão mais novo para aí principiar a aprender o ofício que exerceu até morrer. Hoje o mundo converteu-se numa escola ao contrário: cai-se nele para desaprender...»

Das tardes inesquecíveis que passei com Paulo Quintela, escutando-o, extasiado, fui aos poucos alimentando a memória e temperando o ânimo. Tudo quanto fica lavrado em crónica é fruto dessas conversas estendidas pela tarde dentro. Se algum mérito houver no que neste livrinho ficou abreviado, a Paulo Quintela o devo. Caso contrário, sou eu o único culpado. Não tive a aldância bastante para trasfegar para esta escrita o fogo e a impulsividade de suas palavras de feitiço.

No dobrar do século XIX para o XX não era maravilha que um casal humilde dos confins da província, quer transmontana ou de outra proveniência geográfica, concebesse doze ou mais filhos e acabasse por criar dez, são e salvos. Ainda hoje, e em casos de alguma raridade, deparam-se nos situações semelhantes, sobretudo na classe piscatória e em outras de análoga condição socioeconómica. Essa procriação abundante vem explanada nos tratados de Sociologia e nos catecismos religiosos... A admiração reside, isso sim, em fazer com que toda a descendência consiga elevar-se acima da singela condição familiar, sem renegar as origens, e não raro sofrendo as mais desvairadas vicissitudes.

Em condições normais... Ia a escrever naturais, mas Bertold Brecht, naturalizado por Paulo Quintela para a Literatura Portuguesa, soprou-me: «nem tudo o que acontece *sempre* é natural»... Em condições habituais, dizia eu, os dez filhos de Agostinho Paulino Pires e de Abília Vaz Granjo teriam presumivelmente sido pedreiros, camponeses, donas de casa, criadas de servir... Assim não viria a acontecer para que principiasse a existir um certo distúrbio no redil das rígidas normas sociais prevaletentes nessa época e em outras precedentes e mais adiantadas da nossa história.

Paulo Manuel Pires, oitavo de dez filhos, chegou ao mundo no dia 24 de Dezembro de 1905, na freguesia da Sé da cidade de Bragança. O sobrenome, que mais tarde viria a adoptar oficialmente, retirou-o da designação da aldeia do concelho de Vinhais de onde era oriundo seu avô paterno - a aldeia de Quintela. Principiou por ser cognome depreciativo - os de Quintela. Em Trás-os-Montes o povo possui o dom especial de pôr apelidos, quase sempre certeiros e de uma finura psicológica que faria inveja a qualquer letrado. Em obras do Abade de Baçal, João Araújo Correia e de Miguel Torga poder-se-á ler e saborear o resultado dessa atávica aptidão da classe ruralizante de pôr apelidos ao próximo.

A congruência da alcunha fez com que a família a tivesse aceitado e adoptado de boamente como sobrenome. Não só soava bem e era graciosa como do mesmo passo cortava o mal pela raiz: a adopção do *apelido* contrariava a intenção malévola dos maldizentes, o que se tornava descoroçoante – o insultuoso e o picante do proibido perdiam toda a razão de ser... Uma só pessoa parece ter sobrado em Bragança que continuava a despejar, por provocação, o saquinho de fel sempre que o rapazinho Paulo, juntamente com os outros companheiros de folgança, lhe passava à porta moendo-lhe o bicho da paciência. Depois de esgotar o saco das palavras soezes, o velho comerciante judeu, que vendia jornais na cidade de Bragança, virava-se para o Paulo, artilhado de palavras e gestos intempestivos: «E tu, Quintela de uma figa, desembelinha-me essas pernas e põe-te já a mexer daqui para fora, caso contrário...», julgando que o atingia no cerne.

Era o mesmo que chover no molhado. O próprio Paulo Quintela, assim chamado desde que de si dava fé, assinando, ainda como aluno do Liceu, as primícias literárias com esse sobrenome, fez finca-pé em oficializá-lo no início da década de quarenta, os três filhos já desta maneira registados. O então Ministro da Educação Nacional serviu de testemunha, sendo o requerimento deferido e o despacho ministerial publicado no Diário do Governo. De toda a família foi ele o único a pedir sanção oficial do sobrenome. Sobre este assunto, convém recordar algumas palavras proferidas por ele, em Julho de 1973, por ocasião de uma homenagem que lhe prestaram, no Porto, os antigos membros do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra: «Não passo de um pobre homem de Bragança, filho de um pedreiro e de uma padeira, neto (pelo lado da mãe) de um almocreve. Não escondo o avô paterno – mas não sei quem foi nem o que fez na vida. Sei só que deve ter morrido jovem e pobre, numa aldeia do concelho de Vinhais donde tirei o nome.»

10

A noite de consoada daquele fim de ano de 1905, a quinta do século, teve um sabor mais natalício do que o das habituais noites de Natal. Não obstante tratar-se do oitavo rebento, a sua vinda não foi mais uma acha lançada ao borralho da rotina. Pelo contrário. Primeiro, porque todos os filhos do casal foram sempre bem-vindos; segundo, porque o recém-nascido chegava ao mundo numa noite em que a família, por força da tradição, se reunia ao calor da lareira.

Dir-lhe-ia muito mais tarde um amigo ao referir-se à data do seu aniversário: «Mal empregado dia para se fazer anos!» Segundo Maria da Conceição,

sua irmã mais velha, a *Micas*, como era nomeada no círculo familiar, o irmão teria dado os primeiros vagidos já depois da meia-noite. O pai, porém, antes quis registá-lo como tendo nascido a 24 por se tratar de uma noite particularmente significativa e fraterna. Foram seus padrinhos de baptismo os irmãos mais velhos, António Augusto e Maria da Conceição; o primeiro, estudante do Curso Superior de Letras; a segunda, que ajudou a criá-lo, modista de nomeada na cidade de Bragança.

A casa onde nasceu ergue-se paredes-meias com a que seu pai havia já na altura iniciado a construir e que, cerca de um ano mais tarde, viria a acolher a família até à morte de sua irmã Ana, a D. Aninhas, falecida a 30 de Novembro de 1982. Sobre esta casa disse um dia: «Levou decénios a fazer a casa em que cresci. Meu pai só conseguiu acabá-la no fim da vida. ‘Ninho feito, pega morta’, foi, ao que me disseram, uma das suas últimas palavras.»

A tantos anos de distância não é nada fácil imaginar como terá um casal de poucas posses, com uma caterva de filhos para sustentar, a maioria nascida no século XIX e a viver numa cidade que na altura se situava nos cus de judas, sido capaz de congregar forças de ânimo e de outra natureza para imprimir um rumo condigno à vida da progénie. Deverá ter constituído, nesse tempo, um escândalo social, porque só aos filhos-família eram permitidas carreiras ilustradas.

Certo é que o casal constituído por um pedreiro e uma padeira apostou e conseguiu mudar alguns sinais da aritmética social da época. O primeiro abanão foi dado pelo filho mais velho, António Augusto. Após ter concluído os estudos liceais, matriculou-se no Curso Superior de Letras, em Lisboa. O pedreiro vindo de Quintela para Bragança aos oito anos de idade, acompanhado de um irmão mais moço e de uma vontade sem limites de aprender um ofício que lhe garantisse o sustento e o do irmão, iria cravar a primeira farpa no cachaço do destino apostado em espezinhá-lo. Muito devia ter amargado para que não fosse consentido que a sua descendência sofresse o que ele sofreu. A dureza da vida por vezes aguça a mente, pois não será muito comum topar-se um pedreiro de poucas letras garantindo à prole os meios com que transcender a condição familiar e de classe. Tanto batalhou e agenciou que conseguiu.

Coetâneo de Fernando Pessoa no Curso Superior de Letras, António Augusto viria a concluir a licenciatura em Filologia Românica em princípios de Julho de 1909. Logo em Outubro seguinte seria colocado no Liceu de Beja, aí permanecendo um ano lectivo; transferiu-se depois para o Liceu

Emídio Garcia da sua cidade natal. Por Bragança se deixou ficar como professor e reitor – ainda hoje as pessoas que o conheceram ainda se lhe referem como o senhor Reitor – até à aposentação, salvo breves lapsos de ausência em que prestou serviço no Ministério da Instrução.

Passo agora a palavra a Paulo Quintela, que descreveu magistralmente o dia em que foi recebida em casa a boa-nova da formatura de seu irmão e padrinho: «Foi na primeira década deste século, mais ou menos por esta altura do ano. Já o Sol se punha, e o casal voltava da veiga de Gostei a casa, depois de um dia passado a ‘esboucar’, como ele dizia – (Além do mais, devo-lhe, como estais ouvindo, preciosas lições de linguagem.) – Ela trazia na mão, com certeza, o cesto em que levava a comida; ele vinha ajoujado com um grande saco, cheio, possivelmente – e já de caso pensado, pois em breve ia haver festa rija na família e era preciso arranjar mimos de boca – de feijão verde e batatas novas – batatas ‘novas’ eram petisco raro, pois cada uma, pequenina, que se rapava para a panela, era uma grande que mais tarde já se não podia descascar... – E eis que, lá longe, vêem vir a correr uma menina, agitando na mão um papel. E contou-me minha mãe, a chorar e a rir ao mesmo tempo, que meu pai, ao ver a filha, estacou, para pedir conselho à mulher: – «Deixo cair o saco, ou não deixo cair o saco?» É que ele já adivinhava a notícia que o telegrama lhes trazia: – meu irmão mais velho tinha acabado em Lisboa o seu exame final no Curso Superior de Letras. Não deixou cair o saco. E assim continuou, até ao fim da vida, às vezes derreado com o peso do saco, mas sem nunca arrear. Se hoje vivesse e estivesse em idade de o poder fazer, talvez fosse mais uma peça do precioso artigo de exportação com que vamos abastecendo – e não só... – o mercado dos países onde já quase não há proletariado, mas onde continua a haver precisão de escravos. Talvez o pão lhe fosse então um pouco mais abundante, mas com certeza não menos amargo.»

A infância deixa sinais para o resto da vida. Durante esse período, que parece o mais longo, vão-se forjando os elementos indispensáveis da personalidade. Ao longo dos tempos, este tem sido um tema dilecto de poetas e romancistas. O retorno ao paraíso perdido. Não se recorda a infância tal qual aconteceu – os enredos da memória afectiva arranjam maneira de a reinventar, o que faz com que se torne difícil distinguir o real do imaginado. Mas será nessa evocação que se vai deslindando as características do que se é ou do que se desejava ter sido.

A infância de Paulo decorreu de forma idêntica à de qualquer criança de origens humildes dos princípios do século XX. O Largo da Sé de Bragança, muito próximo de casa de seus pais, transformou-se-lhe igualmente no reino encantado da folia e das travessuras próprias da idade. Aí se juntava aos companheiros da sua criação, inventando e descobrindo o mundo. No entanto, houve dois eventos que vieram pôr-se em cena histórica nos primeiros anos da sua vida e que lhe deixaram marcas inapagáveis – a proclamação da República, de que ainda guarda na memória imagens bem vivas, e o problema religioso, de certo modo relacionado com o anterior, que por um bambúrio lhe ficou para sempre resolvido.

Durante a tarde de 5 de Outubro de 1910, preenchida com festa cívica e colectiva, calcorreou uma cidade exaltada e fervilhando de povo pela mão de seu pai, desde há muito fervoroso republicano e apoiante incondicional do Dr. António José de Almeida e do seu Partido Evolucionista, ao qual se havia de manter fiel ao longo da vida. Guarda também na memória o comício realizado em 1911 no Largo da Sé em que António José de Almeida foi o principal orador, lançando invectivas de tribuno sobre os padres e a Igreja, do mesmo passo que apontava para o templo jesuítico que lhe ficava em frente, a Sé de Bragança.

A talhe de foice, refira-se que o amor à Liberdade e à Justiça, que sempre nortearam Quintela (o que lhe havia de granjear alguns dissabores de ordem cívica e profissional), bem como o seu carácter inteiro de democrata, têm raízes pelo menos tão fundas quanto os alicerces das casas que seu pai ergueu em Bragança e seu termo. Ninguém, amigo ou inimigo, poderá negar-lhe essa autenticidade nas suas três facetas: a de homem, a de professor e a de cidadão.

Em Janeiro de 1977, altura em que o Partido Socialista de que era filiado fez uma coligação de governo com o CDS de Freitas do Amaral, Paulo Quintela escreveu uma carta a desvincular-se da sua condição de militante. Acompanhei-o à sede do Partido em Coimbra. Antes de entregar a missiva, teve o cuidado de pôr em dia as quotas em atraso. Poucos dias após este incidente, já a notícia se espalhara nos meios de comunicação social, recebeu um telefonema do director da Revista Opção. Queria ele saber das razões que o tinham levado ao abandono do PS. Resposta imediata de Paulo Quintela: «Porque sou socialista!»

Do segundo evento que lhe marcou a infância – o problema religioso – darei a seguir notícia mais esmiuçada. Ora isto aconteceu numa tarde transmontana, tinha ele seis anos de idade e brincava no adro da Sé com os demais da sua idade e mais velhos. A páginas tantas, principiou o sino da torre de tocar conclamando as crianças para a catequese. De imediato se suspendeu a algazarra e todas elas, incluindo Quintela, se dirigiram para a igreja. Enquanto os companheiros entravam na Casa de Deus para serem preparados na doutrina, ele era expulso do templo pelo abade e pela catequista com o católico pretexto de que era filho de republicano, o que o transformava, *ipso facto*, em inimigo de Deus e da sua Igreja: «Já daqui para fora, seu filho de republicano...» Cristo expulsou os vendilhões do templo utilizando um azorrague. O abade da Sé de Bragança utilizou o chicote da língua. Qual deles o mais lancinante?

14

Ficou vacinado e nunca mais pôs os pés na Sé, a não ser muito mais tarde, sempre que necessitava de alguma certidão de nascimento, ao tempo ainda passada pelo abade. Há alguns anos contou este episódio a um padre e perguntou-lhe à pureza de quem teria sido a culpa de não ser crente nem religioso, embora baptizado na altura própria. Como seria de esperar, o sacerdote ficou empecido. Meteu os pés pelas mãos, pigarreou para esclarecer o raciocínio, e deu como resposta um *sim mas que também...*

No ano lectivo de 1911-1912, nem seis anos tinha, deu entrada na Escola Anexa à Escola Normal de Bragança, na qual, quatro anos depois, em Julho de 1915, concluiu com distinção o exame do segundo grau, a chamada quarta classe. Desnecessário será referir o papel fundamental desempenhado pelo professor de primeiras letras na formação de qualquer jovem a partir da idade escolar. Na primeira República o mestre-escola era considerado, com toda a justiça, um dos pilares mais robustos do edifício educativo. Mau grado o advento do Estado Novo, durante o qual se foi verificando, paulatinamente, uma certa desvalorização do ofício exercido por esses mestres e mestras do ensino basilar, o seu prestígio foi continuando pelo tempo adiante, embora sem a mesma grandeza que lhe havia sido conferida pelos obreiros da primeira República.

Ainda se orgulha das duas excelentes mestras que teve a sorte de apanhar ao longo da instrução primária: D. Cândida Vergueiro, que o levou até à terceira classe, mulher do ex-padre Amaro, na altura Reitor do Liceu Emídio Garcia, de Bragança, e mestre de Latim e de Literatura; e a D. Gaudência, mulher de seu irmão mais velho e padrinho e desde há pouco professor de Português e Francês no mesmo Liceu. Além de mestra-escola, D. Gaudência dava igualmente lições particulares de todas as disciplinas até ao quinto ano do Liceu. Foi com ela que, a partir de determinada altura, Paulo Quintela se tornou ajudante de professor, mostrando já a sua vocação que nunca mais o havia de abandonar.

A sua cunhada era severa. Nunca mais se há-de esquecer do estalo que apanhou em plena aula só porque lhe cheirara que o ajudante havia fumado. Muito jovem contraíra o vício que o havia de acompanhar pela vida fora. Encetou-o da pior maneira, vomitando e tudo! Porém o colega que trouxera para o Liceu um maço de *Incríveis*, comprado com dinheiro surripiado à madrinha, tinha urgência em se desfazer do imbróglio, e toca de repartir o

recheio irmãmente pelos colegas. Ao princípio, Paulo Manuel não queria aceitar a dádiva. Para não passar por fraco, e apesar das agonias, acabou por fumar o cigarro até às pontas dos dedos... Em vez de ficar vacinado, engraçou-se da prática, tomou-lhe o vício que ainda conserva. Como o dinheiro era escasso, aproveitava as piriscas compridas que o irmão e padrinho ia largando pelos cinzeiros de casa. O que mais lhe doeu na bofetada foi o facto de ter sido ferida diante dos alunos de quem também era professor assistente...

Concluída a primeira escola, matriculou-se, no ano lectivo de 1915-1916, no Liceu Emídio Garcia. Com o irmão aí professor, ser-se-ia levado a conjecturar que Paulo teria a vida escolar facilitada. Aluno distinto em todas as disciplinas, se por azar apanhava o irmão em Português ou Francês, não conseguia ultrapassar, nessas disciplinas, a nota de dez valores. De tal maneira era escrupuloso que preferia ser injusto nas notas atribuídas ao irmão a ser acusado de favorecimento... Somente nos exames finais, e sem que o irmão fizesse parte do júri, era reposta a verdade das classificações em Português e Francês.

Desde muito jovem que iniciou a tarefa de ensinar. «Sou professor desde que me entendo», costuma dizer. Já foi referida a sua actividade docente como auxiliar de sua cunhada. Para além disso, ministrava lições particulares aos colegas, sem distinção de disciplinas. Fazia-o não só por vocação, mas também para ganhar algum com que custear as despesas dos estudos e dos poucos extraordinários de rapaz. A família era numerosa. Haviam, entretanto, nascido mais dois filhos, fechando-se deste modo a conta dos dez. Aumentavam as dificuldades. Tornava-se assim necessário que, quem pudesse, contribuísse para o monte, para que a barca da vida ficasse um pouco mais aliviada.

O primeiro vencimento que auferiu como explicador não se retroverteu em metal sonante. Tratou-se apenas de um símbolo - uma argola de prender guardanapos oferecida pela senhora D. Fernanda, madrinha de um colega que tinha as entendedeiras pouco espaçosas para receber a ciência dos compêndios! Paulo tomou conta do rapaz e empenhou-se em abrir-lhe as fontes da memória. O milagre consumou-se. A paga foi a lembrança da argola... Perante o troféu, a mãe disse-lhe: «Nunca te esqueças, filho, que foi este o teu primeiro «ordenado» na vida; guarda-o como recordação»... De facto, ainda conserva no seu escritório a argola que há cerca de setenta anos lhe foi oferecida como remuneração de explicações que dera ao afilhado de D. Fernanda. Juntamente com tão precioso objecto guarda também na memória afectiva o aroma das maçãs que rescendia das taças do aparador da sala onde as lições eram ministradas.

Estudando para seu próprio governo e para ensinar aos que lhe tomavam lições, era a desoras que se dedicava às suas leituras extracurriculares. Nas férias grandes do terceiro ano do Liceu, travou conhecimento com os livros de Camilo, muito bem representados na biblioteca particular de seu irmão. A partir da descoberta desse escritor, passou a ler-lhe uma novela por dia. Tamanho era o seu entusiasmo pela leitura que mesmo quando ia de burro levar a comida ao pai à veiga de Gostei, onde a família possuía umas courelas que aquele amanhava sempre que escasseava o trabalho do ofício de pedreiro, Paulo Manuel levava o livro aberto para não perder tempo (palavras de sua irmã Aninhas). O que lhe valia era a alimária saber de cor e salteado o caminho, porque, se estivesse à espera de ser tangida, nunca chegaria ao destino. O mesmo ocorria no regresso a casa. Não raro, a mãe ou as irmãs iam dar com ele à porta, em cima da burra, absorto na leitura. Cansada de esperar, a jumenta por vezes protestava por tamanha desconsideração e emitia um zurro sentido e magoado... Desse intenso comércio intelectual com a obra de Camilo, surgiu depois uma série de artigos intitulados «Os Tipos Populares de Camilo» - as suas primícias literárias - que vieram a lume em *A Madrugada*, o jornalzinho do Liceu.

Em relação àquele filho a mãe, Abília Quintela, vivia suspensa entre dois sustos - que ficasse cego ou de juízo toldado devido à excessiva leitura. Quanto ao primeiro flagelo, procurava exorcizá-lo arrimando-se a Santa Luzia, padroeira dos olhos, e cuja capelinha, em Bragança, visitava amiúde. Se a isso se dispunha, boas razões teria, porquanto não era pessoa que saísse assim de casa, a não ser na Quinta-feira Santa em que, e segundo mandava a tradição popular, se devia percorrer todas as igrejas da cidade. Quanto ao segundo receio, o de que o filho ficasse louco, uma bela noite não ganhou para o susto. Altas horas, alertada por umas gargalhadas vindas do quarto do filho, ergueu-se e dirigiu-se ao local pressentindo o pior. Ao entrar, deu com o filho a ler à luz do petróleo. Receosa de que os seus pressentimentos se tivessem realizado, perguntou-lhe a medo: «Que tens, meu filho, que te ouvi rir sozinho?» Falar sozinho e - o que é mais - rir sozinho eram sintomas de pouca saúde na mente ou, ainda pior, indício de pacto com o diabo! Tornou-se tarefa difícil persuadir a pobre senhora de que as gargalhadas que escutara se deviam tão-só a certos passos hilariantes do romance que Paulo tinha entre mãos, *A Relíquia*, de Eça de Queirós. Porém, ela não terá ficado muito convencida...

Chegadas as provas de Latim do quinto ano (nesse tempo era disciplina obrigatória no curso geral e no complementar de letras), Paulo foi muito

solicitado pelos condiscípulos mais aflitos que o procuravam para esclarecer dúvidas. O ex-padre Amado, Reitor do Liceu, seguia, nas orais, a ordem das lições da selecta, o que facilitava a vida aos alunos que de antemão ficavam a saber o trecho que lhes calhava. Pela ordem alfabética, Paulo era o último. Tinha tempo de sobra não só para preparar os outros, mas também a si próprio. Chegada a sua vez, o examinador galgou de propósito a ordem dos textos até então seguida e mandou-o que abrisse o livro numa das lições mais complicadas, desafio ao aluno que o mestre sabia brilhante. Não só demonstrou o discípulo sólidos conhecimentos e grande à-vontade no Latim como também levou de vencida o velho Reitor, que em determinado passo obscuro do texto não concordava com a tradução apresentada pelo aluno. Do aceso diálogo que se seguiu, em que cada uma das partes defendia o seu ponto de vista sem arredar um milésimo, resultou a consulta ao tira-teimas, uma tradução francesa que o professor trazia. Feito o cotejo, concluiu-se que Paulo Manuel estava no caminho certo, pelo que o professor, sem qualquer constrangimento, deu a mão à palmatória...

Na vida de um estudante há sempre um professor que o marca visceralmente e lhe traça o rumo do futuro. O mesmo terá acontecido a Paulo Manuel ao preferir, no sexto ano do Liceu, a alínea de Filologia Germânica. Nos dois anos do curso geral havia tido como professor de Inglês o Dr. José Luís Afonso¹, autor de livros didáticos, o que aliado às suas qualidades de mestre excelente se tornou decisivo na opção seguida pelo discípulo. Ao longo dos dois anos do curso complementar viria com efeito a ter a sorte de reencontrar o mesmo professor, o que lhe terá proporcionado um mais aprofundado conhecimento não só da Língua, mas também da Literatura Inglesa, visto que o Dr. José Luís Afonso obrigava os alunos a ler e a comentar, nas aulas, as peças de Shakespeare.

A Língua Alemã, igualmente obrigatória para o curso pelo qual optara, estudou-a e fê-la como aluno externo, em virtude de ter tido o Inglês no terceiro ano, o que o impedia de matricular-se em Alemão no sexto ano. Só se podia escolher uma das línguas germânicas no terceiro ano, mas raros seriam os que se decidiam pelo Alemão. Só um aluno o fez e a instâncias do avô, que na guerra de 1870 entre a Prússia e a França se tornara germanófilo de gema. A França fora derrotada, iniciando-se a partir daí a unidade política da Alemanha e o respectivo império. Tanto bastou para que o neto ficasse com a alcunha de *Alemão* para o resto da vida!

A fim de se propor a exame do sétimo ano, viu-se na necessidade de tomar lições particulares de Língua Alemã. Como havia em Bragança um licenciado em Filologia Germânica, o Dr. Mário Abílio Costa, que dava explicações dessa disciplina, não houve dificuldade. Acrescente-se, a título de curiosidade, que este jovem professor fizera parte do curso inaugural da Faculdade de Letras de Coimbra, que sucedera à Faculdade de Teologia, tendo ini-

¹ Autor da nova versão do dicionário Português-Inglês do Padre Júlio Albino Ferreira, 1942.

ciado a sua actividade em 1912, um ano após ter sido instituída pela recém-proclamada República Portuguesa.

Vou dar um salto no tempo! No decurso de uma viagem que Paulo Quintela e eu efectuámos em Outubro de 1978 a terras de Bragança – memorável digressão sentimental que para mim se converteu num deslumbramento logo iniciado ao subir da serra de Bornes sob um temporal desfeito, à moda transmontana, espécie de provação para o aprendiz aturdido diante da agressividade de uma Natureza excessiva, e decerto para Paulo Quintela uma autêntica e derradeira peregrinação penitencial – fomos uma tarde visitar o velho professor de Alemão, noventa anos lúcidos, que vivia em Bragança numa rua não muito distante da de Quintela. Do diálogo travado entre ambos retive um passo revelador da humildade do ancião em face do antigo aluno que se tornara bilingue e profundo conhecedor da língua que ele, mal ou bem, lhe ensinara os primeiros rudimentos. «Gostava que o meu amigo me esclarecesse a razão por que a palavra *Bauer* está escrita em certos tractores e máquinas agrícolas; ora, se me não falha a memória, a palavra *Bauer* significa camponês; será que existe alguma relação entre a palavra e o seu significado, dado o facto de as máquinas se destinarem ao trabalho outrora feito pelo camponês?» Paulo Quintela despiu os hábitos de Professor universitário e a resposta que deu mais parecia a de um discípulo respeitoso que não gostaria de contrariar o mestre. Tive a impressão de que quem respondeu foi o jovem que nos princípios dos anos vinte se deslocava àquela mesma casa para receber lições de Língua Alemã. «A ligação que o senhor doutor fez está bem vista, mas a palavra *Bauer* é também muito utilizada como sobrenome; o seu emprego nas máquinas agrícolas tem a ver apenas com o nome da fábrica que as produz, é a marca!» Ao despedirmo-nos vi nos olhos de ambos qualquer enigma que traduzi para comigo como *última vez*. Já cá fora, disse-me: «Coitado do velho; das dezenas de professores que tive ao longo da vida é este o único que se encontra ainda vivo; que mundo este!» Dois anos mais tarde, morria em Bragança o último professor de Paulo Quintela.

Além do Dr. José Luís Afonso, houve outro professor que contribuiu em muito para a sua formação filológica e literária. Trata-se do ex-padre Amado, Reitor do Liceu e professor de Latim e Literatura Portuguesa. Casado com a D. Cândida Vergueiro, sua mestra de primeiras letras, foi ele quem o despertou para a obra de Gil Vicente, acabando por ser um dos seus grandes amores. Mais tarde, em Coimbra, vai ressuscitar Gil Vicente para as tábuas do palco, exactamente quando toma em mãos a direcção artística do Teatro dos

Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), organismo académico de que foi director durante trinta anos. Voltando a Bragança ao Liceu Emídio Garcia... Nas aulas do senhor Reitor lia-se e comentava-se Gil Vicente. Era diminuto o curso de letras desse tempo, dois rapazes e duas raparigas. As moças, por vezes, coravam diante de uma palavra mais *avicentada*! Emperavam na leitura, como se pedissem que o professor viesse em seu auxílio. Ele vinha, calmo e apaziguador, procurando arredar preconceitos: «Continue a ler, minha menina; não tenha vergonha, que Gil Vicente representava os seus autos no paço perante a Rainha e as damas da Corte»...

No início do seu sétimo ano do Liceu, em Outubro de 1921, e na sua qualidade de presidente da Briosidade de Bragança, Paulo Quintela fez parte da delegação oficial que foi a Chaves tomar parte no funeral do então chefe do Governo, António Granjo, ainda seu parente afastado pela banda da mãe, que usava esse sobrenome. Havia sido assassinado juntamente com Machado dos Santos, Carlos da Maia, entre outros, na célebre noite sangrenta ou das facas longas, em 19 de Outubro desse ano. Será este primeiro acto público de carácter político do jovem finalista do Liceu de Bragança. Do mesmo modo, a sua primeira intervenção cívica como orador ocorre nesse mesmo ano, ao ser inaugurada a luz eléctrica na cidade de Bragança. Cabe-lhe proferir um discurso de saudação à benfeitoria, do mesmo passo que «faz o enterro» do candeeiro de petróleo e da velha candeia.

Concluídos os exames do sétimo ano com distinção, via finalmente aproximar-se a passos largos o seu ingresso na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Apenas com dezasseis anos de idade, mas já com um vasto currículo de prática de ensino, não seria temerário augurar-lhe uma magnífica carreira académica. Se a tudo isto se juntar uma grande capacidade de trabalho e de inteligência, aliadas ao amor pela «coisa literária», não poderiam subsistir dúvidas quanto ao seu futuro universitário.

É evidente que tais capacidades e qualidades deveriam bastar, só por si, para encetar voos mais altos. No seu caso, porém, nada disso era suficiente, dado que subsistia o eterno problema económico que lhe cerceava as veleidades de entrar na Universidade de Coimbra. A família era acrescentada, pobres os pais, a jorna de pedreiro mal chegava para o sustento de tantas bocas, as courelas pouco abundantes, embora delas arrancasse o pai alguns mimos da panela...

Mais bem avisado será passar-lhe a palavra: «Disse um dia meu pai que passara a vida a arrancar pão às pedras para ele e para a caterva de filhos que

criou e educou com a ajuda da mulher. Se eu o soubesse fazer, e pudesse ganhar a distância interior bastante para vencer a turvação dos olhos, havia um dia de contar por escrito a ‘verdadeira história’ daquela vida de dentes cerrados, passada, como ele dizia, ‘a fazer sombra à barriga’, que só assim de barriga à sombra e de costado ao sol e à chuva, é que podia manejar o pico com que aparelhava as pedras para levantar paredes de casas alheias ou puxar pelo rabo à enxada com que amanhava as magras courelas nos longos meses frios em que a prática do ofício era impossível ou quando o trabalho escasseava.» Com pano de fundo tão sombrio, não se lhe tornava nada fácil obter carta de alforria financeira para prosseguir os estudos superiores em Coimbra.

Um dia seu irmão mais velho entrou em casa com a boa-nova. Acabara de falar com o gerente de um Banco sediado em Bragança. O senhor havia revelado muito interesse pelo estudante que tão brilhantemente concluíra o curso dos liceus e até sabia línguas... O Banco abrir-lhe-ia todas as portas: o candidato teria tão-só que fazer uma tradução do Inglês para o Português, pequena formalidade que serviria para aferir a sua capacidade de tradutor. O irmão entregou-lhe uma folha com um texto em Inglês.

Ao ver-se com o papel na mão, sentiu desmoronar-se o sonho que há muito chocava - o de ir estudar para Coimbra. Caiu-lhe no íntimo uma pedra de gelo. Mas não se deu por vencido! Sem proferir pio, alheou-se do contentamento familiar e dirigiu-se ao seu quarto para dar início à tradução que lhe era pedida para que o Banco lhe franqueasse as portas. O que lhe valeu foi dar ouvidos ao seu diabinho interior antes de encetar o trabalho. Deu-lhe bons conselhos, «Por que não fazes a tradução com erros, de tal sorte que o gerente fique esmorecido com a tua falta de capacidade bancária? Comete erros de tradução e de Português, que te não faz mal nenhum, nem te vão cair os parentes na lama!» Desiludido com o trabalho do aluno distinto que até sabia línguas, o gerente desculpou-se com o irmão, afirmando que o rapaz podia ser muito esperto e inteligente, mas para bancário é que nem jeito nem vocação...

O que uma criatura é obrigada a fazer na vida! Exactamente na área em que Paulo Quintela se havia de tornar famoso - a da tradução - iniciara-a de forma propositadamente desastrada. Quem duvidará do valioso contributo por ele dado à Literatura Portuguesa, traduzindo e recriando poetas da estatura de um Goethe, Hölderlin, Rilke, Nelly Sachs, Nietzsche, Trakl, Bächler?

Escreveu Óscar Lopes: «A ideia a que pretendo chegar é a de que o sentido do acesso que Paulo Quintela nos tem dado à literatura alemã tem

sempre em vista as realidades portuguesas, mas inserindo-as no imenso espaço das aspirações ou sonhos mais exigentes. A vida humana é brutal, e todavia tanto os pés que pisam como o chão pisado são todos feitos da mesma matéria de que se fazem os sonhos; e talvez por isso, ao lado de *Os Tecelões*, de Gerard Hauptmann, Paulo Quintela não quis esquecer a mais ténue fantasia deste naturalista, *A Ascensão de Joaquina*. Que se saiba, o primeiro grupo literário a que Paulo Quintela se agregou foi o da revista «Manifesto», que nos seus cinco números de 1936-37 representou uma viragem, incluindo efemeramente alguns ex-presencistas, num sentido que iria essencialmente condizer com o do neo-realismo em formação. A obra alemã que nessa revista prefere focar é o *Fausto* e ocorre-me também que, antes da tradução antológica comemorativa do 2.º Centenário de Goethe, em 1949, o texto que primeiro deu a público, pela «Seara Nova», foi um fragmento juvenil goethiano da tragédia *Prometeu*, cujo protótipo, *O Prometeu Aguilhoado*, de Esquilo, foi, até por razões conjunturais, um dos mais significativos do repertório do TEUC.»

(Página deixada propositadamente em branco)

Grças à entreatada familiar, principalmente de sua irmã mais velha, Maria da Conceição, conhecida por *Micas* no círculo familiar, de cuja agulha saiu muito do dinheiro que custeou as despesas dos estudos do irmão – Coimbra acenava-lhe agora com outra convicção. De facto, algumas semanas mais tarde, em Outubro de 1922, chegava à cidade universitária Paulo Manuel Pires, também ou ainda mais conhecido por Paulo Quintela, caloiro de Filologia Germânica, dezassete anos incompletos e muita vontade de trabalhar e de vencer. Como saíra distinto do curso liceal, conseguiu isenção de propinas.

Hospedou-se em Coimbra em casa da avó de Luís de Albuquerque, seu futuro grande amigo, sita à antiga Rua das Fangas, oficialmente Manuel Fernandes Tomás. De Bragança chegava-lhe, pontualmente, uma mensalidade de cento e cinquenta escudos, quantia que lhe dava para a pensão, os extraordinários (que só poderiam ser escassos) e ainda para o barbeiro, pago por uma avença de dois escudos e meio mensais, com direito a corte de cabelo de quinze em quinze dias e barba escanhoada duas vezes por semana.

Da Rua das Fangas à Faculdade de Letras, a antiga Peneira, ia-se a pé tanto pelo Quebra-Costas como pela Couraça de Lisboa. Preferia o último itinerário. Foi justamente a meio da ladeira da Couraça que um dia travou o seu primeiro encontro desagradável com a praxe académica. Ia carregado de livros e dois dicionários para um exercício de frequência de Língua Inglesa com o velho professor Opie, quando, a páginas tantas, é intimado por um *doutor* de capa e batina vindo da Estação Nova, do comboio: «Ó caloiro, carregue-me a mala...» Não gostou do desplante. Completara dezassete anos há pouco tempo, era alto e entroncado, enxuto de carnes e explosivo, e ao ouvir de novo a ordem pesporrente respondeu, meio agastado e já quase fora de si: «Olhe cá, não tem olhos nessa cara para enxergar que vou carregado...» e acrescentou: «Mesmo que o não fosse, não me está no feitio servir de criado a ninguém, ouviu?» Ia o outro a puxar dos galões da veteranice, mas o caloiro

não lhe deu tempo, foi crescendo para ele e, entre dentes, já a espumar de raiva, foi-lhe dizendo, à laia de aviso: «Como estamos ambos sozinhos, podemos resolver, aqui e já, o caso de homem para homem...» O doutor embatucou, deixou cair a cabeça sobre a calçada e lá foi seguindo o seu caminho de rabo murcho entre as pernas, a mala de viagem na mão...

Na casa da Rua das Fangas foi um dia abordado por um parente da patroa, Guilherme de Albuquerque de seu nome, que, muito em segredo, o convidou a ingressar na Maçonaria. A resposta não se fez esperar e saiu-lhe da boca um rotundo não. O senhor, porém, não deu por finda a sua missão de recrutamento, visto que, tempos depois, e dessa feita por intermédio de uma terceira pessoa, José Praça, amigo do irmão António Augusto, conseguiu que Paulo se deslocasse de propósito ao Porto, onde de novo foi aliciado a fazer parte da discreta instituição. Manteve a mesma atitude negativa e ainda hoje confessa que nunca se arrependeu.

Guilherme de Albuquerque, tio de Luís de Albuquerque - esclareceu-me Paulo Quintela - era parente de um professor universitário de medicina com o mesmo nome e que vem referido *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho, a quem um aluno dedicou esta magnífica quadra: «Haverá por'í quem merque / - Gritava o homem na feira - / Vassouras da bigodeira / Do Guilherme de Albuquerque?... Quanto a Luís de Albuquerque, ao tempo uma criança que poucos anos mais tarde haveria de ingressar no Colégio Militar, passando a vir a Coimbra nas férias e num ou noutro fim-de-semana. A partir daí, floresceu uma amizade que se prolongaria pela vida fora. Este seu velho amigo é um verdadeiro grafómano: desde os finais dos anos trinta mantém meticulosamente um diário. Sempre que Paulo Quintela pretende refrescar a memória acerca de um acontecimento que já se lhe esfumou da lembrança, é para o seu velho amigo que apela. E nunca, que se recorde, a tal fonte terá recorrido em vão.

Nos anos vinte os cursos de letras eram constituídos por um tronco comum de disciplinas. Apenas um pequeno núcleo de cadeiras, consoante a especialidade escolhida pelo aluno, os diferenciava entre si. Assim, teve Paulo Quintela oportunidade de ter um Mestre que o impressionou de tal forma que ainda hoje o recorda. Considera-o o melhor professor de toda a sua vida. Trata-se do Doutor Paulo Merêa, professor de Direito, que ao tempo ministrava também aulas de História de Portugal na Faculdade de Letras.

As aulas do Doutor Merêa causavam assombro em quem o escutava. Sempre que preleccionava, tombava um silêncio absoluto no interior da sala

de aula. Os alunos embriagavam-se com as suas palavras. Enquanto falava, peripatetizava ao longo do estrado, uma extraordinária expressividade de gestos e uma não inferior facúndia. Certo dia, porém, e enquanto expunha a matéria, desequilibrou-se num dos extremos do estrado e estatelou-se no meio do chão. «Pois nenhum caloiro se atreveu a rir; manteve-se o silêncio, do mesmo passo que o Mestre se levantava e sacudia o pó; retomou depois a prelecção como se nada tivesse acontecido, tal o respeito e a admiração que infundia.»

Terminou o primeiro ano de Filologia Germânica com classificações muito acima da média. Regressa a Bragança para férias grandes, mas a pouca sorte bate-lhe ao ferrolho: um melindroso contratempo de saúde que ele próprio rotulou de «rapaziadas» impede-o de voltar a Coimbra no ano lectivo seguinte. Durante esse ano que inesperadamente passou em Bragança, divide o tempo pela leitura e pelas lições particulares, a fim de amealhar algum com que atenuar a despesa dos estudos que há-de retomar no ano lectivo seguinte. Durante esse interregno, dedica-se a outra actividade que igualmente o seduz - o teatro. O pai e o irmão António dirigiam um grupo de teatro amador cujo grémio estava sediado na Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança. A própria irmã Ana pisa as tábuas do palco, o que para a época era um acto arrojado.

Abília, sua mãe, vivia em arrelia permanente. A tendência artística da família não se quadrava com a sua índole. «E lá teria as suas razões, coitada!», desabafa o filho. Já anteriormente se havia oposto com veemência a que o Paulo aprendesse violino. Ainda chegou a tomar algumas lições de música a um professor da cidade, mas, perante a resistência da mãe, acabou por desistir. «Estou arrependido de lhe ter dado ouvidos! Tudo porque, segundo ela, a música só servia para me distrair dos estudos, receosa de que eu, depois de saber tocar, passasse as noites em serenatas...»

Quanto ao teatro, nunca conseguiu aquela senhora demover o marido nem muito menos os filhos. Para sua consumição, lá continuavam ensaiando e representando no palco da Associação. Agora via outro membro da família a transviar-se. Ao contrário do pai e dos irmãos, Paulo não representava, servia apenas de ponto... Foi ele quem *pontou* o célebre drama em três actos, *Gaspar, o Serralheiro*, cujos papéis principais estavam a cargo da família: o serralheiro, desempenhado pelo pai; a filha do serralheiro, pela irmã Aninhas; o namorado da filha do serralheiro, pelo irmão António. Outra peça famosa em que serviu de ponto foi a *Ceia dos Cardeais*, encenada pelo irmão. Nunca

se há-de esquecer da fala de um dos cardeais desempenhado pelo Lafunfa: «E Vossa Eminência amou?»», ao que Lafunfa replicava: *tamvém, tamvém...*

Estar dentro da máquina do teatro, assistindo aos ensaios e servindo de ponto, inculcou-lhe ou acirrou-lhe um inveterado amor à arte que, anos mais tarde, desabrocharia em Coimbra numa inflorescência que ainda não desverdeceu. O TEUC foi de facto uma escola de teatro, um viveiro de muitas gerações de estudantes que, findos os seus cursos, se encarregaram de espalhar a semente pelos locais aonde foram exercer a sua actividade profissional. Ainda hoje existem grupos de teatro dispersos por este país e também em algumas escolas orientados por antigos elementos do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Nos meados da década de trinta, Paulo Quintela viria ser actor, numa encenação sua do *Urfaust*, de Goethe, juntamente com os seus alunos de Filologia Germânica de então. Desempenhou o papel de Fausto, sendo igualmente de destacar o de Mefistófeles, a cargo de António Leitão de Figueiredo, futuro professor e metodólogo no Liceu Normal de D. João III, de Coimbra, e autor dos livros didácticos de Língua Inglesa dos antigos sexto e sétimo ano do Liceu. Porém, a consagração de Paulo Quintela como actor chegaria muito mais tarde, em 1962, em plena crise académica, numa altura em que o TEUC levou à cena, no velho Avenida, a peça, *A Sapateira Prodigiosa*, de Garcia Lorca, incluída no IV Ciclo de Teatro do CITAC (Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra). Na véspera do espectáculo, o estudante a quem fora distribuído o papel enviou um telegrama anunciando que não podia estar presente. Quase se gerava o pânico no grupo, mas Paulo Quintela aquietou os ânimos, prontificando-se a substituir o faltoso. E fê-lo com mestria. Acabou por provar ser um grande actor. Por isso, a Academia, delirante, aplaudiu-o de pé. A ele, sapateiro, e à Guida Lucas, a sapateira prodigiosa!

Curado da maleita que o apoquentara e o retivera em Bragança durante um ano lectivo, volta para Coimbra em Outubro de 1924, não só como estudante de Letras, mas igualmente de Direito, em cuja Faculdade se matricula nesse mesmo ano. Não vem sozinho - acompanha-o sua irmã Maria da Conceição, a *Micas*, que vêm residir na Rua do Cosme numa casa pegada à do poeta Eugénio de Castro, rua desaparecida com as demolições ocorridas nos anos quarenta na Alta de Coimbra, e hoje fazendo parte da nova Faculdade de Letras, inaugurada em 1952. Recebem estudantes como hóspedes, forma de aliviar as despesas e garantir a subsistência de um estudante vindo de Trás-os-Montes. Mas Maria da Conceição só permanece em Coimbra durante esse ano lectivo. Verificando que o seu ofício de modista lhe dava mais proventos em Bragança, para lá regressa com a sua costura, da qual saiu muito do dinheiro que custeou as despesas dos estudos do irmão.

Esse ano torna-se-lhe fundamental. Não pelo facto de se ter matriculado em Direito, a cujos actos do primeiro ano nem tão-pouco haveria de comparecer, mas porque vai ter como colegas Vitorino Nemésio, Sílvio de Lima, Lopes de Almeida, para apenas citar alguns. Com eles manterá relações de amizade e camaradagem que se prolongarão vida adiante, apesar das diferenças de ideias e ideais que os separavam. Todos mais velhos por se terem transferido de outras Faculdades, matricularam-se na Faculdade de Letras no ano em que ele se encontrava retido em Bragança. Vai ser com eles que irá prosseguir o curso, embora fossem colegas apenas nas cadeiras comuns.

Enquanto estudante, tinha por hábito deitar-se às dez da noite e erguer-se por volta das quatro da madrugada. A esta hora matutina sentava-se à banca de trabalho, queimando, sem metáfora, as pestanas à luz da candeia. Ainda hoje guarda ciosamente o candeeiro de azeite que lhe dera a mãe quando veio para Coimbra. Às nove da manhã já tinha o dia ganho. Saía de casa com destino à *Peneira*, que ficava defronte de sua casa da Rua do Cosme. Nesse ano

lectivo de 1924/25, ainda a Faculdade de Letras se encontrava em construção. Pouco mais de vinte anos mais tarde, estava já ela comprimida entre os muros da actual Biblioteca Geral, tendo o seu miolo sido implodido no decurso de vários anos para que, no seu espaço, fossem construídos os silos para os livros, a sala de leitura, e outros cómodos próprios de Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que só veio a ser inaugurada em 1965. Durante um longo período foi apenas fachada, muros laterais e do fundo, estando sitiada, no seu interior, a antiga *Peneira*. Durante o período do Estado Novo havia pressa em fazer inaugurações, mesmo que o conteúdo da obra a inaugurar não correspondesse ao continente. O caso da Biblioteca Geral era um exemplo. Foi inaugurada à pressa e para *inglasver*, em 1959, pelo então Presidente da República, Américo Tomás...

Bastava-lhe seguir pela Rua do Norte ou pela Rua de São João (as duas extremidades da Rua do Cosme desembocavam em ambas as ruas da Alta coimbrã) e atravessar em direcção à *Peneira*, defronte da Alameda de Camões. Para que se fique ciente da contiguidade dos edifícios e do silêncio que então reinava, será interessante contar a experiência que Quintela fazia muitas vezes. Antes de sair de casa, regulava o despertador para a hora em que a lição na Faculdade devia terminar. Quando chegava o momento, ouvia-o despertar na sala de aula, como se estivesse no quarto ao lado.

O Largo do Leão! Assim denominado por via do leão de bronze que fazia parte integrante do monumento a Luís de Camões, outrora no largo defronte da casa do poeta Eugénio de Castro e agora relegado para um recanto ajardinado, no seguimento da mata do Jardim Botânico, mesmo à ilharga da empena do antigo CADC, hoje Instituto de Justiça e Paz. O leão de bronze não possui testículos. A ausência de tão importante apêndice anatómico constituiu para muitas gerações de estudantes motivo de chacota e de mote de gozo aos caloiros. Quando no princípio dos anos quarenta o camartelo iniciou a destruição da Alta, o monumento a Luís de Camões foi removido. O leão de bronze foi para o Pátio da Inquisição e anos depois para o átrio exterior da entrada da Associação Académica, no Palácio dos Grilos. No início da década de sessenta, após o novo edifício da AAC ter sido inaugurado, o leão de bronze foi trasladado para um recanto do jardim onde permaneceu até à reabilitação do monumento a Luís de Camões no local onde hoje se encontra.

Embora o local escolhido peque pela sua extrema humildade se comparado com a grandiosidade balofa do monumento erguido, nos Arcos do

Jardim, ao Papa João Paulo II, é de louvar a lembrança das autoridades, creio que municipais. Só que as suas congéneres académicas deveriam ter decerto uma palavra a dizer. E esta seria a de que o monumento a Luís de Camões poderia muito bem ter sido reerguido no antigo local e reconstituído como dantes. Faltam os dois versos dos Lusíadas esculpidos em bronze no pedestal da estátua, sem os quais não se compreende a castração do animal esculpido em bronze: *Melhor merecê-los sem os ter / Que possuí-los sem os merecer*.

Findas as aulas, era no Largo do Leão que Quintela desfrutava as tardes a trocar ideias e a discutir com os Integralistas, com sede na Rua do Cosme, paredes-meias com a sua casa. Sempre gostou de acamaradar com pessoas que não comungassem das suas ideias. Só assim poderia haver um diálogo vivo e interessante. A partir de 1922, com a ascensão do fascismo em Itália e da ditadura de Primo de Rivera, em Espanha, os Integralistas portugueses principiaram a ganhar certa influência na Universidade de Coimbra. Consideravam-se um escol pensante que se insurgia contra o demoliberalismo. Provinham sobretudo da aristocracia e da alta e média burguesia. O ainda não muito futuro Estado Novo haveria de ir buscar muitas das suas raízes à doutrina do Integralismo Lusitano.

Com eles mantinha acesos debates político-ideológicos. Nesse tempo tinha um amigo que frequentava a Faculdade de Direito, Francisco Sargo Júnior, o Sargo das Ilhas, que gostava muito de assistir às discussões políticas travadas com os Integralistas. Não intervinha, mas acendia-se-lhe o ânimo ao apurar que o amigo zurzia os companheiros. Quem não gostava da sua presença eram os Integralistas. Ficavam incomodados. Sempre que queriam ver-se livres do Sargo das Ilhas, um deles olhava o céu: «Isto é que vem aí uma trovoadas», e logo o ilhéu da Madeira se punha com dono, normalmente rumava ao seu quarto de estudante, para se enrolar entre cobertores de papa e de pânico, tal qual Vitorino Nemésio, que, em ocasiões de pré-trovoadas, fazia exactamente o mesmo!

Esta convivência com estudantes integralistas não raro constituía uma fonte de equívocos. Gente havia que julgava que Quintela seria também um deles. E um dia deu-se o insólito. Na intentona do 28 de Maio de 1926, ele foi um dos que se juntaram às muitas centenas de pessoas que, não acreditando nos ideais da Revolução de Braga, se aglomeraram na Praça de Sansão (hoje 8 de Maio) para dar *vivas à cristina*, enquanto as tropas do marechal Gomes da Costa desfilavam a caminho de Lisboa. A dada altura, abeira-se um estudante de capa e batina que lhe diz num desabafo: «E eu que estava

convencido que você era integralista, quando afinal...» Não o deixou terminar a frase, «Integralista a puta que o pariu, viva a República», ripostou com a sua habitual e característica veemência explosiva!

Quando conheceu Vitorino Nemésio aferiu logo que se encontrava diante de um artista. O seu ar esgrouviado, botas avermelhadas com a capa e batina, dava-lhe um ar de pessoa fora do mundo. Nesse ano de 1924 havia ele acabado de publicar o seu primeiro livro de contos, *Paço do Milhafre*, apadrinhado por Afonso Lopes Vieira com uma carta-prefácio muito lisonjeira. O livro saiu com a chancela da Imprensa da Universidade de que Nemésio era revisor para ganhar o seu sustento como estudante universitário. Dois anos mais tarde, ainda estudante, viria a publicar o seu primeiro romance, *Varanda de Pilatos*, livro de juventude que não envergonha nenhum escritor.

Nemésio estudava pouco. Não teria muito tempo! Antes das frequências, chegava-se a Quintela para se informar da matéria que vinha para o exame. Ouvia o que lhe dizia o colega, ia tomando notas num cartão-de-visita, e por fim entrava na sala de aula. Perante o papel da prova, escrevia o que sabia e inventava o que não sabia. Numa frequência de História Medieval, da regência do Doutor Gonçalves Cerejeira, Nemésio, como de costume, chegou-se à beira do amigo e perguntou-lhe as linhas gerais da matéria. Durante a prova desunhou-se a escrever. Dias mais tarde, o professor apreciava e comentava, na aula, as provas escritas uma por uma, tão poucos seriam os alunos. Ao chegar ao exercício de Nemésio, «Quanto ao exercício de frequência do senhor Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, tenho a dizer que mais me parece uma página de Anatole France...», tal era já a sua capacidade de escrita.

Lá escrever bem, venha aí quem o negue, e com facilidade, o que já poderá ser um estorvo, mas, segundo Paulo Quintela, Nemésio escrevia com a mesma naturalidade com que mijava. Anos mais tarde, leitor de Português em Bruxelas, Nemésio havia de surpreender Miguel Torga pela facilidade de escrita. O passo que a seguir se transcreve do tomo III de *Criação do Mundo* ilustra bem tal agilidade: «Ao cabo de algumas horas de comboio, fui encontrá-lo confortavelmente instalado num quarto burguês, a matraquear à máquina um ensaio sobre Valéry. Depois das primeiras efusões, com medo de o interromper, fiquei calado. – Vai dizendo, que isto tem de seguir hoje... – Acaba lá primeiro. – Ainda demora. Conta, conta... – Pasmado, assisti então ao fenómeno de o ver a conversar e a escrever ao mesmo tempo. A mais perra gaguez literária tinha diante dos olhos a fluência personificada.»

No último ano do curso, Nemésio transferiu-se para a Faculdade de Letras de Lisboa. Isso deveu-se a pequenos atritos com o poeta Eugénio de Castro, professor de Literatura Francesa, que o não classificava com as notas que Nemésio julgava merecer. A gota de água que fez transbordar o copo da paciência do autor de *Oaristos* terá sido uma conversa que o aluno com ele manteve em sua própria casa. Já Nemésio andava nesse tempo a par das novas correntes literárias francesas. Lia tudo o que lhe vinha à mão sobre o assunto. A fim de mostrar ao professor de Literatura Francesa as suas habilidades, perguntava-lhe, insistentemente, no decorrer da conversa: «O senhor Doutor já leu este livro?», e debitava o título e o nome do autor, assim como o que nele se tratava. A pergunta repetiu-se variadíssimas vezes ao longo da conversa e com outras tantas obras literárias. Eugénio de Castro, visivelmente agastado com a insistência insolente e do ar de sabatina que estava imprimindo ao diálogo, interrompeu-o e respondeu-lhe: «Saiba, meu caro senhor, eu já li o que tinha a ler, agora só releio», e assim arrumou o assunto e a conversa.

A ida de Nemésio para Lisboa, em cuja Faculdade de Letras se licenciou e depois se doutorou com a tese *A Mocidade de Herculano*, em nada buliu com a íntima amizade que o unia a Quintela. Continuou a manter casa em Coimbra, no Tovim, onde escreveu parte da sua obra. Vinha a Coimbra todas as semanas e encontravam-se quer na casa de um, quer na casa de outro. Conversavam e passeavam muito, sobretudo nos arrabaldes da cidade. Num desses passeios, nos anos cinquenta, deu-se um episódio anedótico que merece ser narrado. Numa tarde de Domingo foram ambos e as respectivas famílias até São Marcos, a cerca de uma vintena de quilómetros de Coimbra, em cujo palácio já vivia o pretendente ao trono de Portugal, D. Duarte de Bragança. Visitaram a Capela, muito perto do palácio, onde El-rei D. Sebastião rezou um dia e, após a visita, encaminharam-se para a cerca do palácio. Às tantas, aparece o duque, enxofrado, por ver que a sua propriedade havia sido invadida por desconhecidos e, dirigindo-se aos visitantes com ar de majestade ofendida, admoestou-os, em mau português, que aquela propriedade tinha dono. Desfeito o equívoco e feitas as apresentações a cargo de Nemésio, o duque de Bragança até se mostrou penalizado pela atitude que tomara tão intempestivamente e pediu desculpas. A historieta foi ao tempo muito badalada e dela correram diversas versões, como é intrínseco do espírito coimbrão. O próprio Nemésio teria aproveitado o episódio para uma das suas crónicas jornalísticas. Porém, a versão mais hilariante, e talvez a que mais se coadunaria com o feitio temperamental de Quintela, foi aquela em que Sua Alteza ao deparar com

estranhos nos seus domínios teria dito: «Eu sou o duque de Bragança; que desejam os senhores?», ao que Quintela teria ripostado: «Eu sou Paulo Quintela, também de Bragança, muito prazer...» *Si non è vero è bene trovato!*

Em 1976 Vitorino Nemésio foi episodicamente director de um diário da capital, *O Dia*. Tanto ele como o amigo de Coimbra já se encontravam jubilados: Nemésio desde 1971; Quintela desde 1975. Durante o lapso de tempo em que Nemésio dirigiu *O Dia*, manteve com o amigo de Coimbra uma intensa correspondência, por vezes diária, quase sempre em verso humorístico. Numa dessas cartas enviou-lhe um soneto em que celebra, um tanto tardiamente, o jubileu do antigo colega e amigo: «Paulo, deixei passar teu jubileu / De amores - desta vez não vicentinos / Mas filiais a Minerva, que te deu / Nas penas da ave o módulo dos trinos. // Setenta anos tão íntimos com o Orfeu / De Rilke, Höderlin, em guirlandas de hinos, / Fizeram teus passos peregrinos / Tão altos ritmos que Portugal mereceu. // Assim te sagram poeta os que verteste / Da mais oculta língua da Harmonia, / Plurissémica espécie de mulher, // Tão claros, pelo bem que os entendeste, / Como a cal que teu Pai (sua poesia / De pedreiro) estendia na colher.»

No dia 20 de Fevereiro de 1978, ao entrar no bar da Faculdade de Letras, onde todos os dias me encontrava com Paulo Quintela e outros amigos para a comunhão da conversa, fui encontrá-lo num farrapo. Com a voz embargada e os olhos num turbilhão de lágrimas: «Lá morreu o Nemésio», conseguiu ele a custo desabafar, e pouco mais adiantou. A seguir pediu-me que o levasse a casa, não estava em condições de conduzir. Ao entrarmos no automóvel estacionado no largo fronteiro à Faculdade de Letras, reparou na bandeira a meia haste na torre da Universidade e explodiu em choro convulsivo. Alguma coisa de muito importante havia acabado de falecer dentro dele. Ao outro dia, à entrada do cemitério de Santo António dos Olivais, era um homem desnortado. E quando chegou de Lisboa o carro funerário com os restos mortais do seu grande amigo, redobrou o desnorte - parecia que um pedaço de vida lhe havia sido amputado. O abraço que deu a Manuel Nemésio, fardado a rigor no seu uniforme da Marinha, escapa às palavras. Quintela não se achou com ânimo para entrar no cemitério. Ficámos ambos sentados num degrau da escadaria da igreja de Santo António dos Olivais. Abandonado à sua dor, ainda conseguiu articular: «O filho veio fardado numa última homenagem ao Pai, que gostava muito de o ver assim; o Nemésio sempre foi muito sensível aos uniformes; coitado do meu amigo Nemésio»...

Regressando ao ano lectivo de 1924-1925, sublinhe-se que Quintela também se inscreveu no curso de Direito, cujo primeiro ano não havia sequer de concluir. Na Páscoa desse ano decidiu não ir a Bragança passar as férias com a família. Quedou-se antes por Coimbra, com o intuito de preparar as cadeiras do primeiro ano jurídico: queria apresentar-se habilitado e confiante aos actos finais. Um dia, ao subir as escadinhas do liceu (cujas ruínas ainda se encontram, subindo e descendo, com maior doçura e muitas falhas de degraus, à ilharga da actual escadaria monumental), deu de rosto com o seu professor da Faculdade de Letras, Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, que vinha em sentido descendente. Tanto o mestre como o discípulo se apreciavam mutuamente. Ainda hoje recorda o velho professor de História Medieval com muito carinho e apreço intelectual. Apesar de ideologicamente se situarem nos antípodas, nunca o discípulo teve receio de, em ocasião propícia, enaltecer o Mestre quer privada quer publicamente. Deu disso testemunho ao longo dos anos, a última vez em 24 de Abril de 1985, na Biblioteca Joanina, em discurso de agradecimento pelo 1.º Prémio Europeu de Tradutores atribuído pela Stiftung FVS. Quanto ao Doutor Gonçalves Cerejeira, declarou muitas vezes que Quintela havia sido o melhor aluno que lhe passara pelas mãos em toda a sua vida de professor.

Naquele dia de férias da Páscoa de 1925, deu-se então o encontro com Cerejeira nas escadinhas do liceu. O diálogo que se seguiu terá sido decisivo para o futuro da vida académica de Quintela. Surpreendido por encontrar o aluno em Coimbra em plenas férias, o ainda futuro cardeal perguntou-lhe a que se devia o facto. O discípulo explicou-lhe que andava a preparar-se para os actos finais de Direito. O Doutor Gonçalves Cerejeira, que decerto não via com bons olhos a possível fuga do seu aluno para outra faculdade, deu-lhe alguns conselhos e fez-lhe um aviso: ou bem que estudava Direito, ou se dedicava às Letras; as duas coisas ao mesmo tempo é que não se harmonizavam.

E como sabia que Quintela era um aluno brilhante da Faculdade de Letras, acentuou-lhe a necessidade da desistência do curso jurídico. Convencido com os argumentos aduzidos, Quintela interrompeu a preparação das cadeiras e nem sequer se apresentou a exame final na Faculdade de Direito.

Nesse ano apresentou-se às inspecções militares. Não passou de mancebo – isento de ou inapto para todo o serviço militar. Este breve contacto com a tropa bastou-lhe, porém, para ficar mais que elucidado acerca das suas virtudes. Enquanto aguardava, em pêlo, a sua vez na fila, à sua frente encontrava-se um rapaz com defeito físico: uma enorme broa sobre as costas. Por vergonha, achou que seria desnecessário despir a camisa, uma vez que, mesmo com ela vestida, era bem visível a marreca. Ao chegar à mesa, um oficial superior mandou-o despir a camisa em tom desabrido. Perante o espectáculo daquele aleijão escancarado, Quintela ficou revoltado, mas não reagiu como talvez tivesse sido seu íntimo desejo. Ao chegar a sua vez, o mesmo oficial, no mesmo tom desabrido e insolente, «Nome? Filiação? Profissão?», embalado no autoritarismo que lhe conferia a patente e que a cena anterior havia acentuado, em face da resposta, «Estudante de direito e letras da Universidade de Coimbra», o oficial abriu-se num sorriso subserviente e disse para o mancebo: «Faça o favor de se aproximar do médico», em tom muito respeitoso, o que fez com que Paulo pensasse, «Misérias humanas», ficando na dúvida se a sua revolta de há pouco se deveria à atitude do graduado para com o aleijado, se ao seu servilismo de agora perante o estudante universitário.

No ano lectivo seguinte, Paulo Quintela candidatou-se a senador, isto é, a representar os estudantes no Senado da Universidade de Coimbra. Ficou, porém, derrotado por um voto apenas. Ganhou um estudante de medicina, João de Oliveira e Silva, conhecido na academia por Bló. Alguns anos mais tarde, havia de ser professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina, tendo igualmente concluído a licenciatura em Direito. Segundo me contou Quintela, o seu adversário nas eleições para o Senado atrasou, propositadamente, o curso de Medicina para poder usar, em simultâneo, as fitas de quintanista de ambas as faculdades onde se matriculara. Nessa altura, dizia-se por pilhéria na academia que o Bló usava fitas menstruadas... Quando alcançou a cátedra de Fisiologia, publicou uma sebenta que dava gosto ler pela pompa da sua escrita e do seu estilo literário. Definia, por exemplo, o ciclo menstrual feminino como «uma lágrima de um útero desiludido». E quando, em plenas provas de doutoramento, o arguente lhe criticava o estilo da tese, pouco consentâneo com a ciência médica, que devia ser servida por uma linguagem simples, clara,

objectiva e sucinta, o candidato, «Se a língua é bela, por que não cultivá-la?» replicou, perante o júri, o candidato a doutor...

Apesar de o amigo Sargo das Ilhas ter feito uma campanha fervorosa a favor de Quintela, empenhando-se sobretudo junto do eleitorado feminino, chegando a ameaçar as pequenas de que as acusava aos namorados se não dessem o voto ao candidato democrático - tudo se saldou numa derrota tangencial. A acção de Dionísia Camões, licenciada em Letras e finalista de Direito, conseguiu ser ainda muito mais eficaz. O eleitorado feminino acabou por dar a vitória escassa ao candidato do CADC (Centro Académico da Democracia Cristã), a escola da dupla Cerejeira / Salazar. Mas, e esquecendo divergências, celebrou-se a vitória de Bló com um jantar de homenagem em que estavam presentes o Magnífico Reitor, os representantes dos organismos académicos e da Associação Cristã de Estudantes (ACE) e Quintela, não como candidato vencido, mas como Presidente da recém-criada Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra. Nesse jantar, é-lhe dado assistir a uma magnífica oração de um estudante de medicina ilhéu, Freitas Pimentel, que, instado a falar, se levantou: «Bebo à saúde do senhor Reitor e de sua excelentíssima família», e mais não disse! Mais tarde, acabou por se refugiar, como médico, na Ilha do Faial, onde foi Governador Civil durante anos esquecidos, tantos que foi, nessa qualidade, que disse a Miguel Torga, seu colega, quando este, em 1970, foi em digressão às Ilhas: «Sou o único Governador que, depois dos descobrimentos, acrescentou o território português» - referia-se à nova ilha formada pelo vulcão dos Capelinhos em 1957!

A Associação Cristã de Estudantes era uma organização americana controlada por uma igreja protestante, os Stollings, que, entre outras coisas, incentivava a prática desportiva. Foi nessa Associação que Aurélio Quintanilha, professor de Botânica, escandalizou a camada professoral da época ao jogar em calções com estudantes, não raro quebrando-se as canelas mutuamente. Andava, além disso, vestido em mangas de camisa, calçava sapatilhas, o que, dentro do preconceito puritano da Universidade e aos olhos da sociedade, o fazia afundar cada vez mais. Se a tudo isso se acrescentar que ainda praticava nudismo no Mondego, não restarão quaisquer dúvidas de que se estava em presença de uma *persona non grata* ao balofo meio académico e político, o que lhe valeu, em 1935, a expulsão da Universidade por um decreto de Salazar. Em casa de Aurélio Quintanilha viria Nemésio a conhecer Gabriela Monjardino, de ascendência terceirense, com quem se casou ainda estudante.

O poeta António de Sousa foi durante muitos anos presidente da Associação Cristã de Estudantes, que mais tarde se transformaria em ACM, Associação Cristã da Mocidade. Formado em Direito e bom poeta, não tinha grande jeito nem inclinação para o foro. Fernando Assis Pacheco, aluno distinto de Paulo Quintela, publicou, em 1987, um livro de versos intitulado *Variações em Sousa*, dividido em três partes, ao longo das quais nos dá uma Coimbra mui diferente da tradicional lengalenga romântica e caduca. Talvez tivesse querido homenagear o esquecido autor de *Sete Luas*, de *O Náufrago Perfeito*, da *Jangada*, do *Livro de Bordo*, da *Linha de Terra* e da *Terra ao Mar...* No início de cada parte de *Variações em Sousa*, Fernando Assis Pacheco coloca como epígrafe um verso de António de Sousa: 1. *Ai grave Coimbra dos senhores doutores / que são do mundo a oitava maravilha!* 2. *Nas pálpebras a lágrima - o aljôfar, / como se diz no bem falar romântico.* 3. *O céu estava pedrês...* Como dirigente da ACE, António de Sousa ia ganhando a vida e por Coimbra se ia deixando ficar. Os americanos estavam satisfeitos com o seu desempenho. Tanto assim seria que, organizadas e consolidadas as estruturas da ACE, se preparavam para abandonar o país: consideravam ter deixado em boas mãos a chefia daquele organismo religioso, cultural e desportivo. Só havia um pequeno porém: António de Sousa não era membro da religião dos Stollings, o que constituía um impedimento à sua permanência como presidente da ACE. Deram-lhe conta dos seus receios, do mesmo passo que o elogiavam, sublinhando que grande pena seria ter ele de abandonar a chefia da instituição. Os americanos sempre foram peritos em criarem as doenças para depois inventarem os medicamentos que lhes irão servir de paliativo. António de Sousa, formado em Direito e bom poeta, não esteve com meias medidas: «Pois se assim é, por que esperam? Convertam-me!» Convertido ou não, o certo é que, após abraçar a nova seita americana, pôde continuar à frente dos destinos da Associação Cristã de Estudantes, pois nela encontrara o seu ganha-pão.

Quintela foi um dos fundadores e o seu primeiro presidente da então recém-formada Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nas andanças da sua constituição houve necessidade de estabelecer contactos com as outras Faculdades de Letras existentes, a de Lisboa e a do Porto. Durante essas diligências, que se estenderam ao Ministro da Instrução, Eduardo dos Santos Silva, surgiram algumas divergências que se saldaram numa greve que alastrou às três Universidades. O malentendido foi habilmente aproveitado pelas forças reaccionárias hostis ao Regime Republicano.

À distância de todos esses anos, é o próprio Quintela quem confessa sentir um argueiro na consciência pelo facto de ter contribuído, indirectamente e sem ponta de má-fé, para a queda do último ministro da instrução do Partido Democrático. A seguir viria a Revolução de 28 de Maio, que antecedeu o denominado Estado Novo, com as consequências políticas e sociais que bem se conhecem.

Será pela mão do seu colega e amigo Lopes de Almeida que é apresentado a Afonso Duarte. Daí em diante cimentou-se uma amizade que só a morte do Poeta, em 1958, vem pôr fim. O Poeta era assíduo frequentador do café Arcádia. Aí se rodeava de gente moça, na sua maioria aprendiz de poeta, que incitava ou repelia, se para tal houvesse justificação. E quase sempre a havia, que a sua língua de prata não pedia licença a quem quer que fosse para pôr os pontos nos *ii*. Excelente poeta, muitas gerações receberam influências da sua obra de que nunca fizeram alardé. Vítima de terrível doença que o obrigava a recorrer aos amigos íntimos para se arrimar a fim de sair de casa e caminhar na rua, Afonso Duarte ressentiu-se dessa inferioridade que o tornara azedo e cáustico. Um ano e pouco após ter entrado na roda íntima do poeta de *Ossadas*, Quintela ausenta-se para Alemanha como bolseiro da Fundação Humbolt. De Berlim corresponde-se com Afonso Duarte, tendo parte dessa

correspondência estado patente na exposição bibliográfica organizada por Carlos Santarém no edifício do Chiado, em Coimbra, por ocasião do 1.º centenário do nascimento do Poeta. É desse tempo um soneto dedicado a Quintela, com o título sugestivo de «Terra Natal», «E cá mesmo no extremo Ocidental / Duma Europa em farrapos, eu / Quero ser europeu: Quero ser europeu / Num canto qualquer de Portugal. // Como as ondas do mar sabem a sal, / A ave macia o ninho que teceu; / Mas não será do mar, e nem do céu, / Porque me quero assim tão natural. // E se a esperança ainda me consente / No sonho do futuro, ao mal presente / Se digo adeus, - é adeus até um dia... // Um presídio será, mas é meu berço! / Nem noutra língua escreveria um verso / Que me soubesse ao sal desta harmonia.»

No dia 6 de Março de 1958, Afonso Duarte é enterrado na Ereira. Quintela, Torga e Almeida e Costa, ao tempo jornalista do jornal República, dirigem-se à terra do Poeta, a fim de lhe prestarem a última homenagem. Junto à campa rasa, Miguel Torga: «Sim, resta-nos a recordação do que foste e o respeito pelos versos que escreveste. E dela e dele tiraremos o lenitivo possível. Mas tínhamo-nos acostumado à eternidade da tua presença. *Eu posso lá morrer, terra florida!* Desde esse grito de luz, ninguém mais acreditou nesta hora de negrura. E, afinal, ei-la diante de nós, apesar do poema de primavera que rodeia de esperança temporã a tua ilha entristecida. Pagaste e nós devemos ainda. É com esta amarga consciência de mortais que teremos de amparar a desilusão e continuar a caminhada. Até qualquer dia, Poeta!»

Por seu turno, Quintela publicou no n.º 234-236 da revista *Vértice*, sob o pseudónimo de Francisco Malheiro Granjo, um poema de sua autoria à memória do Poeta: «O Roxinol no Prato», «Sempre-jovem cantor da rola morta, / Sibila na profética velhice, / Que eu festejei na idade / E levei como-vido à sepultura / - Alto castelo ao longe a contemplar-te / E a reger para ti / As audições do Atlântico - : // Gosto - e sinto que havias de gostar / Que eu gostasse - de recordar-te na figura / Do roxinol pintado neste prato / Ingénuo e popular - como convém / Ao teu retrato e à minha saudade - / Que tenho em minha frente: / Cabeça erecta - de anquilose ou de altivez -, / Gorjeio sempre pronto / A cantar a beleza da juventude / Que sempre amaste. // Amigo, à tua memória eu o consagro, / O pássaro saudoso / Em moldura de folhas outonais / Que lhe deixa a vista livre / P'ra cantar às estrelas / 'Onde a poesia mora'.

O ano lectivo de 1926-1927 foi o último do seu curso na Faculdade de Letras e o primeiro do novo regime político, ainda sem Salazar, que, após ter sido chamado a Lisboa pelos cabecilhas do 28 de Maio, regressara pouco depois a Coimbra e à sua Universidade. Esse ano é fundamental para o jovem finalista de Filologia Germânica. Funda o jornal *Gente Nova*, órgão do Centro Republicano Académico de Coimbra. São co-fundadores um grupo de amigos mais chegados: Nemésio, Sílvio de Lima e Carlos Cal Brandão. De todos eles só Cal Brandão desapareceu prematuramente. Acerca do amigo disse Paulo Quintela em 1973 na cidade do Porto, onde foi homenageado pelos antigos estudantes do TEUC: «A todos os presentes, e aos ausentes que sei gostariam de estar connosco, um especialmente se vem juntar na obstinada lembrança, embora ausente de vez: a figura inteira de homem, de democrata, de amigo que se chamou Carlos Cal Brandão. Fiquem, ‘in memoriam suam’, algumas palavras de saudade comovida, na certeza de que falo por todos vós. Quando ouço ou leio as exuberâncias jactanciosas de certos monopolistas do patriotismo, ‘arrivés’ e bem instalados, penso sempre como seria bom que eles pedissem primeiro licença, duvidoso que ele lha concedesse, ao seu exemplo único de amor por esta terra e pelo homem que a habita e a trabalha. Saibamos todos nós viver à altura dele – da sua coragem e da sua inteireza, da sua abnegação digna e modesta!»

Partiu para Berlim como bolsheiro da fundação Humbolt em 27 de Abril de 1927. Prometeu aos companheiros de aventura continuar a colaborar no «Gente Nova». Os artigos enviados da Alemanha foram publicados sob o título de «Cartas de Berlim». Antes de partir, procurou antecipar todos os seus exames de frequência, a fim de partir com todas as cadeiras do plano do curso concluídas. Em Berlim prepararia a sua tese de licenciatura, para, dois anos mais tarde, vir defendê-la. Não conseguiu persuadir os professores a antecipar-lhe os exames. Só houve um que concordou: o Doutor Mendes dos Remédios, professor de Literatura Portuguesa, cujo gesto nunca mais havia de esquecer, apesar das diferenças ideológicas que os separavam.

Nesse ano de 1927, e ainda em Coimbra, esteve lado a lado com Oliveira Salazar, no Palácio dos Grilos, a sua residência e também a de Gonçalves Cerejeira, seu amigo de sempre. Naturalmente que o já tinha visto variadíssimas vezes, e assistido, como era da praxe, a uma das suas aulas, e esperado, com outros companheiros, que o professor de Finanças subisse as escadas de Minerva vindo do Palácio dos Grilos, mais abaixo, para verificar *in loco* a veracidade do dito que então corria de que o homem de Santa Comba Dão, ao bater a primeira badalada das nove na torre, pousava o pé direito no último degrau da escadaria... Num das suas aulas, monótonas como missa de fiéis defuntos, um estudante descalçou a bota de um colega e atirou-a para junto do estrado. Imperturbável, Oliveira Salazar apanhou a bota, pô-la em cima da mesa do anfiteatro e continuou a prelecção. No fim da aula, o dono da bota havia de aparecer a buscá-la; caso contrário, ficaria de pé descalço, o que se notaria à distância. A astúcia dos estudantes foi mais fina e sobrelevou a manha do homem de Santa Comba. Todos os estudantes saíram da sala com um dos pés descalços...

O encontro com António Salazar deu-se pouco antes de partir para a Alemanha. Tinha-se dirigido ao Palácio dos Grilos para entregar a Gonçalves Cerejeira um trabalho, já classificado, de História Medieval, «Os dois Veroneses (de Shakespeare) e a Diana (de Jorge Montemor)», que o professor da cadeira achou digno de ser publicado na revista *Biblos*, na secção «Trabalhos de Alunos», volume III. Afável como sempre que se tratava do seu dilecto discípulo, mandou-o entrar para a sala de jantar, onde, na ocasião, se encontrava Salazar. Saudou-o respeitosamente com as boas-noites, mas a resposta foi tão fria, distante e distanciadora que ainda hoje, ao recordar o acontecimento, fica com uma sensação de secura, «Aquele homem irradiava frialdade por todos os poros», desabafou ao relatar-me o episódio.

Por ocasião do jubileu académico do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, ocorrido nos finais de 1958, tanto Quintela como Sílvio de Lima hesitaram bastante em comparecer à cerimónia realizada na Sala dos Capelos. Estava presente o Ministro da Educação, Prof. Leite Pinto, com quem Quintela tinha tido algumas desavenças. E tamanhas devem ter sido que numa ocasião em que o ministro vira o seu nome num abaixo-assinado seguido da sua categoria universitária tivesse dito para quem o quis ouvir: «O quê, este senhor ainda é professor da Universidade?» Por seu turno, Sílvio de Lima havia mantido uma polémica filosófica, em livro, com o seu antigo Mestre: *Notas Críticas ao livro do Sr. Cardeal Cerejeira «A Igreja e o Pensamento*

Contemporâneo», tendo logo caído em desgraça não só em relação à Igreja como sobretudo ao Estado Novo.

Apesar de todos esses contras, os dois antigos colegas decidiram comparecer ao acto solene da última lição de Gonçalves Cerejeira: «A condição do cristão na construção histórica do mundo». Finda a lição, e chegada a altura dos cumprimentos, Quintela, com a sua habitual frontalidade, ignorou o ministro leite Pinto, pelo qual tinha de passar antes de alcançar o cardeal Cerejeira, que, quebrando o protocolo, disse: «Ó Paulo», e caíram nos braços um do outro, «E não tive outro remédio senão cair nos braços da Igreja», confessou-me muitos anos depois. Chegada a vez de Sílvio de Lima: «Olha o Sílvio, como está mudado o Sílvio», disse o cardeal em tom irónico...

Um dia, falando com o escritor Miguel Torga, como o fazia amiúde nos anos a seguir à Revolução de Abril, perguntei-lhe a razão ou as razões por que se tinha afastado do seu velho amigo e conterrâneo, quebrando uma amizade e uma mútua admiração de longos anos, iniciadas no início dos anos trinta, pouco tempo após ter Quintela regressado de vez da Alemanha, onde o nazismo crescia como pão-do-demónio em terra húmida e não consentia em seu seio quem se lhe opunha ou porventura viesse a opor-se-lhe. Nunca obtive uma resposta concreta, o que me fez pensar que não devia ter havido razões definidas, mas sim um conjunto de pequenas grandes mágoas que se foram avolumando e acabaram por se abrir em ferida insanável, à imagem e semelhança de todas as chagas causadas por quem se gosta muito e um dia se separa. Uma tarde em que eu passeava com o Poeta ouvi-lhe que Quintela (nome que aparecia, obsessivamente, em palavra sim, palavra não de todas as conversas que com ele mantive) gostava muito de fardas académicas e de cerimónias litúrgicas na Sala dos Capelos, motivo de acesas discussões entre ambos, tendo acabado por cortar relações devido à sua fraqueza de ter ido assistir à última lição de Cerejeira, após um período de hesitação em que ele, Torga, teria aproveitado para convencer o amigo que lá não devia pôr os pés, a fim de não se comprometer com o regime... Por seu turno, Quintela, em resposta à mesma pergunta, não adiantou motivos específicos para o súbito corte de relações, referindo apenas a encenação da peça *Mar*, levada à cena pelo CITAC, como início desse afastamento. Disse-me ainda que as relações pessoais tinham de facto arrefecido antes de a peça ter sido representada, mas que, durante o trabalho de encenação, haviam de novo retornado à temperatura anterior. Ambos os eventos, a última lição de Cerejeira e a encenação por Quintela da peça *Mar*, de Miguel Torga, ocorreram no ano de 1958.

(Página deixada propositadamente em branco)

Foi-lhe concedida uma bolsa de estudo da Fundação Humbolt. Aluno distinto, mas sem posses, desejava especializar-se em estudos germanísticos na Universidade Frederico Guilherme de Berlim. Aí teve como mestres, entre outros, Julius Peterson, Max Herrmann e Max Desoir. Além de germanística, estuda igualmente Filosofia Moderna e ensina Português. Partiu para a Alemanha, como se referiu, em Abril do seu último ano de curso. Durante os dois anos que se mantém como bolseiro, inicia a preparação do seu doutoramento, dedicando-se ao estudo do drama naturalista. A primeira parte do trabalho que projectava escrever seria «O Elemento Social no Drama Alemão a partir de Lessing», introdução a um trabalho mais vasto que planeava escrever sobre Hauptmann.

Terminada a bolsa de estudo em 1929, regressa a Portugal para concluir a licenciatura. A tese dos cursos de letras havia sido abolida recentemente e assim continuou durante alguns anos. Porém, o Doutor João da Providência e Costa, seu professor na Faculdade de Letras de Coimbra, exigiu que o aluno a apresentasse. Será então nas férias grandes desse ano que redige a dissertação, ao mesmo tempo que se prepara para os exames finais de Literatura Inglesa e Alemã, então obrigatórios para a obtenção do grau de licenciado. Em Outubro seguinte defendeu a tese, «O Elemento Social no Drama Alemão a partir de Lessing», obtendo a classificação de 19 valores. O arguente, Doutor Providência e Costa, iniciou naturalmente a sua arguição em Língua Alemã, ao que o candidato respondeu na mesma moeda, pois já nessa altura a falava quase com a mesma desenvoltura da própria língua materna. O presidente do júri, porém, não estava gostando da brincadeira, virou-se para o candidato: «O acto prossegue, mas em português», ele que até era germanista, pressupondo-se que falasse alemão com igual fluência, mas a falta de prática...

Após a licenciatura, regressa à Alemanha, já não como bolseiro, mas como leitor de Português. Ia substituir nesse cargo o Doutor Aurélio Quinta-

nilha, botânico da Universidade de Coimbra, que, a par dos estudos que nesse país empreendia sobre plantas carnívoras, dava também aulas de Português. Passou Quintela a ensinar a sua língua materna no Seminário de Línguas Românicas de Berlim, ao mesmo tempo que assegurava os serviços no Consulado de Portugal, cujo cônsul, um judeu-alemão, nem Português sabia! Tratava-se de um cargo honorífico. Traduzia a correspondência e escrevia-lhe os discursos. Ganhava assim a vida e preparava-se para o doutoramento sobre Hauptmann - tese que viria a abandonar, dado que os seus sábios professores de Coimbra consideravam esse autor, por ser socialista, indigno de ser estudado em tese de doutoramento. Dedicou-se então à poesia de Rilke e através dela descobriu Hölderlin sobre quem viria a apresentar, em 1947, a sua dissertação de doutoramento. A Alemanha foi a sua segunda pátria. Durante cerca de seis anos aí aprendeu e ensinou, casou e lhe nasceram os dois filhos mais velhos, a Rita Maria e o Francisco, o Chico Quintela, como havia de ficar conhecido.

Num dia de Sábado saiu de Berlim para examinar um aluno que pretendia fazer exame de equivalência de Português. À tarde, ao chegar à estação de caminhos-de-ferro, sua Mulher esperava-o com um telegrama. Anunciava que o pai se encontrava muito mal. Já nem se dirigiu a casa. Dali foi ao Consulado. Tencionava pedir dinheiro emprestado ao Cônsul para custear a sua inesperada viagem a Portugal. Corria o ano de 1932. Como estrito cumpridor da Lei de Moisés, o diplomata não trabalhava ao Sábado. Nem muito menos mexia no vil metal. Com receio de que a sua alma se perdesse, o judeu-alemão negou-se a emprestar o dinheiro pedido. Não se deu por vencido. Ameaçou-o que dali não arredava pé enquanto não fosse servido. O Cônsul desfazia-se em delicadas desculpas, suplicando-lhe que viesse depois do pôr-do-sol. Nessa altura - prometia - seria servido sem qualquer problema. Um relâmpago percorreu-lhe a mente de lés-a-lés, «Diga-me então onde tem o dinheiro, que o vou buscar; assim não viola a Lei Mosaica!» O judeu indicou-lhe o local e Quintela serviu-se da quantia de que necessitava, aliviando-se e aliviando os escrúpulos do Cônsul, uma das ovelhas obedientes do Rebanho Eleito.

Ao chegar a Bragança, onde permaneceu cerca de um mês, já o pai tinha sido restituído à terra. Morreu lúcido, contou-me D. Aninhas, uma das filhas mais novas, que vive na casa de família que o pai construiu no princípio do século. Tão lúcido que ia dando conta aos circunstantes da subida gradual da morte a partir da ponta dos pés até, fulminante, atingir o coração: «Falta pouco», foram as suas últimas palavras antes de expirar. Assim se finou Agosti-

nho Paulino Pires, Quintela de alcunha, que ao receber a notícia da formatura do filho mais velho, não deixou cair o saco com que vinha ajoujado da veiga de Gostei «e assim continuou, até ao fim da vida, às vezes derreado com o peso do saco, mas sem nunca arrear.»

Deixou exemplo de vida que se continuou no filho. «A vida continua, mais fácil para mim e para os outros mais novos, graças à entreajudia familiar. E hoje sou o que sou e como sabeis que sou. Dentro e fora do meu ofício, fiz o que pude, e quem fez o que pôde não se desobrigou senão do que estritamente devia; mas bem sei que não fiz o que podia ter feito... Dentro dela, que tenho eu querido e que tenho eu feito que não seja buscar ser fiel às origens? - Quero para todos os homens o pão do corpo e do espírito e a casa decente a que todos têm direito, isto é: alargar aos meus semelhantes, mas sem necessidades de canseiras que esfolam corpo e alma, o que de meus pais recebi... Mas, bem vistas as coisas nesta perspectiva, foi a meu avô materno que eu guardei radical fidelidade. Pois que tenho sido eu, senão almocreve? Levo e trago - não os botos de azeite ou as canastras de sardinha, por montes e vales, à chuva e à neve e à torreira do sol, mas a veniaga cultural de franças e araganças. Mas, como ele, não de todo livre dos ataques dos salteadores em qualquer volta traiçoeira da estrada. - Revolta-me a violência - mesmo a ocasional minha própria - e odeio a injustiça -, e esta balda já me valeu, entre outros mimos, a honrosa promoção a 'criminoso' que há-de ir assentar o cu no mocho perante o senhor doutor juiz. Pois assim seja, que vou em muito boa companhia!»

Regressado à Alemanha passado um mês, retoma o estudo em profundidade sobre poetas alemães e o drama de Hauptmann; continua a ensinar Português no Seminário de Línguas Românicas e a trabalhar no Consulado Português de Berlim. O seu segundo filho, Francisco, nascera em Janeiro anterior. E a Alemanha a partir desse ano de 1932 principia de enegrecer, mormente a atmosfera sociopolítica. Hitler inicia a sua meteórica ascensão, o movimento político e ideológico que viria a transformar-se no Partido Nazi ganha força e enraíza-se, tornando o ambiente irrespirável. Conquistado o poder, em eleições livres, o Führer principia a sua escalada de terror, que só viria a acabar doze anos mais tarde, com o final da Segunda Guerra Mundial, em Maio de 1945.

Um dos primeiros actos bárbaros a serem perpetrados viria a ser o incêndio do Reichstag que Hitler mandou praticar, acusando depois os comunistas para mais facilmente justificar as futuras represálias e perseguições. Segue-se a

famigerada «Queima dos Livros», à qual assiste Quintela na companhia de Amâncio de Alpoim, um dos dois deputados socialistas ao último Parlamento da 1.^a República.

Ich war dabei, estive lá – escreveu mais tarde Quintela numa conferência que proferiu em Coimbra sobre o «Romance Alemão Contemporâneo». Entre a multidão ululante e perdida que assistia à fogueira na Praça da Ópera de Berlim, sentia-se oprimido e amarfanhado. Muitos dos livros que via serem queimados haviam sido parte integrante da sua formação de germanista e um homem de cultura não podia sentir-se de modo diferente em face daquele pavoroso atentado ao património espiritual de um povo e da humanidade. Hitler estava presente e era ovacionado pela turbamulta mentalmente deseixada. E incitava, com seus gestos de louco, a multidão cada vez mais fora de si, cada vez mais vociferante, cada vez mais uivante!

No meio da desgraça, e parafraseando o Poeta que em Coimbra pertencia ao círculo de amigos íntimos de Quintela, há sempre uma luzinha de esperança que bruxuleia na noite mais escura. E essa esperança estava corporizada num jovem operário alemão ali à sua frente. Durante o acto de profanação, cantavam-se hinos, ouviam-se vivas e morras e, no clímax do entremez, toda a gente tirou o chapéu. Menos o jovem operário. Quintela não usava tal apêndice. Na proporção em que aquele abismo de gente, desbarretada, entoava, em uníssonos, o hino, via o chapéu enterrar-se cada vez mais pela cabeça do jovem abaixo e sentiu um impulso de o ir abraçar e felicitar pelo seu acto temerário. Quando ia para fazê-lo, já tinha desaparecido por entre a multidão...

Vendo-o comovido, Amâncio de Alpoim, seu velho companheiro de Coimbra: «Enquanto houver jovens como aquele, nada está perdido,» uma verdade em soco atirado à boca do estômago. Ao tempo advogado em Lourenço Marques viera a Berlim em cata de alívio para um mal que o atormentava. Durante a juventude excedera-se em aventuras amorosas e pagava agora a conta calada dos desmandos juvenis. Conta-se que uma das muitas apaixonadas lhe teria sussurrado: «Ai Amâncio, Amâncio», os olhos em alvo; e ele: «Amanse-o, amanse-o» que já não o posso aguentar»... Os médicos berlinenses conseguiram a tão desejada cura: tão-só umas palmilhas fizeram o milagre; afinal, tudo se resumia a um problema de pés chatos, era isso que interferia com a virilidade de Amâncio, que, ainda em Berlim, e já no período pós-cura, exclamava: «*Ele* já começa a dar os seus vivas, mas guardados estão para a minha Maria...

Pouco tempo após a «Queima dos Livros» e já com o ambiente de se cortar à faca, irrespirável, viajava ao fim de uma tarde de eléctrico para casa vindo da Universidade, quando é interpelado em termos poucos cordiais por um operário que viajava no banco à ilharga. Estava a ler o «Berliner Tageblatt», cujo director era judeu-alemão. O operário criticou-o, em primeiro lugar, por estar a ler um jornal dirigido por um judeu; depois, insinuou que pertenceria àquela raça infecta... Desaustinado, respondeu-lhe que era estrangeiro e quanto a ser judeu podia mostrar-lhe o apêndice anatómico para que ele verificasse que de facto não era circundado... O operário não deve ter ficado nada satisfeito com a resposta dita de rompante e de maneira apaixonada e reiterou: «Se és estrangeiro, não pareces, que falas alemão sem qualquer sotaque; mas, se realmente o és, o melhor que tens a fazer é pegares nas malas e pores-te a andar, que neste país não estás a fazer nada...» Um veemente sinal de alarme que tomou em devida conta. Nesse mesmo dia, ao chegar a casa, disse à Mulher que, acabado o semestre de Verão, regressariam a Portugal. Ao cabo de seis anos de permanência na Alemanha, regressava ao seu país na companhia de sua Mulher Lisbeth e de seus dois filhos, Rita e Francisco. E de Portugal nunca mais saiu.

(Página deixada propositadamente em branco)

Em Outubro de 1933 foi contratado como professor auxiliar da Faculdade de Letras de Coimbra, tendo sido eleito, nesse mesmo ano, representante dos professores auxiliares junto do Senado da Universidade. O primeiro exame que fez como jovem professor de vinte e oito anos, refira-se a título de curiosidade, foi a Judite Mendes de Abreu, mais tarde proprietária do Teatro Avenida, e ao tempo aluna de Filologia Germânica. Para se transitar para o segundo ano era-se obrigado a prestar provas de Língua Alemã.

Pouco tempo após o regresso, trava conhecimento com o escritor Miguel Torga. Conhece-o numa clínica onde o poeta havia sido submetido a uma intervenção cirúrgica. Ao encontrar-se a seguir com o seu velho amigo Alberto Martins de Carvalho, confessa-lhe, radiante: «Acabei de conhecer um grande poeta de Trás-os-Montes!» A partir daí tornam-se os três amigos inseparáveis. Todos os dias se encontram quer na Central quer em passeios pelo Parque, ou em casa, trocando ideias, discutindo literatura, política...

No terceiro dia da *Criação do Mundo*, Torga escreve: «Já no fim do curso, conhecera dois professores, um do liceu, outro da Universidade, o Gonçalo [Martins de Carvalho] e o André [Quintela], com quem dia a dia estreita mais as relações. Ia encontrá-los à mesa do café, depois do almoço, saciava a avidez de notícias, e à noite procurava-os em casa e lia-lhes as últimas produções. Mais velhos do que eu e mais cultos, media neles em cada novo contacto o meu próprio crescimento interior. Eram diferentes, e, de certo modo, completavam-se. O Gonçalo, frio, céptico e subtil, apanhava no ar o sentido e as intenções do que ouvia. O André, impulsivo, exuberante, reagia sobretudo ao colorido e ao pitoresco dos temas e das situações. De uma seriedade intelectual que me parecia exemplar, embora inexoráveis no julgamento, mesmo nas palavras de desaprovação punha sempre a brandura da cordialidade. E quando a altas horas deixava o escritório dum e doutro, o do Gonçalo despido e severo como a sua inteligência, e o do André recheado e

barroco como o seu temperamento, se não vinha coroado de louros, trazia o que mais precisava: estímulo para continuar.»

Entre Torga e Quintela existia uma amizade enraizada num acerado amor que ambos consagravam a Trás-os-Montes, o «Reino Maravilhoso», de onde ambos eram oriundos. «Que belo é ter um amigo! Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este fraterno abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Um sol tépido a iluminar a paisagem de paz onde esse abraço se deu, forte e repousado. Que belo e natural é ter um amigo!» – escreveu Torga, no dia 4 de Fevereiro de 1935, no primeiro volume do *Diário*.

Trás-os-Montes foi o pretexto para que ambos os amigos participassem, com duas conferências, no Segundo Congresso Transmontano, realizado nas Pedras Salgadas, em Setembro de 1941. A de Miguel Torga intitulava-se «Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)»; a de Paulo Quintela, «Um Poeta de Trás-os-Montes». E era o Poeta: «Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a crosta do silêncio uma voz de franqueza desembainhada: ‘- Para cá do Marão, mandam o que cá estão!...’ Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena: - Entre! - A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.»

Por seu turno, Quintela: «Mas não se nasce impunemente em Trás-os-Montes, no Alentejo ou à beira-mar. Quer dizer que a paisagem, se não é o único factor determinante, é contudo primordial elemento de formação e informação. Se a poesia é no fundo expressão – expressão mágica – das coisas e dos seres, da Vida, é evidente que essa expressão há-de ser em certa medida condicionada pela maneira como esses seres e coisas se nos revelam e nos solicitam, pela luz que os banha, pelo horizonte em que estão implantados, pelo ângulo por que se contemplam. O homem da planície terá uma vivência das coisas e dos homens muito diversa da do montanhês. Horizontes vastos e planos, monótonos, em que as figuras se perdem ou ficam reduzidas a contornos imprecisos, convidam a erguer os olhos e a contemplar o céu. Daqui – falo, evidentemente, em termos amplos que admitem toda a sorte de excepção que não abalará aliás a firmeza do princípio – (o próprio poeta de que me ocupo poderá por vezes parecer excepção...) – daqui, digo, a propen-

são contemplativa e a necessidade de fuga e libertação mística do homem nado e criado em ambiente destes. Daqui o carácter místico da grande literatura da estepe russa, por exemplo. Mas subamos agora uma montanha. As coisas na encosta que vamos escalando são-nos mais chegadas, mais íntimas, mais nossas, pelo esforço que pusemos em alcançá-las; a luz quebra e reflecte de outra maneira nas lombas que nos rodeiam e nos limitam o horizonte; a subida é árdua, mas gostosa; o arcaboço arfa, bate o coração encostado à fraga ou à árvore, e o arquejar do peito e a pancada do coração do homem da montanha faz-se hálito e pulsar da própria terra-mãe. Chega-se ao cimo. Mas não foi para contemplar o céu que nos aproximámos dele. Sobem-se a um monte para olhar cá para baixo, para dominar a terra que se alarga, se nos revela e nos convida. Foi no alto dum monte que o diabo patenteou a Cristo a sua maior tentação: 'De novo o subiu o diabo a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo, e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares...' Deus em Cristo resistiu à tentação. Os homens sucumbem à veemência do desejo de posse do Mundo e da sua Beleza. Miguel Torga é, dos poetas portugueses modernos, o que está mais intimamente ligado à sua paisagem, que é a paisagem de Trás-os-Montes.»

Quintela foi o primeiro homem do teatro português que pôs em cena Miguel Torga. Já em 1947 o TEUC apresentava no Avenida a peça *Terra Firme*. Mais de uma dezena de anos depois, o poema dramático *O Mar*, igualmente no Avenida, no âmbito do I Ciclo de Teatro, desta feita representado pelo CITAC, patrocinador dos ciclos de teatro que se cumpriram sem interrupção durante anos, constituindo ao tempo, sobretudo ao longo da década de sessenta, um dos acontecimentos culturais da maior relevância no seio da academia e na cidade. Director artístico do TEUC, fora Quintela especialmente convidado pelo CITAC, sem encenador na altura, para dirigir o seu grupo de teatro, que viria a interpretar *O Mar* com que aquele organismo académico colaborou no I Ciclo de Teatro.

Para além desta íntima cooperação com o escritor seu patrício, Quintela colaborou estreitamente na revista literária «Manifesto», fundada e dirigida por Torga. No primeiro número, em 1936, publica um artigo, «Lição Histórica do 'Fausto, texto-base de uma conferência proferida, em Bragança, no ano anterior, por ocasião da homenagem realizada naquela cidade ao Abade de Baçal - precisamente no dia 9 de Abril de 1935, data em que Francisco Manuel Alves, mais conhecido por Abade de Baçal, completou setenta anos de idade. Nesse dia foi-lhe prestada homenagem pela valiosa obra histórico-etnográfica

que escreveu e publicou ao longo da vida. Da cerimónia de homenagem fez parte a imposição de uma venera ao homenageado. Imposta a comenda, seguiram-se os discursos encomiásticos, o costume em ocasiões que tais. Porém, o Abade de Baçal, pouco interessado em verborreias, tratou de tirar a sua soneca, mas, pouco depois: «Lá se me foi o chocalho», despertou em sobresalto, perplexo com o ruído que o penduricalho fizera ao bater no chão de ladrilho, decerto mal seguro à lapela do casaco...

Em Outubro de 1978 eu e Quintela fomos de viagem a terras de Bragança. A última romagem propriamente dita que empreendeu à sua cidade de infância. Um dos dias da nossa estada, destinámo-lo a uma excursão à aldeia de Baçal, onde, por deferência do senhor Barnabé, sobrinho do falecido Abade, nos foi permitida uma demorada visita à residência. Casa grande, antiga e rústica, com uma varanda coberta a toda a volta de um pátio interior em cujas paredes se encontram escritos, pelo próprio punho do Abade, e em letras garrafais, os nomes das pessoas ilustres que ao longo dos anos o vieram visitar. Além dessa galeria de nomes, o Abade desenhou com paciência beneditina as diversas posições do Sol durante as diferentes estações do ano, rústica tabela astronómica, assim como a hora exacta em que nascia e se punha. Para essa varanda dão os quartos. Num deles, no Inverno, o Abade estudava e escrevia. Não tinha estantes para os muitos livros que possuía. Guardava-os entre palha triga, forma eficaz de os preservar da humidade resultante das prolongadas e rigorosas invernias transmontanas. Durante o Verão escrevia no quintal. Uma enorme pedra de face polida servia-lhe de secretária. Pedra que o próprio Abade carregou às costas de uma aldeia do distrito, ainda distante, denominada França. Não se tratava de uma pedra vulgar, mas, sim, de uma laje pertencente a um monumento megalítico, anta ou dólmen, que abundam por aquela região transmontana. Enquanto o tio escrevia ao ar livre - contou-nos Barnabé - costumava a aparecer um pássaro junto da árvore que ainda lá está. O Abade, entre outros dons, possuía o de encantar as avezinhas do céu. De tal forma apaparcou o assíduo visitante que lhe aparecia para lhe comer, na mão, o alimento que o Abade trazia nos bolsos. Por longo tempo se demorava no seu poiso fazendo companhia ao Abade absorto na leitura ou na escrita.

A simplicidade rústica e o desmedido descaso que consagrava às honrarias mundanas, aparentemente contendiam, ou talvez não, com o seu profundo saber no domínio da História, Arqueologia e da Etnografia. Legou valiosas obras ao distrito de Bragança, sem as quais ficariam decerto por

conhecer costumes, ritos, linguagem, em suma, a cultura das gentes remotas que se fixaram em terras transmontanas. O Museu do Abade de Baçal, em Bragança, tornou-se um testemunho vivo do seu labor na área da Arqueologia e da Etnografia. Escrevia em português escorreito, como está patente nos livros que deixou, mas mantinha assídua correspondência, em Latim, com as maiores sumidades europeias em Arqueologia e Etnografia, que o admiravam e o respeitavam.

A 1.^a edição da obra *Os Judeus no distrito de Bragança*, publicada em 1925, uma das principais da sua bibliografia, foi custeada por três íntimos amigos do padre Francisco Manuel Alves - António Augusto Quintela, Raul Teixeira e José Montanha. A fim de se ficar com uma ideia ainda que ténue da personalidade do Abade de Baçal, transcrevem-se alguns passos do preâmbulo que escreveu para o este livro: «Em 19... quando me apresentei ao Amaral, secretário da Câmara de Alfândega da Fé, com o meu casaco já muito delido e coberto de pó e lhe disse que queria pedir-lhe um favor, meteu a mão ao bolso e só deixou cair nele os seis vinténs que ia dar-me de esmola, como depois me contou o bom amigo Mendes Pereira, quando acrescentei que o pedido era para me facultar o estudo dos pergaminhos do arquivo a seu cargo. [...] Quando escrevo olho aos factos e não às pessoas ou colectividades. Bastas passagens ficam nesta obra pouco agradáveis ao clero e nem por isso as omito. [...] Para mim, um protestante, judeu, maometano, bramanista, confucionista, zoroastriano ou outro de qualquer religião que seja, quando de boa fé, mereço-me todo o respeito e veneração. Todos adoram a Deus e se no modo de adoração divergem, resta-me lamentá-los como cristão e orar por eles. [...] Burlescas [...] são as condições em que encontrei em 1892 na Rua Direita da Vila de Chaves, numa montureira de dejeções e concomitantes, a primeira Lista dos condenados na Inquisição; por ela vim ao conhecimento que havia mais do mesmo género, coisa que ignorava e tal conhecimento forneceu-me a principal base deste trabalho. Ainda conservo esta relíquia veneranda, que ostenta o carimbo inconfundível dos lugares por onde andou, resistente à mais solícita lavagem. [...] Em 1924 quiseram espancar-me e aos meus companheiros Drs. Raul Manuel Teixeira, Juiz de Direito, e Pedro Vitorino, conservador do Museu Municipal do Porto, em Marzagão, quando procurava elementos para um estudo sobre Carrazeda de Ansiães e não achámos quem por dinheiro nos quisesse recolher em casa e vender géneros alimentícios. E, fatigadíssimos, após um dia de jornada a pé pelo concelho, mortos de fome, encharcados de água, escuro como breu, sem saber caminho nem carreira,

nem ver palmo de terra, tivemos de recolher a Carrazeda de Ansiães, cinco quilómetros distante. Afinal tinham razão segundo dizia o Dr. Raul: eu é que tive a culpa porque aquela gente, olhando a minha desleixada indumentária, tomou-me por gatuno ou coisa parecida e a eles por arroladores dos bens das igrejas. Passados dias, quando lá voltámos, aquele povo deu-nos exuberantes provas de clássica hospitalidade transmontana. É possível que assim fosse, quanto a mim, porque em 1923, quando ia aos Exercícios Espirituais a Vinhais, a pé, como costume, tomaram-me em Vila Verde por criado do meu companheiro, Padre João António Martins, pároco de Meixedo.»

O ano lectivo de 1937-1938 terá sido fundamental para o teatro português. Nesse ano um grupo de estudantes pertencente ao organismo chamado Fado Académico, entre os quais se destacam Alcino de Moraes (Xabregas), José Coroa, Denis Jacinto, Barrigas de Carvalho, Décio e Madalena de Almeida, dão início à actividade teatral nas instalações do Fado Académico, ao tempo acolhidas dentro do velho edifício da Associação Académica na Rua Larga.

Segundo Melo e Castro, então presidente da Comissão Administrativa da Associação Académica de Coimbra, o Fado era um organismo com actividade tão diminuta que não justificava as instalações que ocupava. Com esse intuito o então presidente, Alcino de Moraes, foi intimado para que as devolvesse à direcção da AAC, para que fossem atribuídas à Sociedade Filantrópica. Pouco conformado com a decisão, ao Xabregas ocorreu um ideia luminosa que de imediato pôs em prática. Se a causa do despejo - teria pensado - era a falta de actividade cultural do grupo, então dar-lhe-ia uma bem concreta que justificaria a permanência nas ditas instalações. Antes que fosse tarde, apressou-se a colocar à porta do organismo um aviso em que anunciava aos sócios que, nessa mesma tarde, ia haver ensaio de teatro. Se havia ou não peça e actores, pouco importava para os seus desígnios. O que estava em causa era a salvação do organismo e das suas instalações.

Só após afixar o aviso é que se meteu pela Alta dentro com o fito de congregar alguns colegas de boa vontade que ele calculava terem jeito para representar. Logo depois iniciaram-se os ensaios com intenso entusiasmo juvenil e em muito bom ritmo. Porém, a dada altura, entraram os membros do improvisado grupo teatral num beco sem saída. Não conseguiam desenrascar-se da embrulhada da peça que tinham entre mãos, *Braz Cadunha*, de Samuel Maia, um dramalhão naturalista, cuja intriga era a posse da terra. *Braz Cadunha*, o protagonista, chega a vender a mulher e a filha só para se tornar dono de um lameiro de que é rendeiro.

O drama que já tinha sido representado cerca de dez anos antes, em 9 de Novembro de 1928, pela Companhia Amélia Rey Colaço / Robles Monteiro, não era apropriado nem à índole nem aos objectivos culturais desse grupo de estudantes da Universidade de Coimbra. Mesmo assim, e devido às dificuldades com que deparam, serviu ao menos para que os sócios do Fado Académico se tivessem lembrado de Paulo Quintela, talvez o único docente dentro dos muros da *Alma Mater* com idoneidade para dirigir um grupo de teatro. A actividade cénica do jovem professor já era sobejamente conhecida na Faculdade de Letras, onde já tinha encenado o *Urfaust*, de Goethe, com os alunos de Filologia Germânica. Mário Ramos Pereira dos Santos, aluno de Ciências, mais conhecido por *Mário Xista*, por ser devotado leitor de Marx, foi incumbido de sondar Quintela sobre a sua disponibilidade de encenar a peça *Braz Cadunha*.

Quando principiou os ensaios da peça de Samuel Maia já as instalações do Fado Académico haviam sido cedidas à Sociedade Filantrópico-Académica. Ao grupo de teatro foi atribuída, em compensação, uma sala na Secção de Mineralogia da Faculdade de Ciências. Cedo, porém, se verificou que *Braz Cadunha* não era a peça indicada para um grupo da natureza do Fado Académico. Seria impossível fazer bom trabalho com uma peça já representada por actores como Robles Monteiro, Amélia Rey Colaço e Assis Pacheco, além de que o texto, em certos passos: «As unhas do Braz são dentes de um cão de fila. Não abrem depois de fincarem. Nem serrando-lhe o pescoço», era demasiado grandiloquente para ser tomado a sério. Depois, a filosofia do enredo «Desapegarem-me de uma terra daquelas, onde pingou o meu suor, que aqueci com o calor dos meus pés? Metidos no chão eles botam raízes mais fundas que as silvas. Podem cortá-las, botar-lhes fogo. Rebentam mais fortes, crivadas de picos que são pontas de navalhas. Tirarem-me sem rasgar a pele e a carne até aos ossos? Alarves! Se ela chamava por mim. Parecia uma viúva. Faltei-lhe, pasmou. Queria o meu bafo. Somos como homem e mulher. Entranha por entranha. Caio lá dentro como um outeiro de penedos. Não saio, ninguém tem força para me arrancar. Nem rachado a dinamite. Porque mesmo assim ficaria em lascas misturado nos torrões» - era balofa, ultrapassada e de uma sonoridade ridícula e vazia. Para quem conhece Quintela, é de facto difícil imaginá-lo a encenar uma peça assim. «Nem rachado a dinamite!» Não poderia levar até ao fim os ensaios do dramalhão. Para bem do Fado Académico e do teatro!

Depois de longas conversas com as raparigas e os rapazes que faziam parte do Fado Académico, ficou acordado que se iria trabalhar em Gil Vicente. Iniciava-se nesse momento a ressurreição de Mestre Gil, há séculos enterrado na poeira das selectas escolares. E porquê Gil Vicente? Duas razões de fundo devem ter presidido à escolha. O conhecimento que Quintela possuía da obra do dramaturgo e um espectáculo vicentino representado no Pátio da Universidade pela Companhia Nacional de Teatro, em comemoração de um pretenso centenário de Gil Vicente. Apesar de a representação ter sido medíocre, teve o mérito de chamar a atenção para a obra do grande dramaturgo português. A Academia assistiu ao espectáculo composto por vários quadros da obra de Gil Vicente, seleccionados por Afonso Lopes Vieira, e ficou muito impressionada.

Com esses antecedentes não terá sido muito difícil entusiasmar os estudantes do Fado Académico. Posto de parte o *Braz Cadunha*, iniciou-se de imediato o trabalho sobre a obra vicentina. Passaram os ensaios a realizar-se na Sala dos Bispos, nos Gerais, e em Junho de 1938 o Fado Académico / Teatro dos Estudantes, assim se denominou o grupo no primeiro ano de existência, apresentava um sarau vicentino que incluía a *Farsa de Inês Pereira*, *Todo o Mundo e Ninguém*, *Os Quatro Irmãos* e a *Súplica da Cananeia*. Um ano mais tarde, já com grupo baptizado com o nome actual, TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), foram levados à cena *Os Anfitriões* e o *Auto da Alma*, assim como todos os quadros apresentados no ano anterior, com a excepção da *Súplica da Cananeia*.

Pelos anos fora continuou a obra de Gil Vicente a ser levada à cena pelo TEUC de par com os clássicos: *Antígona*, *Medeia*, *Prometeu Agrilhoado*, e os modernos: Frederico Garcia Lorca, Miguel Torga, José Régio, Raul Brandão... Ao longo das três décadas que Paulo Quintela se dedicou a este Organismo Académico, houve pontos muito altos como a *Trilogia das Barcas*, que só por si daria para imortalizar um grupo de teatro; a *Súplica da Cananeia*, o *Pranto de Maria Parda*, o *Breve Sumário da História de Deus*, o *Monólogo do Vaqueiro*, cuja versão portuguesa se deve a Quintela, só para referir peças de Mestre Gil, cuja obra nunca foi tão honrada, glorificada e tão genuinamente interpretada como no tempo em que ele foi director artístico do TEUC. Não só nos deixou excelentes versões portuguesas de alguns autos acompanhadas de estudos e notas, como nos legou igualmente a versão portuguesa das *Líricas Castelhanas*, de Gil Vicente, publicadas em volume no *Cancioneiro Vértice*. Mesmo que mais nada tivesse feito, bastar-lhe-ia o

estudo e o trabalho cénico que fez sobre a obra de Gil Vicente para que lhe fosse garantido um lugar na Literatura Portuguesa.

Em Setembro de 1961 realizou-se em Coimbra, e pela primeira vez, a VIII Delfiada, um festival de teatro que inaugurou o Teatro de Gil Vicente e que contou com a participação de grupos estrangeiros - Inglaterra, França, Alemanha - e também de Portugal, que se fez representar pelo TEUC. O nome a pôr ao teatro académico havia sido sugerido por Quintela. Tendo como patrono Mestre Gil, seria natural que fosse inaugurado com uma peça da sua autoria. O TEUC, porém, preparara para a Delfiada a *Antígona*, de Sófocles. Como competia aos de casa iniciar a série de espectáculos, Quintela combinou em segredo com Matos Godinho, antigo actor do TEUC e ao tempo assistente da Faculdade de Medicina, que, após os discursos de pompa e circunstância, entrasse pela porta central da plateia e representasse o *Monólogo do Vaqueiro*. Assim aconteceu. Logo que a sala caiu em silêncio, aguardando o início da *Antígona*, Matos Godinho entrou de rompante: «Pardeus! Sete arrepelões me pregaram à entrada», aos gritos, ao que certas pessoas ilustres, indignadas, pensando o pior: «Pronto, estava tudo a correr tão bem, e lá vieram os estudantes estragar tudo», sem nada perceberem, ao princípio, do que se tratava... Porém, Gil Vicente, o patrono do Teatro, merecia-o e a impressionante interpretação de Matos Godinho esteve à altura da feliz e original inauguração.

Terá sido Matos Godinho, ao tempo da direcção do TEUC, um dos que mais insistiram para que o grupo representasse autores clássicos. A sugestão foi bem acolhida pelo director artístico, mas este logo contrapôs que não existia nenhuma tradução do grego digna e sobre a qual se pudesse trabalhar em vista a uma encenação à altura. Estava-se em Fevereiro de 1955, realizava-se nesse mesmo ano, no Sarre, a IV Delfiada, e seria interessante que o TEUC levasse a esse festival uma peça de um autor grego. Ao verificar que o entusiasmo era crescente entre os rapazes e as raparigas do TEUC, Quintela aproveitou a onda: «Só vejo uma possibilidade de se concretizar essa ideia - traduzir capazmente uma obra do teatro grego, e a única pessoa competente para o fazer é a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira...», meteu esta acha no lume...

Depressa se foi Matos Godinho a casa da Doutora Rocha Pereira, na Rua Lourenço de Azevedo, a fim de lhe transmitir o pedido do TEUC. A peça pretendida era a *Medeia*, de Eurípedes. Era véspera de férias de Carnaval, a professora Maria Helena preparava-se para seguir viagem para o Porto, mas

nem por isso se negou ao pedido tão veementemente formulado. Anuiu com gosto, tratando-se demais de Paulo Quintela a quem admirava e respeitava. Calculou o número de versos da peça, dividiu-os pelos dias de férias, verificou quantos versos teria de traduzir por dia e prometeu que, no regresso do Porto, teria a peça traduzida. No dia indicado, Matos Godinho dirigiu-se de novo a casa dela e trouxe consigo a tradução de *Medeia*. Poucos dias depois, principiavam os ensaios. A colaboração da Doutora Rocha Pereira não se cingiu a traduzir a obra de Eurípedes, mas a fornecer igualmente elementos históricos que serviram de fonte à idealização do guarda-roupa, no qual a escultora Isabel Leonor desempenhou papel preponderante. Dos actores que faziam parte do elenco é justo destacar a esplêndida interpretação de Lídia Vinhas, no principal papel, ao tempo estudante da Faculdade de Direito e sobressaído elemento do TEUC. E assim pôde o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra participar na IV Delfiada, no Sarre, com a sua primeira peça clássica.

A acção de Deniz-Jacinto é também digna de realce por muito meritória. Esteve na primeira linha da fundação do TEUC e foi um dos seus grandes actores de todos os tempos. Ficaram célebres as suas interpretações do diabo vicentino. Só quem a elas assistiu poderá dar a real importância ao notável actor que ele foi. Dois anos após a fundação do organismo, licenciou-se em Ciências Matemáticas. Continuou, no entanto, a dar a mesma colaboração ao grupo de que foi um dos principais fundadores. Dava aulas num colégio em Coimbra para ganhar a vida, mas era no teatro que preenchia a alma. Quando Quintela se recolheu para preparar e escrever a tese de doutoramento, foi ele quem tomou conta do TEUC. O Doutor Maximino Correia, reitor da Universidade, contratou-o como funcionário e pagou-lhe como tal. Foi nesse contexto que pôs no palco, com encenação sua, *O Grande Teatro do Mundo*, de Calderón de la Barca. Em Coimbra permaneceu até 1949, ano em que foi preso pela PIDE. Saído da prisão dois anos depois, foi-lhe fixada residência em Condeixa, sua terra natal. Mais tarde mudou-se para a cidade do Porto, onde viveu e exerceu a sua actividade profissional durante o resto da vida.

(Página deixada propositadamente em branco)

Grande parte da tese de doutoramento foi escrita em São Romão, aldeia da Serra da Estrela. Nesse local remoto costumava a família passar um mês das férias grandes. Instalava-se na Pensão Reis, mas aí não conseguia escrever por não haver sossego. O presidente da Junta de Freguesia franqueou-lhe o salão da sede da autarquia. Tanta confiança tinha nele que lhe forneceu uma chave. Desta forma poderia em perfeita tranquilidade de espírito ir escrevendo a dissertação de doutoramento. Mas, para que a paz fosse mesmo completa, mal entrava no salão, tinha o cuidado de virar para a parede os retratos de Carmona e Salazar que pareciam espiá-lo do alto. Nunca aconteceu ter o senhor presidente entrado na sala e visto aquele novo arranjo...

Aos fins de tarde gostava de dar os seus passeios pela aldeia. Entrava nas vendas para tomar alguma bebida e não raro deparava com o espectáculo de mulherezinhas que entravam a pedir vinho para os filhos que traziam ao colo. Ao princípio, ainda tentava interferir, dizendo-lhes que o álcool era muito prejudicial para as crianças, mas a resposta: «Saiba o senhor que sem uma pinguiha de vinho o meu filho custa a adormecer», era tão elucidativa que se tornava num convite para que se não intrometer mais no assunto.

A dissertação que pensara apresentar à Faculdade de Letras viria na sequência lógica e natural da de licenciatura - o drama naturalista de Hauptmann. Mas o orientador, como já foi dito, não aceitou este autor por ele ser socialista. Assim, teve mesmo de mudar de tema e de escritor, acabando por se fixar em Hölderlin, *A Vida e a Poesia de Hölderlin, Introdução e Primeira Parte*. Defendeu-a em Março de 1947 na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. Iniciado o acto solene, coube ao arguente «descascar» o trabalho. A dada altura da prova, o arguente: «O senhor fez do poeta um moço de estrebaria, ao escrever que ele era amante da viúva Lusácia...». Quintela tomava notas em silêncio, enquanto o catedrático continuava na sua missão desancadora. Ao chegar a vez do candidato, este principiou a contra-argumentação: «O senhor Doutor disse que eu tinha feito do poeta um moço

de estrebaria...» E ele: «Eu não disse nada disso!» «Disse, sim senhor!», a voz unânime de todas as pessoas e de todos os amigos que enchiam a sala até à porta... Nem o candidato nem o arguente falaram mais no assunto. No final obteve a nota de dezanove valores. Na nota prévia para a 2.^a edição da tese, escreveu Quintela a dado passo: «Sobre a fortuna que o livro teve nos círculos especializados lá de fora não cabe aqui falar; mas não será surpresa para ninguém se se disser que ela contrasta com a opinião de quem, de portas adentro, teve a incumbência profissional de o julgar...» Descodificando: Isto tão-só significa que a questão dos amores do poeta com a viúva Lusácia, que Quintela defendeu na sua tese e mereceu do arguente o comentário que já se referiu, veio mais tarde a ser comprovada por um germanista francês alertado pela argúcia do colega português...

A 7 de Novembro de 1948 realizou-se a cerimónia da imposição das insígnias doutorais, oferecidas pelos elementos do TEUC. Serviu de padrinho seu irmão mais velho, António Augusto Pires Quintela, Reitor do Liceu de Bragança, cabendo os elogios do novel doutor e do respectivo padrinho aos Profs. Doutores Sílvio de Lima e Torquato Soares. Costumava dizer-me que, se o pai fosse vivo, seria ele o seu padrinho e muito honra teria em vê-lo sentado na Sala dos Capelos, lado a lado com os mais insígnias doutores da congregação coimbrã... Vale a pena transcrever alguns passos da alocução que proferiu pedindo ao Magnífico Reitor a sua investidura no grau de Doutor em Letras: «Neste momento, que desejaria solene pela veemência do meu voto, chamo à consciência a humildade da minha origem, na certeza de que a ascensão à mais alta dignidade académica mais fundo me enraizará na fidelidade à condição de que provenho. [...] Tenho a consciência de ter dado à minha Escola, dentro e fora do exercício docente, o melhor do meu esforço. Solenemente prometo agora continuar a servi-la e procurar prestigiá-la, como melhor saiba e possa, suprimindo a pouquidade da minha ciência pela riqueza da consciência e da boa vontade que me animam, para, por ela, servir a livre Cultura, e, por esta, a minha Pátria e o meu Povo.»

Após a investidura, continua ainda com mais afã o seu labor de traduzir (nacionalizar) e de homem de teatro. Assim, em 1952, recebeu um dos primeiros prémios conferidos pelo Instituto de Goethe de Munique pela tradução de «Venedig», um poema de Friedrich Nietzsche. Em 1960 viria a ser galardoado com a medalha de prata do Goethe Institut, e em 1973 com a medalha de ouro do mesmo Instituto, o mais alto galardão por ele conferido, apenas concedida a germanistas de grande envergadura. Finalmente, a 24 de Abril de

1985, recebe, na Biblioteca Joanina, o primeiro Prémio Europeu de Tradutores referente a 1984. Na ocasião disse: «Se a identificação de sujeito e objecto é pressuposto fundamental para toda e qualquer actividade de tradutor, receio bem que nas presentes circunstâncias eu tenha de dar prova de que sou, no fim e ao cabo, um mau tradutor, pois sei que não conseguirei a expressão de tudo o que presentemente sinto, para além do consabido ‘Muito bem hajam’. Um tradutor é, bem vistas as coisas, apenas um almocreve da cultura. Nesta situação me mantenho, fiel às minhas origens e à minha vocação.»

Chegado a este ponto, chego à conclusão de que é impraticável tentar fazer com que a sua vida e a sua obra caibam dentro deste livrinho. Nem era minha intenção abalançar-me a empresa tamanha. Antes de pôr o ponto final e disse neste arrazoado, gostaria ainda de focar um aspecto da sua vida – o seu constante empenhamento na luta que os estudantes universitários travaram ao longo dos anos. A Academia compreendeu essa atitude, por isso o elegeu, em assembleia-geral de 11 de Março de 1964, dois anos após uma das maiores crises académicas de sempre, como sócio honorário da Associação Académica de Coimbra. A parte final dessa luta estudantil desenrolou-se no velho edifício da Associação Académica, no Palácio dos Grilos, que de súbito se transformou na trincheira de uma mão cheia de jovens incendiados e animados de um inflexível ideal de liberdade que uma dúzia de anos mais tarde havia em parte de se posto em prática. Na véspera da madrugada em que a sede da associação Académica foi invadida pela polícia de choque e mais de uma centena de estudantes levados para a prisão política de Caxias, Paulo Quintela, Luís Albuquerque e Alfredo Fernandes Martins foram os únicos professores universitários que se dignaram ter a coragem de ir, nessa tarde de Maio, ter com os estudantes entrincheirados nas instalações da sua Associação e dar-lhes ânimo e estímulo, pois já se sabia que, mais cedo ou mais tarde, a força bruta viria com a sua violência desproporcionada espezinhar a esperança de centenas de jovens e procurar destruir o seu cordão de solidariedade.

Como escreveu José Carlos Vasconcelos no jornal «República» de 22 de Março de 1973: «Quem o viu, quase onze anos atrás, numa manhã de Maio, atravessar sozinho a Porta Férrea, com passo firme e expressão grave, vindo da sua faculdade, ao ter conhecimento dos graves acontecimentos que se passavam na Universidade cercada, sitiada, e falar aos estudantes, dizendo o que lhes disse, e subir as escadas para a reitoria, a fim de exigir a intervenção de quem o devia fazer – não esquecerá mais esse momento emocionante e esse homem admirável. Quem o ouviu, como eu, dizer a uma «personalidade

superior», com a sua voz de trovão e raiva, «S. Ex.^a é burra», para depois só comentar ao amigo, com ironia – «ao menos não me esqueci da concordância», quem presenciou atitudes suas que só um dia, mais tarde, poderão ser devidamente contadas e apreciadas – sabe que o jovem que há uns bons quarenta e tantos anos estava na primeira linha dos seus colegas de então, se continua no professor que ainda em pleno auge dessa coisa espantosa que foi o 1969 de Coimbra, marcou com a sua presença e o seu verbo.»

Na sequência do que se acabou de transcrever, convém realçar que, em plena crise de 69, Quintela usou da palavra num das Assembleias Magnas, aonde fora a convite da Direcção Geral da AAC, sendo a sua intervenção delirantemente aplaudida, porque, entre outras coisas, declarou que a sua qualidade de Sócio Honorário da Associação Académica havia sido dos mais prestigiantes galardões que alguma vez tinha recebido. Meses mais tarde, numa Assembleia Magna realizada no Pátio da Universidade (as instalações académicas tinha sido entretanto seladas), houve alguém que verificou que, numa das janelas da ala de São Pedro, um funcionário superior da Universidade se encontrava a gravar as intervenções dos estudantes reunidos cá em baixo no pátio. Dado imediatamente o alarme, uma forte assuada brindou o funcionário, que não teve outra saída senão desaparecer com o seu gravador. O caso foi muito comentado tanto na Academia como na cidade e Quintela teve conhecimento da atitude indigna do funcionário superior e ficou revoltado. Como nunca se tinha perdido de amores por semelhante criatura, tirou-se uma tarde de cuidados e deu-lhe umas valentes «bengaladas» com o guarda-chuva numa conhecida livraria da Baixa de Coimbra – a desaparecida Atlântida.

O primeiro grande choque que sofreu como homem de teatro e director artístico do TEUC foi a sua saída compulsiva desse organismo académico que trinta anos antes vira nascer e ajudara a crescer. Não me compete, nem seria este o melhor local para discutir este assunto melindroso que foi motivo de inúmeras assembleias-gerais. Sempre adiantarei, no entanto, que a fogueira de alguns dos elementos do TEUC de então não terá sido boa conselheira. Apesar de a ferida estar já encascada, ainda lhe dói muito tanto na lembrança ferida como no amor-próprio.

O 25 de Abril surpreende-o em Lisboa, em casa do seu querido amigo Tossan. É este que, eufórico, lhe entra pelo quarto dentro a dar-lhe a boa-nova. Regressa imediatamente a Coimbra, para, poucos dias depois, fazer parte da primeira Comissão Directiva da Faculdade de Letras. Militante do Partido socialista, é nessa qualidade que intervém no primeiro comício do seu

partido no Pavilhão dos Olivais em 1 de Junho de 1974 e atingiu o limite de idade em Dezembro de 1975. Dá a sua última lição num anfiteatro da Faculdade de Letras.

No ano em que se jubilou, foi candidato a deputado à Assembleia Constituinte pelo distrito de Bragança. Fez a campanha eleitoral com enorme entusiasmo, mas não foi eleito. Antes disso, porém, já estava um pouco sozinho. Os velhos amigos de cavaqueira, os que durante anos e anos o rodeavam com reverência por vezes exagerada, cativos do seu verbo inflamado, a pouco e pouco passaram a evitá-lo. Houve excepções! Divergências políticas... Ele, que toda a vida acamaradou com pessoas que não comungavam das suas ideias, para que houvesse ocasião de haver diálogo e troca de ideias, viu-se de súbito relegado para uma prateleira onde se trocavam tão-só impressões sobre o tempo e pouco mais. Chegou-se a mudar de conversa mal se sentava à mesa da antiga tertúlia. Chocado com a ingratidão, foi desaparecendo dos antigos locais de conversa. Vou concluir, transcrevendo algumas palavras escritas por Afonso Praça, seu conterrâneo, na «Vida Mundial» de 30 de Março de 1973: «Paulo Quintela surge-nos, assim, como um homem preso às suas raízes por espantosa força telúrica que nada consegue destruir. Talvez contador de «estórias», um poeta desprendido que nunca se interessou em construir uma obra. Em qualquer dos casos, temos em Paulo Quintela um espírito atento, profundamente culto, a quem podiam ser aplicadas estas palavras de Goethe, como acentuou Meyer-Clason: «Quase não me recordo dum mandamento; nada se me configura como lei; é um impulso que me guia e sempre me conduz no caminho certo; sigo em liberdade os meus sentimentos, e não sei de limitações e de arrependimentos.»

A primeira versão deste livro foi escrita em Coimbra e concluída na mesma cidade em 29 de Maio de 1986. Após ter sido impressa em duzentos exemplares, foi oferecido um livrinho a cada um dos convivas presentes num almoço de confraternização, em 28 de Junho desse ano, integrado na Homenagem Nacional prestada a Paulo Quintela. A rescrita do livro e as respectivas alterações foram cerzidas e chuleadas na Ilha do Pico, as costuras arrematadas e assentes a ferro de engomar na mesma Ilha, no dia 26 de Junho de 2005, data em que se perfizeram 34 anos sobre a defesa da minha tese sobre Literatura Americana, intitulada O Puritanismo e a Letra Escarlate, ainda inédita, perante um júri constituído por Paulo Quintela, Walter R. Witcomb e António Augusto Duarte Ralha. Vale. Deo Gratias.

(Página deixada propositadamente em branco)

ALGUNS TEXTOS INÉDITOS E OUTROS EXTRAÍDOS
DA *RELAÇÃO DE BORDO* (1999)
ONDE PAULO QUINTELA É REFERIDO
DIRECTA OU INDIRECTAMENTE

(Página deixada propositadamente em branco)

Gerês, 21 de Julho de 1969 - Vim para as termas em cata de alívio. Perguntei ao Louzã Henriques se fazia bem. Disse-me que sim, mal não me faria. Vai sempre ao meu jeito e não sei se isso me faz bem. Estou aqui há mais de uma semana. Saiu o Doutor Quintela e vim eu para o seu lugar. Ficou combinado em Coimbra. Pensão da Ponte. Ele costuma dizer que vem limpar a isca. Eu não me queixo do fígado, mas a sua função está alterada. Deve ser do nervoso miúdo. Estou todo alterado. Enquanto aqui permaneceu, enviei de Coimbra ao Doutor Paulo Quintela todos os comunicados da crise académica produzidos durante a sua ausência. Sem remetente, por razões óbvias. A chamada crise rebentou em 17 de Abril, dia em que se inaugurou o edifício das Matemáticas. Houve greve geral aos exames - êxito que abalou o regime primaveril de Marcelo [...].

Coimbra, 1 de Junho de 1974 - O Pavilhão Desportivo de Santo António dos Olivais foi pequeno de mais para acolher a multidão de povo que ocorreu ao primeiro comício do Partido Socialista em Coimbra. Presidido pelo Poeta Miguel Torga. Não sendo filiado no partido, presidia àquela reunião *na simples qualidade de homem socialista que sempre fui*, como afirmou logo no início da sua intervenção. Nele também intervieram, entre outros, Paulo Quintela e Mário Soares, que anda por essa Europa fora e por este mundo de Cristo, espécie de embaixador itinerante, procurando da parte dos governos dos diversos países o reconhecimento para Revolução do 25 de Abril. Desde que regressou do exílio, não pára um instante, a sua vida tem sido um andar sobre brasas, uma verdadeira roda-viva. Por isso, o político há pouco empossado no cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros português chegou atrasado ao comício. Quando irrompeu pelo pavilhão dentro, estava Miguel Torga no uso da palavra. Visivelmente incomodado, notava-se-lhe na cara um quase pânico pela berraria que de repente atroou todo o recinto. No

final, não me escondeu o seu profundo desagrado e até desabafou comigo, dizendo que Mário Soares poderia ter esperado um pouco mais, cá fora, até concluir a leitura do seu discurso. Mas não. Quis testar a sua popularidade. E conseguiu-o. Mal entrou, toda a gente se pôs aos gritos, clamando pelo seu nome, ovacionando-o. A partir daí, Miguel Torga perdeu o pé. Já depois de acabado o comício, o Poeta ia distribuindo a quem quisesse fotocópias do seu discurso. É uma bonita página de prosa poética, imprópria para ocasiões escaldantes como aquela que se vivia dentro do amplo pavilhão desportivo: «Homem mais sensível a uma ética do que a uma ideologia, mais espontaneamente fraterno do que disciplinarmente correligionário, mais atento ao imperativo dinâmico de vozes remotas do que ao momentâneo encantamento dos ecos doutrinários», disse a seu respeito a dado passo da sua intervenção. Quanto a Paulo Quintela, com a sua voz firme de homem de teatro, falou bem e quanto a mim trouxe uma novidade: invectivou o General Spínola para que acabasse já com a guerra nas colónias. É que dá a ideia de que ainda estamos com medo de falar sobre este verdadeiro fantasma que nos tem vindo acompanhando há mais de uma dúzia de anos.

Coimbra, 18 de Dezembro de 1975 - O Doutor Paulo Quintela atingiu hoje o limite de idade. Após quarenta anos de serviço docente ininterrupto, chegou a hora da sua jubilação académica. A sessão comemorativa do evento, num dos anfiteatros da Faculdade de Letras, estava abarrotando de amigos e discípulos. Não houve propriamente a tradicional última lição. Houve, sim, um recital de poemas de Bertolt Brecht, em versão portuguesa do próprio Paulo Quintela, publicados em livro há cerca de um mês, com o título de *Poemas e Canções*. E o espanto abriu a boca aos presentes. Paulo Quintela tem uma rica dicção e ensinou a arte de dizer, ao longo de muitos anos, aos actores que se integravam no Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, de que foi director artístico durante trinta anos. Num dos poemas, de treze estrofes, as duas primeiras ajustavam-se de tal maneira ao momento que se estava vivendo, que parecia terem sido compostas pelo próprio tradutor. Rezam elas assim: *Com setenta anos de idade e achacado / Sentiu o Mestre precisão de descansar. / Pois a bondade lá na terra andava em fraco estado / E a maldade de novo se via prosperar. // Os sapatos atou, e pôs-se a andar. / Meteu na caixa tudo o que precisava: / Pouco. Mais sempre foi isto e mais isto. / Por exemplo o cachimbo que sempre à noitinha fumava / E o livrinho com que sempre o tinham visto. / Pão branco a olho, sem registo[...]* Eis aqui, na segunda estrofe,

um dos instrumentos que acompanharam Paulo Quintela pela vida fora æ o cachimbo. Ele constitui um dos traços característicos da personalidade de Paulo Quintela. Quem, porventura, tenha andado por Coimbra nas últimas quatro décadas, sobretudo aqueles que passaram pelos bancos da Faculdade de Letras e do TEUC, não poderá deixar de associar o Mestre de Germanística e de Teatro ao imponente apêndice de roseira brava, que ele trazia sempre pendurado no canto da boca, e ao inebriante aroma que o forninho turbulava, incensando os corredores, as salas de aula, o Bar das Letras... O próprio troço da Baixa coimbrã, que Paulo Quintela percorria da paragem do eléctrico ou do estacionamento do automóvel à *Brasileira* – outras das mesas da sua tertúlia diária – se enchia daquele característico e adocicado perfume de tabaco de cachimbo. As pessoas que lhe eram mais chegadas ficavam a saber, por este motivo, que o Doutor Paulo Quintela havia já passado para a *Brasileira*... Com muita alegria misturada de emoção, recebeu Paulo Quintela, no seu jubileu, uma prenda oferecida pelos funcionários da sua Faculdade – um magnífico cachimbo *Dunhill*. Para além do valor material, que essa marca é das melhores, senão a melhor, revela uma acuidade por parte daqueles que tiveram tal lembrança e com ele conviveram e trabalharam na mesma casa durante longos anos. Paulo Quintela começou a fumar cachimbo aos vinte e dois anos, quando chegou à Alemanha como bolseiro da Fundação Humbolt. Havia já contraído o vício do cigarro há vários anos, ainda jovem estudante do Liceu Emídio Garcia, em Bragança. Em Berlim, porém, os cigarros eram mais caros do que o tabaco de cachimbo. A fim de não sobrecarregar a sua magra bolsa, optou pelo cachimbo por uma questão económica. Ao princípio, por via de poupar, usava um cachimbo maneirinho, que ainda conserva como relíquia entre os muitos que possui e foi juntando no decurso dos anos. Possui cerca de sessenta cachimbos das mais diversas marcas e feitios, mas nunca foi um coleccionador no verdadeiro sentido da palavra por falta de temperamento. Ao regressar definitivamente a Coimbra, em 1933, vinha com o vício de tal forma enraizado no cachimbo, que não curou de saber se o tabaco era ou não mais dispendioso do que os cigarros. Durante muitos anos, só fumou cachimbo. Depois, foi entremeando com cigarros e cigarrilhas. E assim se manteve até há bem poucos anos. Actualmente, só fuma cigarros, SG gigante. Se lhe pergunto, para o desafiar, por que não fuma uma cachimbada, responde-me: – Já não me puxa!

Coimbra, 3 de Janeiro de 1977 - [...] Como de costume, fui encontrar o Doutor Paulo Quintela no Bar das Letras. Quando lá cheguei, encontrava-se sozinho na mesa do canto. Depois de algumas palavras de saudação e das respectivas Boas Festas e Feliz Ano Novo, que já haviam sido trocadas, pessoalmente, nas próprias datas, fui levá-lo à Baixa. Segui pelos Arcos do Jardim, junto ao Botânico, e ao chegarmos à Gráfica de Coimbra parei para que ele fosse lá dentro buscar os três primeiros exemplares da *Análise e Interpretação da Obra Literária*, livro por ele traduzido do alemão, agora em 6ª edição portuguesa, e cuja reorganização dos Índices de Nomes e Matérias tomei a meu cargo. «Já agora levas o teu», disse-me ele, e continuei a andar. A meio da Ladeira das Alpenduradas, virou-se para mim e disse: - Pára lá o carro, para poder escrever-te uns dizeres. - E lá escreveu esta bela dedicatória, na sua límpida caligrafia: «O 1º exemplar desta nova edição é para o meu amigo Cristóvão de Aguiar, com a grata amizade do Paulo Quintela» [...].

Coimbra, 4 de Janeiro de 1977 - Esta tarde, no Bar das Letras, falava-se à mesa da tertúlia de partos e de férias de parto e houve alguém que propôs que a licença abrangesse também o marido. A esse respeito contou o Doutor Paulo Quintela uma história curiosíssima, verdadeira, que se passava em terras de Bragança, ainda em tempo de sua memória. Quando a mulher entrava em trabalho de parto, retorcendo-se na cama com dores, o marido deitava-se à sua ilharga, lenço apertado na cabeça, e puxava também, como que a dar alento à consorte, até ela parir o pimpolho. Por isso, dizia o Mestre, «acho muito bem que se generalize a licença de parto para o homem.» Sobre a matança, que é nesta altura do ano, contou que, em Bragança, o rabo do porco era destinado a um petisco dos rapazes. É a melhor parte do animal. A forma de o preparar é dar três golpes longitudinais, enchê-los de sal e assá-lo depois na brasa. É um manjar de truz. Dá gosto ouvi-lo à mesa da tertúlia. Mas, desde que se jubilou, anda com tamanha preguiça mental, que se não a vence, como me disse, não sabe o que virá a sair disto. «Nem paciência tenho para escrever uma carta», confidenciou-me um destes dias. Estes exemplos vindos de tão alto são uma bênção e tonificam-me [...].

Coimbra, 6 de Janeiro de 1977 - [...] Disse-me há dias Paulo Quintela: o lente teve sempre como função ser burro e estúpido...

Coimbra, 7 de Janeiro de 1977 - O agente da PIDE que assassinou Dias Coelho foi mandado quase em paz, com apenas dez meses de prisão para cumprir. A mulher do escultor assassinado recorreu da sentença. À mesa da tertúlia, Paulo Quintela alvitrou que se devia fazer um abaixo-assinado monumental, protestando contra a pena leve que apanhou o elemento da PIDE. Segundo ele, estamos numa situação em que as pessoas têm estômago para tudo. E contou uma história para exemplificar. Um conhecido médico de Coimbra foi à Cova da Iria no dia em que houve o célebre milagre do Sol: «Eu vi com os meus olhos», dizia depois o médico, descrevendo a outrem o espectáculo a que assistira. Responde-lhe este: «Olhe, senhor Doutor, ele há gente que tem olhos para tudo.»

Coimbra, 10 de Janeiro de 1977 - À mesa da tertúlia, logo após o almoço, Paulo Quintela contou um episódio interessante sobre um prémio literário. Nos finais dos anos quarenta, em 1948 ou 1949, Miguel Torga concorreu ao prémio de poesia Almeida Garrett, do Ateneu Comercial do Porto. Pertenciam ao júri Paulo Quintela, Vitorino Nemésio e Gaspar Simões. A reunião final do júri realizou-se em casa de Quintela, ao tempo na Estrada da Beira, numa casa apalaçada, com quinta, que ainda lá está. Após várias discussões a quem atribuir o galardão e as menções honrosas, calhou ser atribuído o primeiro prémio (meia dúzia de contos de réis) a Miguel Torga, que havia concorrido com o livro de poemas *Nihil Sibi*. No dia da entrega do prémio, no Porto, Torga foi chamado à mesa de honra, tendo-lhe sido entregue um envelope com o dinheiro. Num gesto que ao princípio ninguém entendeu, o poeta recusou o prémio. Depois explicou que aquele dinheiro ficaria para ajuda da publicação dos livros das obras que haviam obtido menções honrosas. As suas palavras foram sublinhadas com uma prolongada salva de palmas. No entretanto, iniciou-se um pequeno sarau literário com leitura de poemas do livro vencedor, a cargo de Paulo Quintela; e dos que obtiveram menções honrosas, a cargo de Miguel Torga. No final do sarau, uma amiga comum de ambos veio felicitá-los, dizendo a Torga: - Você é mesmo bom é a fazer poemas; quanto a lê-los, Paulo Quintela suplanta-o. - Resposta pronta do poeta: - Não se esqueça de que ele leu os *meus* poemas... Miguel Torga era de facto muito cioso da sua arte poética. Contou-me um dia Paulo Quintela que, na altura residia num casarão com quinta, na Estrada da Beira, lhe entrou Torga, já noite adiantada, no escritório, para lhe mostrar um poema ainda quente de ter saído da fornalha da inspiração. Queria saber a

opinião do seu grande amigo e confidente da *coisa* literária. Ao terminar a leitura, Torga olhou ansioso para Quintela, procurando perscrutar o que ia no íntimo do amigo. Houve uns longos segundos de silêncio, após o que Paulo Quintela retorquiu: «É um grande poema! Vou-lhe falar com toda a franqueza de Amigo. É sem dúvida uma poesia cheia de força poética, quase violência, mas, sabe, lembra-me o «Cântico Negro», de José Régio...» E Torga: «Você acha mesmo isso? Se assim é, pronto!» E rasgou-o de imediato em pedaços, atirando-os para o cesto de papéis. Paulo Quintela ainda os guardou durante anos, mas perderam-se na mudança de casa. E foi pena, digo agora eu!

Coimbra, 12 de Janeiro de 1977 - Quando estou na cama, acordado, a actividade interior costuma ser mais intensa. Nessas ocasiões recebo por vezes visitas antigas. E hoje recebi-as com grande cordialidade. Tanto falei, tanto revivi, que senti que me saía dos ombros vinte anos de peso. Dei por mim, embaçado, namorando de janela, na Ilha, de onde não consegui ainda partir. Dá ideia de que rejuvenesço... O mesmo não poderei afirmar de Paulo Quintela, que ontem, à mesa da tertúlia, se saiu com esta: - Comecei a morrer ontem... - Todos olhámos espantados para o homem em cujo rosto se desenhavam, nítidas e fundas, muitas linhas de amargura. E continuou: - Ontem olhei para este dedo e estava lívido, sem qualquer sensibilidade; fiquei impressionado; ando a morrer aos bocados... No fundo, isto poderá ocultar um drama sério. Paulo Quintela tem desabafado muito comigo e verifico que há uma tónica nos seus desabafos - o que sente como sendo a sua inutilidade. Há muito já que, intelectualmente, nada produz. Há pouco mais de um ano que se jubilou e os trabalhos que havia guardado para o período da reforma nem sequer os principiou. Tanta tem sido nos últimos anos a sua indolência intelectual, que não sabe agora por onde começar. Luís Albuquerque, esse, desunha-se em trabalho e em escrita. Paulo Quintela sabe-o e, se calhar, por isso, quando se refere à actividade do amigo, nota-se-lhe uma certa amarga tristeza. *Comecei a morrer ontem*. Exprime tanta desilusão e renúncia. Arrepiei-me ao ouvi-la.

Coimbra, 21 de Janeiro de 1977 - Hoje à tarde, no Bar das Letras, ia caindo o Carmo e a Trindade. Indignadíssimo, chegou à mesa o Doutor Fernandes Martins, trazendo o jornal *O Diabo* da véspera. Vinha lá publicado um artigo sobre a ilegalidade de exercício do magistério universitário de um dos mais lúcidos e inteligentes professores da Faculdade de Letras, catedrático

de Filosofia, Doutor Miguel Baptista Pereira. Segundo o articulista anónimo, esse professor continuava a exercer a sua actividade docente de forma impune, uma vez que o seu inimigo se achava prejudicado dado a sua qualidade de implume para outros voos que não fossem os da invejidade... Logo o Doutor Paulo Quintela se fez explodir, investivando que só poderia ter sido o *badameco* do costume, e nomeou-o pelo nome, em voz alta, para quem quis ouvir e tomar boa nota. Tratava-se de um catedrático da mesma área. Só ele poderia ter sido o escrevente de tal artiguelho com a autoria oculta com o rabo filosófico de fora!

Coimbra, 2 de Fevereiro de 1977 - Há certas e determinadas pessoas que abusam da minha condescendência. Melhor, gozam com a minha ingenuidade e candura mais que tansíssimas. Devo ser eu que lhes dou colacia para que me cavalguem a toda a sela. Há pouco, um desses «amigos», «Tens de me traduzir e corrigir este texto para amanhã, sem falta.» Sou uma espécie de escrita acororado de muitos doutores, um dos quais já me disse na cara que eu devia considerar uma honra para a minha excelência vir referida em tantas teses de doutoramento de pessoas tanto importantes! Qualquer dia, dou uma parrelha de couces, ora se dou. Mas ainda não arranjei coragem para dizer *não* e *renão* e lá vim trabalhar, resmungando por dentro, até às tantas da noite, a fim de satisfazer a exigência do *amigo*. Tenho de deixar de rosar por dentro e dizer *não* quando for caso disso. Amigo! Quanta carga contraditória poderá esta palavra camuflar! Há pouco, Paulo Quintela, citando Miguel Torga, do *Diário I*, disse-me, enquanto o levava à Baixa: «Que belo é ter um amigo! Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este fraterno abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Que belo e natural é ter um amigo!» O poeta referia-se a Quintela, seu amigo de então. Amigos deste quilate, quem não os gostaria de ter?

Coimbra, 9 de Fevereiro de 1977 - [...] Paulo Quintela mostrou-me hoje um poema de sua autoria intitulado *Boletim Meteorológico*. Gostei. Trata-se de um poema evocativo do Natal, escrito há dez anos, e que tem um sabor telúrico, transmontano. Vai publicá-lo na *Miscelânea* em memória do poeta Vítor Matos, professor da Faculdade de Letras, recentemente falecido num acidente de automóvel. Depois de Paulo Quintela ter ouvido as apreciações dos mais íntimos, ficou com os olhos cheios de contentamento. Todos gostam que se lhes gabem os dotes. Mas, para Paulo Quintela, neste momento, talvez

seja mesmo decisivo, devido ao facto de estar atravessando um período menos fecundo da sua vida intelectual. Para o animar disse-lhe: - Se, como diz, é um poeta de ocasião, porque não multiplica as ocasiões? Fazia-lhe bem a si e aos outros...

Coimbra, 20 de Fevereiro de 1978 - Cheguei à mesa da tertúlia após o almoço e encontrei Paulo Quintela a chorar. Fiquei sem pinga de sangue e ele, entre soluços, foi-me dando a triste nova æ morrera Vitorino Nemésio no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, onde havia sido internado. Levei-o, pouco depois, a casa. Fui conduzindo o seu *Volkswagen* vermelho, a seu pedido. Que não tinha cabeça para nada. E chorou durante todo o percurso. Colegas de Faculdade desde o princípio dos anos vinte e íntimos amigos durante toda a vida, a morte do amigo foi para ele o princípio irreversível da sua própria morte. Entrei em casa do Mestre, para o acompanhar na sua dor. E não tive coragem de lhe dizer que tinha concluído de manhã a segunda versão do meu romance *Raiz Comovida*.

Bristol, 27 de Julho de 1979 - Acabei de escrever uma longa carta ao Doutor Paulo Quintela. A tarefa levou-me cerca de três horas, que ele não é homem a quem se escreva ao correr da pena. Apurei-me quanto pude tanto no estilo como na gramática, mas, se calhar, foram vírgulas a mais ou a menos. Erros na Língua Portuguesa, é que não os admite a ninguém, chamando logo a atenção de quem quer que seja para a asneira ou transgressão praticada na sua presença. E faz ele muito bem. À conta disso, muito tenho eu aprendido. Nunca ninguém lhe apresentou uma dúvida sobre gramática portuguesa que a não tivesse resolvido de imediato. Conhece a nossa língua como poucos. Estou a lembrar-me de uma daquelas reuniões que se realizavam na Faculdade logo após o 25 de Abril. Estava um dia presidindo a uma delas, quando o orador no uso da palavra, um professor da casa, se descaiu a dizer que determinado acto era *atentório* da dignidade académica. Paulo Quintela, no centro da mesa, deu um salto e não se conteve que não murmurasse em voz tão audível, que quase toda a sala ouviu: - Atentatório, senhor Doutor, aten-ta-tó-rio... - Não sei se o orador corou (por dentro talvez), mas o certo é que, delicadamente, agradeceu e corrigiu o lapso. Na carta que acabei de lhe escrever contei-lhe então as minhas venturas e desventuras por estas terras do Tio Sam e disse-lhe como, numa noite calorenta e insuportável deste Verão húmido e pesado da Nova Inglaterra, descobri por mero acaso um refrigério

eficaz: reli pela *enésima* vez, e de um só fôlego, os *Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga, que encontrei na estante de meu irmão Francisco. Tão bem me soube aquele transmuntano ar fresco, por vezes gélido, que das suas páginas se ia acendendo, que até a ventoinha, que está sempre ligada, se envergonhou do seu triste e mal representado papel.

Coimbra, 8 de Maio de 1984 - O meu velho Mestre Paulo Quintela, ao aposentar-se, principiou aos poucos a aposentar-se também da vida. Vou visitá-lo todas as sextas-feiras, tomo com ele e a mulher o chá das cinco e passo lá o resto da tarde em sua companhia. É uma sombra do que foi. Mas ainda irradia muita luz. Fechado em casa, encontra-se, durante todo o dia, circunscrito à sala de estar. O círculo está a fechar-se. Daqui por mais algum tempo, restringe-o ainda mais - ao quarto. A matriz, o ventre materno de onde saiu para a aventura da vida. E onde entrará de novo ao soar a derradeira badalada do coração. O quarto. O ventre materno. Pontos de partida e de chegada. O meu velho Mestre!

Coimbra, 29 de Maio de 1986 - Terminei há pouco o livrinho despretenhioso a que dei o título de *Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia*. Trata-se de uma homenagem ao Mestre de muitas gerações que passaram, tanto pela Faculdade de Letras como pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, ao qual dedicou trinta anos da sua vida que se saldaram numa obra muito meritória. Sobretudo no que respeita ao teatro vicentino, que ressuscitou para o palco, à encenação dos clássicos gregos e de autores modernos, como Miguel Torga e José Régio, não esquecendo Lorca e Calderón. O meu querido Amigo e Mestre está acabado. Vai a caminho dos oitenta e um anos, que completa em 25 de Dezembro próximo. Em Julho vão-lhe ser prestadas homenagens nacionais, tendo sido organizada, além de uma Comissão de Honra, de âmbito nacional, uma Comissão Executiva, à qual também pertenco, entre outros seus amigos e discípulos: Carrington da Costa, Madalena Almeida, a primeira actriz do TEUC, Matos Godinho, Irene Ramalho, Abílio Hernandez e as estudantes universitárias, Paula e Sofia, elementos do actual TEUC. O meu contributo principal vai ser este livrinho, editado pelo *Serviço de Publicações da Universidade de Coimbra* e que vai já hoje seguir para a tipografia, a fim de ser publicado a tempo das homenagens. A ideia de pôr o nome de Teatro de Paulo Quintela ao velho teatro da Faculdade de Letras foi minha, perdoe-se-me a imodéstia! Quando uma noite o

sugeri numa das reuniões semanais da comissão, foi como se um raio tivesse caído na sala. Todos os presentes acharam tão boa a ideia que, no dia seguinte, uma delegação de três elementos foi falar com a presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras. Achou a ideia muito original. Ia pô-la à consideração dos outros elementos do Conselho na próxima reunião. Mas que ficasse bem claro que, a ser aprovada a sugestão, como tudo levava a crer, a iniciativa ficaria para todos os devidos efeitos pertencendo ao Conselho Científico. Aqui fica, pois, versão legítima. Para que conste e seja dado o seu a seu dono.

Coimbra, 28 de Junho de 1986 - A homenagem nacional prestada a Paulo Quintela e que termina em finais do mês que vem tem decorrido com o brilho que se esperava. Um pequeno senão ensombrou a festa: na véspera do jantar convívio, morreu a mãe do Abílio Hernandez, mas sua Mulher, a Maria José, compareceu no almoço realizado na Cantina Amarela, em representação do marido, o que muito sensibilizou Paulo Quintela. Pelo que a mim diz respeito, não parei um segundo durante o almoço, autografando cerca de duzentos exemplares (foi esta a tiragem) do meu livrinho sobre Paulo Quintela. Havia sido decidido pela Reitoria, que custeou as despesas da edição, que fosse oferecido um exemplar a todos os convivas. Creio que para além do contentamento e da comoção natural do homenageado, sobreveio-lhe também um enorme cansaço, também natural, sobretudo num ancião que sabe que tais homenagens só se realizam nas vésperas da morte. Gostei que ele tivesse gostado do livrinho. Disse-me: - «Sabes mais da minha vida do que eu próprio...»

Coimbra, 19 de Dezembro de 1986 - Do meu velho professor de História e Filosofia do Liceu da Ilha, Ruy Galvão de Carvalho (a Ilha de Antero, como sempre data os livros e a correspondência), acabo de receber uma carta datada da sua «Cela Conventual da Rua do Peru, 61», acerca das suas impressões sobre o meu livrinho *Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia*. «Li-o logo do princípio ao fim», escreve ele. «Tive até saudades, e comovi-me! Pena dos lapsos de memória. Um deles, de o Quintela não se referir à vinda aos Açores. Tenho uma fotografia tirada na ponta de Santa Iria. O grupo era formado pelos Poetas Armando Córtes-Rodrigues e Humberto de Bettencourt, pelo anteriorista e jornalista José Bruno Carreiro, e por ele [Quintela] e por mim, agora os últimos sobreviventes [...] O Paulo Quintela

foi meu colega na Universidade, e tenho dele cartas e livros com dedicatórias dele também [...]» Aqui fica, para que conste, a adenda do meu velho e longínquo mestre!

«*Coimbra, 9 de Março de 1987* – O Abílio Hernandez telefonou-me logo de manhã dizendo-me que Paulo Quintela tinha morrido a dormir. Saí de casa a correr. Para quê? Passo por casa do Mestre, ali à Praceta da Avenida Dias da Silva. Entro, subo as escadas que subi centenas vezes com outro ânimo, mais triste ou mais alegre, mas nunca com a aflição e a infinita tristeza de hoje; poiso os olhos no brasão da cidade de Bragança emoldurado e pendurado na parede do cimo do patamar – há tensão e lágrimas silenciosas na sala, não quero entrar no seu quarto, onde se foi ontem deitar para nunca mais acordar; com ele encontra-se neste momento Matos Godinho, médico, seu grande admirador e amigo e discípulo no Teatro dos Estudantes, onde se tornou famoso pela representação do *Monólogo do Vaqueiro*, de Gil Vicente – está-lhe colocando a dentadura postiça e a ter a sua última conversa com o Mestre, disse-me depois; dali vou direito à Universidade e aí junto-me a Irene Ramalho, sua discípula e professora na Faculdade de Letras, precisamos de falar com o senhor Reitor, Doutor Rui Alarcão, dizer-lhe que o corpo de Paulo Quintela vai repousar, como competia, na Capela da Universidade, antes da saída do funeral para Bragança, amanhã de manhã; fomos logo recebidos e a sugestão prontamente aceite e satisfeita, mas que fôssemos, dissemos, dar conhecimento ao Capelão da Universidade, a fim de mandar preparar a Capela; por acaso estava no edifício da Reitoria; por acaso, não: mal soubera da notícia da morte de Paulo Quintela, apressara-se a ir falar com o senhor Reitor e estava ainda esperando, numa sala ao lado, que o chamassem, para ser recebido; quando o vimos, transmitimos-lhe o que nos tinha dito o Doutor Rui Alarcão, mas sua reverendíssima, com um ar beatífico e cordeiras palavras de mansidão, foi-nos logo dizendo que não podia ser, estava mesmo à espera de ser recebido pelo senhor Reitor para lhe comunicar isto mesmo: que o Doutor Paulo Quintela, com todo o respeito, era ateu e não seria digno de vir agora, depois de morto, para a Capela; que fosse para a Faculdade de Letras, onde foi professor; por exemplo, para o palco do Teatro da Faculdade, que até ostenta o seu nome, ficava lá muito bem. A Irene não o deixou prosseguir, o adjectivo digno, na negativa, aplicado ao cadáver do Mestre, quase fê-la pôr fora de si; cá por mim, apetecia-me dizer-lhe na cara seráfica o que estava, nesse momento, escutando cá dentro de mim e era a

própria voz de Quintela que tantas vezes mo repetiu: «São quase dois mil anos de manha...», mas sustive-me; fomos de novo ao senhor Reitor, que deu estritas ordens ao Capelão para se cumprir a praxe académica, que o senhor padre tirasse do sacrário e do altar o que bem entendesse, mas a Capela iria receber o corpo de um dos grandes Mestres desta Universidade. Horas mais tarde, quando já se encontrava o corpo de Paulo Quintela em câmara ardente, ouvi o Doutor Teixeira Ribeiro, dizendo para um professor de Direito: «Tenho só menos três anos do que o Quintela, de modo que, mais cedo ou mais tarde... Mas, felizmente, fico agora com este problema resolvido: sei que posso, depois disto, vir também para a Capela da minha Universidade.»

«*Coimbra, 10 de Março de 1987* æ Bragança fica longe. E a eternidade também. Vai o autocarro fazendo o que pode para iludir a distância, que cada vez parece crescer mais dentro de mim. Antes a viagem de há oito anos, por esta mesma estrada, com as carrancudas boas-vindas logo ao subir da serra de Bornes. Transmontanas seriam elas, violentas æ mas não traiçoeiras æ, a cumprimentar o recém-chegado que de olhos incrédulos ia assistindo ao desfazer-se do temporal sobre a terra, enquanto Paulo Quintela, ao lado, procurava injectar um pouco de ânimo no companheiro de jornada. Levanto agora os olhos e vejo, à distância de uma pedra, o carro onde segue viagem. De súbito, uma renascida ânsia de fumar tenta submergir-me a vontade. Só uma cachimbada talvez me não fizesse mal. E depois, seria um modo como outro qualquer de o homenagear à minha maneira æ isto de uma pessoa se estribar em princípios de renúncia a certos prazeres venenosos, mas que sabem pela vida, cria, em situações como esta, um tal vazio, que se não sabe aonde pôr os pensamentos. Tenho agora pena de não ter seguido o conselho do Mestre, que ainda há dias me disse: æ Faze como eu, que deixo de fumar vinte-trinta vezes ao dia.æ De pensamento em pensamento e enquanto o autocarro desfila com destino a Bragança neste décimo dia de Março, que se esqueceu de ser marçação, vejo-me sentado num dos anfiteatros da Faculdade de Letras, pouco antes do Natal de setenta e cinco. Escuto Paulo Quintela na sua derradeira lição. Era o limite de idade a bater-lhe à porta. Comovido, lia poemas de Bertold Brecht, em versão portuguesa da sua autoria. A dada altura, saltou-lhe para a voz, ainda enérgica, embora se esbarrondasse com facilidade, o poema com treze estrofes, *Lenda da Origem do Livro Taoteking quando Laotsé ia a Caminho da Emigração*, cujas primeiras estrofes parecia terem sido compostas para a situação: *Com setenta anos de idade e achacado / Sentiu o*

*Mestre precisão de descansar. / Pois a bondade lá na terra andava em fraco estado / E a maldade de novo se via prosperar. / Os sapatos atou, e pôs-se a andar. / Meteu na caixa tudo o que precisava: / Pouco. Mas sempre foi isto e aquilo. / Por exemplo o cachimbo que sempre à noitinha fumava / E o livrinho com que sempre o tinham visto. / Pão branco a olho, sem registo. Arredo dos olhos as cortinas de penumbra do viajar por dentro, e tento amarrá-los à fita de asfalto, a ver se consigo presentificá-los e presentificar-me, inteiro, dentro da emoção do momento. É escusado. Antes de me ausentar de novo, de balde procuro os apetrechos de fumar, nos bolsos do hábito. Nada. Vou mas é voltar à Faculdade, ao bar talvez æ era aí que o Mestre também exercia boa parte da sua docência æ, quero encher os pulmões do oxigénio do seu verbo fluente e do aroma inebriante que o fornildo do cachimbo turibulava, denunciando a sua presença, Deus sabe quantas vezes com que arrepios e outras cólicas. E de súbito, sobem-me à lembrança as escaldantes longas tardes de Julho, embrulhadas num suave perfume de tabaco excepcionalmente odoroso, mal empregado não poder tirar agora umas quantas fumaças ao meu cachimbo. Continua sem fim a estrada para Bragança e sem fim se apresenta a viagem que empreende Paulo Quintela, ali, no carro que corre à frente de meus olhos ansiosamente secos. De curva em curva, chega o autocarro à cidade de Bragança. Antes do cemitério, toda a gente se apeia. Forma-se então o cortejo fúnebre, que a pé se deslocará até o Alto do Sapato. Fico integrado no préstito, mas os meus pensamentos rememoram este mesmo itinerário, percorrido com outra disponibilidade de espírito, Paulo Quintela à minha ilharga, servindo de cicerone æ ninguém adivinhava, nesse tempo, que cada gesto e cada passada traziam o selo da despedida. Entro neste momento no cemitério æ o jazigo de família é logo ali mais abaixo. A cova já se encontra escancarada. Antes de ser dado o corpo à terra, ouve-se o discurso. Às primeiras palavras, já me encontro longe. Não é por mal, mas preciso de me aconchegar ao brasido da lembrança. E regresso a sexta-feira anterior (hoje é terça), último dia em que visitei Paulo Quintela. Não o achara diferente dos demais dias. Falei-lhe longamente do último *Diário* de Miguel Torga, espécie de *post-scriptum* escrito em plena graça de lucidez. De tal modo lancinante, que é o próprio escritor que, em nota de 2 de Janeiro de 1987, refere: *Um passo a mais neste caminho de lucidez impiedosa, e fico sem pé na vida. À despedida, pediu-me para que me não esquecesse de lhe levar o livro na próxima sexta-feira. Não me esquecerei. Soube depois que Paulo Quintela esteve em frente do televisor até às quatro da manhã, na noite de sábado para**

domingo, convencido de que o programa, *Eu, Miguel Torga*, fosse transmitido naquela noite. Só quando um familiar o persuadiu, pelo telefone, que o referido programa só seria transmitido no domingo, é que foi para a cama. E no dia seguinte, à hora aprazada, lá estava Paulo Quintela, sentado na sua poltrona, a ver o programa. Foi-se deitar depois. Nunca mais havia de acordar. E, não sei por que razão, gostei que ele tivesse levado, como viático cultural, para a sua última viagem, esta autenticidade telúrica que é Miguel Torga. Ambos transmontanos e homens de cultura, cada qual à sua maneira, constituem dois importantes referentes da minha vida. Sinto um baque surdo. Desperto. É a primeira pazada de terra por riba do caixão. Volto as costas. Até sexta-feira. Não, não me esqueço de lhe levar o último *Diário* de Miguel Torga.»

Algumas das palavras por mim proferidas na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Coimbra:

Coimbra, 26 de Maio de 1995 - «Na III Parte do livro, *Coimbra Nunca Vista*, intitulada «Abecedário de Coimbra», Manuel Alegre empreende uma apolínea peregrinação afectiva através de individualidades que, em dado momento histórico-cultural, cunharam o carácter da cidade mítica que cada um que nela passou em si cristalizou, e também a personalidade do próprio poeta-trovador. Aí figura o poema *Paulo Quintela* que diz: *Nada sabíamos da língua portuguesa / e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal. / E também como pisar um palco / como falar como calar e sobretudo/como sair de cena e entrar / no grande teatro deste / mundo. / Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e a não perder / a alma.*

Nesta prodigiosa síntese poética de uma tão luminosa fundura a que só os príncipes da poesia têm o condão de descer ou subir encontra-se delineado um verdadeiro, muito completo e complexo programa de vida estética, intelectual e cívica, que Paulo Quintela foi cumprindo enquanto por cá andou. Nas facetas que no poema se faz desbancar, tornou-se ele grande mestre e a sua obra de intelectual e o seu exemplo de cidadão honrado continuam disso a dar testemunho. A poesia e a prosa de autores de franças e araganças que, através de traduções exemplares e recriadoras, naturalizou sem qualquer sotaque para português e que ficaram desde logo pertença da Literatura Portuguesa. Se tivessem os seus autores cá nascido, seria decerto como Paulo Quintela as traduziu que eles as escreveriam na nossa língua. O teatro vicentino que estudou e amou como ninguém desde os bancos do Liceu de Bragança, difun-

diu e catapultou, depois, para o seu sítio condigno e certo: as tábuas do palco. O cidadão livre e que sempre ousou ser, numa pátria contaminada por grandes medos miudinhos e por tantas outras toxinas que lhe conspurcaram a atmosfera, tornando-a irrespirável, armada ou armadilhada de um pesadume propenso e propício a que certas criaturas se bandeassem, fraquejassem e se perdessem, alma incluída, no céu da sua conversão. [...]

Paulo Quintela foi o primeiro homem de teatro português que pôs em cena Miguel Torga. Em 1947 o TEUC representava *Terra Firme* no velho teatro Avenida e doze anos mais tarde, no mesmo local, o CITAC, que convidou expressamente Quintela para encenar uma peça de Miguel Torga, representava o poema dramático *O Mar*, integrado no seu I Ciclo de Teatro. A partir daí os destinos destes dois homens altivos como duas vertentes de um Marão de carne e osso separam-se para o resto da vida. E foi pena. Nunca soube deslindar as razões por que se deu tal ruptura, nem talvez as houvesse bem definidas. Seriam fortes razões do coração, atrevo-me até a dizer de um grande amor ferido. No fundo, admiravam-se mutuamente, e outra coisa não seria de esperar de homens de tamanha envergadura. Eu próprio posso disso dar testemunho. Paulo Quintela continua no seu labor de traduzir autores alemães, ingleses e franceses como Brecht, Nelly Sachs, Hauptmann, Nietzsche, Goethe, Kannt, Ben Johnson, Molière e prossegue no TEUC durante cerca de mais dez anos, encenando Gil Vicente, Molière, autores gregos, como Eurípedes e Sófocles, e modernos como Garcia Lorca e José Régio. Miguel Torga havia ainda de publicar dois livros de poesia, *Câmara Ardente* e *Poemas Ibéricos*, três de prosa, o quinto e o sexto dias da *Criação do Mundo* e nove volumes do *Diário*.

Paulo Quintela é o primeiro a sair de cena. No dia 9 de Março de 1987. Na véspera, domingo à noite, estivera a ver um programa televisivo intitulado *Eu, Miguel Torga*, documentário sobre o autor da *Criação do Mundo*. Acabado o programa, foi-se deitar e não mais acordou. Premonitório, não acham? Eu tinha estado com ele na sexta-feira anterior. E havia prometido levar-lhe na sexta seguinte o *Diário XIV*, acabado de sair, do qual lhe falara com entusiasmo durante a nossa última conversa de sexta-feira, 6 de Março de 1987. À despedida, no alto da escada, ainda me preveniu: «Não te esqueças de me trazer o diário do Torga...» Miguel Torga viria a morrer cerca de oito anos mais tarde, em 17 de Janeiro de 1995. No seu penúltimo diário, o *XV*, pode ler-se, na entrada com data de 9 de Março de 1987, dia da morte de Paulo Quintela: «A morte é uma grande reconciliadora. Não há desavença

que lhe resista. O seu grande manto de equanimidade cobre todas as paixões da mesma vanidade. Só é pena que, depois dela, tudo seja irremediável.»

Depois de tudo, fico com a sensação de vazio absoluto, de que tudo ou quase tudo ficou por dizer. Paulo Quintela é grande demais para caber nas páginas de qualquer livro e eu demasiado pequeno para o fazer caber numa simples e desprezível conferência como esta com que vos tenho vindo a massacrar o bicho do ouvido e da paciência. Repare-se, porém, no milagre da poesia, capaz de sínteses fulgurantes: ficou retratado em corpo e alma inteiros no poema de Manuel Alegre. [...]»

Coimbra, Páscoa de 1996 - [...] Quando Paulo Quintela era vivo, havia sempre, nesta altura do ano litúrgico, um foliar de Páscoa de Trás-os-Montes, que a irmã Aninhas lhe mandava de Bragança. Íamos comê-lo, dois ou três mais íntimos, Paulo Quintela, o Abílio, o António Ralha e eu, para um restaurante da baixinha velha que nos fornecia alguns extras: sopa, bebidas, sobremesa e café. Lembro-me de que uma vez não me apetecia comer a sopa, que, por sinal, estava bem apetitosa ao olfacto. Perguntado por Paulo Quintela a razão da minha recusa, respondi-lhe que *não queria embaciar o apetite*, tencionava guardá-lo para a bôla transmontana. Pediu-me que repetisse a frase, que não tinha percebido bem. Meio a medo, julgando que tinha dito alguma asneira de português, repeti-lhe a frase e acrescentei, varrendo a minha testada, que a ouvira dezenas de vezes a minha avó materna, na Ilha. Ficou delirante com a poesia nela contida. *Embaciar o apetite!* «Que achado linguístico» e acrescentou: «até o embaciar sugere que uma superfície polida fica turva pelo vapor da sopa...», dizia discorrendo sobre o que eu inconscientemente lhe acabara de dizer. A partir daí comecei a matutar na riqueza vocabular escondida que eu possuía no meu subconsciente, trazida da infância e da adolescência passada na Ilha. E decidi deixar de ter vergonha desse tesouro. Pelo menos de o abrir a quem quer que tivesse ouvidos para ouvir. Alguns anos mais tarde, viria eu a escrever a *Raiz Comovida*, livro em que abri a caixinha de Pandora do léxico micelense. Fui saudado pela crítica, e bastante por Paulo Quintela, a quem dediquei o romance. Muitas vezes me disse ele que também em Trás-os-Montes se utilizava muito daquele léxico, o qual, segundo a sua abalizada opinião, era português antigo e de lei, com muitos quilates. Ser original é também ser fiel às origens.

Coimbra, 7 Junho de 1996 – Na Sala dos Conselhos da Faculdade de Letras, realizou-se anteontem o lançamento do primeiro volume da obra completa de Paulo Quintela. Serão cinco tomos com cerca de mil páginas cada, a serem publicados de seis em seis meses pela Fundação Calouste Gulbenkian. Fui um dos convidados e compareci porque a memória do meu velho Mestre nunca de mim se apagará. Gostei de ouvir os dois discursos lá proferidos. Um de Ludwig Scheidl, Prof. da Faculdade, seu genro e organizador da edição completa; o outro, da Doutora Rocha Pereira, professora jubilada de Filologia Clássica, grande amiga e admiradora de Paulo Quintela. Com ele colaborou, traduzindo alguns trágicos gregos para serem propositadamente representados pelo TEUC. Ainda não tenho o livro, que me vai ser oferecido, mas compulsei-o e fiquei muito satisfeito por, logo na primeira página do prefácio, ser referido o meu nome em nota de rodapé, em que se remete o leitor que procure dados biográficos para o meu livrinho *Com Paulo Quintela À Mesa da Tertúlia...* Na luzida assistência encontravam-se velhos alunos de Paulo Quintela, alguns vindos de fora, muitos professores e assistentes da Faculdade de Letras, sobretudo da secção de germânicas. Estranhamente também se encontrava um padre, professor de Latim e fatimólogo especialista num dos segredos de Fátima, a quem Paulo Quintela votava um grande desprezo, sobretudo após o 25 de Abril, por atitudes por ele tomadas que Quintela julgava indignas de um cidadão e professor da Universidade. Tive vontade de chegar ao pé dele e dizer-lhe que Paulo Quintela tinha decerto dado uma volta completa na sepultura ao sabê-lo naquela singela homenagem, mas aguentei-me. Em compensação, veio-me à lembrança o dia em que Paulo Quintela e eu entrávamos na Faculdade e apareceu-nos pela frente o padre que se curvou e disse: «Muito prazer, senhor Doutor...» E Paulo Quintela: «Pois eu, meu caro senhor, não tenho prazer nenhum...» Era assim a têmpera do velho Mestre!

Coimbra, 6 Janeiro de 1997 – Foi esta a primeira vez que escrevi os quatro dígitos que compõem o ano que há dias se estreou. Há quem o faça, à mão, logo no seu dealbar – dizem que dá sorte. No dia de Reis, acho também que sim. No fim e ao cabo, na vida e na Natureza, tudo ou quase tudo, cai no domínio da epifania. O Doutor Paulo Quintela, que está agora na minha frente em retrato que mandei emoldurar, também não fugia ao sortilégio do novo arranjo de algarismos que, por força da derradeira badalada da meia-noite de trinta e um de Dezembro, entravam de supetão na sua nova casa do

calendário. Escrevia-o num papel branco, na sua caligrafia nítida e pausada. Há já quase uma década, a fazer daqui a dois meses, que ele nos deixou. Tenho a certeza de que se não deve ter esquecido de praticar o exorcismo, pela última vez, ao subir do pano de 1987, para dar sorte ou forçá-la. Afinal, ela veio logo a seguir, no nono dia do terceiro mês... O ano estreante entrou com muito frio, que parece continuar assobiando cada vez com mais intensidade lá por fora e também nos velhos buracos de dentro. Foi uma má entrada, pelo menos para mim, mas, com continuação e persistência, espero que o mau se transforme no seu oposto ou se habitue a ser menos mau, o que já é relativamente bom... Entrei em Coimbra sem ter notado em mim nenhum rasto de ausência. Fui logo à Faculdade ver se havia alguma urgência a satisfazer. Não havia. Soube logo à entrada que tinha acabado de morrer um funcionário do meu Departamento, de cinquenta e cinco anos, vítima de um vírus que lhe atacou o cérebro e que em pouco mais de três semanas lhe resolveu o grande enigma da vida. Desejei bom ano a quem me deu a má notícia, mas não tive coragem de me incorporar no enterro no dia seguinte. Tenho andado por casa com um princípio de gripe que não passa disso mesmo. Desta feita, porém, atacou-me a garganta. E só ontem, à boquinha da noite é que consegui engolir. Ao fechar a persiana do escritório, sorvi, juntamente com o crepúsculo, toda a sua tristeza ensanguentada. Fiquei depois embrulhado num arrepio até a noite se tornar mais velhinha... No período de transição, já não crepúsculo nem ainda noite, a tristeza dói muito. É que à tarde tinha ido visitar a livraria Finisterra. Hoje reabriu com nova gerência. E de lá trouxe comigo um braçado, não de livros, mas de saudade amarga. Apesar de a funcionária ser a mesma, a Maria de Fátima, agora acompanhada de um velho senhor que durante cerca de setenta anos (tem agora oitenta e três) foi empregado de livrarias de Coimbra e de Angola – apesar deste refrigério, qualquer coisa se librava no ar que me empecia a respiração plena e me anunciava uma mudança irremediável que dói em desatino e até faz aflorar certa qualidade de remorsos. Talvez para ressarcir-los, telefonei ao antigo proprietário, meu velho e íntimo amigo, e marcámos um encontro. Vai ser difícil! O Felisberto, que agora lá trabalha, é aquele livreiro da esperança que Manuel Alegre refere em título de um poema da Praça da Canção:[...] «Tu vendes livros quer dizer / entregas a cada homem / teu coração dentro de cada livro»[...] Estive um pedaço na conversa com ele. Apesar de ele já ter dobrado o cabo dos oitenta, infunde aos outros esperança e alegria de viver. Mas o meu coração estava amarfanhado para recebê-las, sobretudo naquele mesmo local

onde durante cerca de dúzia e meia de anos ali entrava para me abastecer de livros, conversa e de convívio.

Coimbra, Quinta-Feira, 6 de Fevereiro de 1997 - Acabei há pouco a reescrita do primeiro volume de Raiz Comovida. Foi um trabalho gostoso, que de novo permitiu que me tivesse agasalhado no interior do meu ninho ilhéu, aquele de onde nunca zarpei e se me tem tornado num viático cada vez mais indispensável. Por outro lado, interrogo-me sobre a virtude de um labor desta natureza que tresanda a pecado perfeccionista: um genuíno tricô de palavras, entrelaçado num imenso rosário de frases, em que me vou extasiando como numa prática onânica. Isto decerto esconde míngua ou ferida mais ou menos grave. Depende do ponto de vista em que uma criatura se coloque, mas eu, neste momento, estou plantado em todos eles. Ouvei muitas vezes a Paulo Quintela, em fotografia à ilharga de meu Pai, referindo-se a Miguel Torga e à sua sofreguidão de rever e refundir os seus livros: «Ó homem, escreva um novo livro e não mexa mais no que está escrito...» Tu, que te encontras pendurada em carne viva dentro de mim, tens também sido da mesma opinião a este respeito: «Escreve um livro novo...» Como se vê, tenho bons exemplos para seguir. Sei e sinto tudo isto, mas continuo no meu afã de serralheiro de bancada, de lima chata bastarda em punho, desbastando, polindo, alisando... Meu Pai, que tenho igualmente à minha frente em fotografia tirada na oficina, ficou para a posteridade nessa atitude de apurar o ferro. Olho-o daqui da secretária onde escrevo e ouço o ranger da grosa saindo do retrato para me entrar nos ouvidos. Em vez de ficar apaziguado, fico em frenesim. Ao dar por findo um trabalho, pegava logo noutra, ao contrário do filho, que se vai comprazendo com um labor de Penélope de terceira, tecendo e destecendo, babando e desbabando, e que, ao invés dela, não tem por quem esperar. Não vale a pena pôr as misérias à mostra... Escrever um novo livro... Quem me acode?

Coimbra, Quarta-Feira, 29 de Abril de 1998 - Principio a respirar melhor o ar da minha própria presença. Já ela vai deixando de ser aquela mão pesada, em fateixa, sobre o pescoço daqueles que me rodeiam. Ainda hoje à mesa quase deserta do almoço senti que o meu silêncio se desvanecia aos poucos. Por simpatia, via-me descer das alturas à terra, ainda com algumas vertigens. Ainda me trazia ao colo e até afitei a orelha e sorri-me ainda com meia cara a uma sumptuosa frase da Adriana: «A minha vida é uma nota de rodapé da

minha tese...». A Rosário, na sua renascentista louridã de palha madura, corrigiu o possessivo da primeira pessoa do singular e transferiu-o para o irmão do plural, compliciando-se também no processo paranóico que parece ser o de parir uma tese. Não sei para que é tanta consumição por quem as tem entre mãos – mais parecem condenados às galés de el-rei. Paulo Quintela também não escapava à mandinga. Poucas semanas antes de morrer confessou-me que andava com pesadelos há noites seguidas: via-se obrigado a escrever de novo a tese por não ter sido aceite pelo júri... E acordava angustiado, todo em suores. Uma legítima inquietação, imagino eu. Com a sua tese adiada o João Luís Oliva, sem culpas nem dramas, chegou à mesa um pouco mais tarde. Vinha de cara iluminada por um gigantesco sorriso de quem é pai de fresca data. «Hoje é dos dias mais felizes da minha vida», foi logo dizendo como quem vai à frente abrindo caminho com uma lanterna de muita potência iluminante. Não espantava. A Julinha, nascida há uma semana, acabara de sair dos cuidados intensivos, e estava, pela primeira vez, no ritual da sua mamada, no verdadeiro e sacrossanto sentido do nome. Com impaciência, adiantou o pai, e com outra tanta gula, acrescento agora eu de minha lavra. A Adriana interrompeu para informar que havia duas espécies de bebés: os que querem a todo o custo viver e os que trazem a tendência para desistir logo da empreitada, sendo que um ou outro sinal era dado pela sofreguidão ou mansidão do mamar. Como quem cobiça ou nem sequer lhe interessa emborrachar-se com todo o álcool puro da vida – esta bela messalina com quem apeetece dormir e fornicar todas as noites, até à eternidade ou até ao orgasmo final. Metafísico e violento como a Ilha do Pico. Acompanhei o Oliva em vários brindes, eu e o Victor Torres, de mão direita operada de fresco, meio enganchada ainda, e depois, não contente ainda, perguntou-me se eu queria ir com ele ao Hospital Pediátrico ver a Júlia. Não me fiz rogado. Estava ela no seu primordial ofício de dormir, boneca de carne, tão pequenina e tão bem feitinha, já sem tubos, deu-me mesmo a ideia de ter sido torneada num torno celeste, a boca parecia desenhada por uma pena de tinta-da-china sobre papel cavalinho. Já tão sofredora, ou talvez não, com uma intervenção cirúrgica logo no dia em que se estreou no mundo, e outras que se lhe vão seguir. Se calhar não sofreu, a Natureza é sábia e à criança e ao borracho... Saí do hospital de olhos mais limpos, até com alguma doçura – vou procurar pousá-los, repousá-los neste mundo, tendo como ponto de incidência um ângulo menos obtuso... Sem teses nem pesadelos sobre elas. Bem me bastam os da Matemática do antigo 5.º ano!

Coimbra, 9 de Março de 1999 - Permita-se-me uma breve incursão pelos trilhos da memória afectiva. A data da sessão do lançamento deste livro não foi escolhida ao acaso. É que hoje se perfazem doze anos sobre a morte do meu inesquecível Mestre e Amigo, Doutor Paulo Quintela. Personalidade marcante da nossa Universidade e desta Faculdade em particular, dedicou mais de quarenta anos do seu labor intelectual ao ensino, à tradução de poetas, dramaturgos, filósofos, à direcção artística do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. E, como se tudo isso não bastasse, exerceu a tempo inteiro o ofício de mago da palavra, com a qual nos regalava tanto à mesa da *Brasileira* como à da tertúlia do *Bar das Letras*. Nesses locais de livre e múltipla docência, verdadeira Escola dentro de outra, ao tempo mais obtusa, castrense e outro tanto castrada, ministrava-nos, sem compêndio, magistrais lições de quase tudo. E porque «Nada sabíamos da língua portuguesa / ele então sílaba a sílaba ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal. // Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e a não perder / a alma», assim escreveu o Poeta Manuel Alegre numa notável e iluminada síntese. É este grande Mestre que, nesta saudosa data evocativa, quero homenagear, no acto solene da apresentação de um livro que dediquei à sua memória – homenagem a que se associaram a Reitoria da Universidade de Coimbra e o Conselho Directivo da Faculdade de Letras.

Quis que esta homenagem fosse realizada neste Teatro que, desde Junho de 1986, ostenta o nome do Mestre de Germanística e que foi construído, juntamente com a Faculdade que o abriga, sobre a antiga Rua do Cosme, onde Paulo Quintela viveu a partir do seu segundo ano de Faculdade, paredes-meias com a do poeta Eugénio de Castro. Foi igualmente aqui que, em Março de 1961, o ouvi pela primeira vez intervindo num colóquio sobre Fernando Pessoa organizado pela Associação Académica de Coimbra, da presidência de Carlos Candal, que viria a ser meu companheiro de *República*. Óscar Lopes era o convidado de honra. Exercia então o magistério num Liceu do Porto, só no curso geral: Salazar e o seu regime tinham medo que o co-autor da *História da Literatura Portuguesa*, proibida nos Liceus do País, corrompesse as consciências dos alunos mais adiantados. Iniciou-se o colóquio com o poema *Chuva Obliqua*, que deu matéria interpretativa para todo o santíssimo serão. E se mais noite houvera... O teatro, este mesmo onde nos encontramos, estava repleto de estudantes. Marinha de Campos, o célebre autor da *Carta À*

Jovem Portuguesa, fez intervenções brilhantes durante o colóquio. Viam-se poucos professores. E esta ausência não admirava – a época estava inçada de medos miudinhos. Além de que uma boa fatia dos docentes da universidade possuía uma verticalidade versátil, com muitas dobradiças para facilitar as curvaturas de espinha e respectivas medidas. Dos professores presentes, que me lembre, estavam apenas Paulo Quintela, Luís Albuquerque, Orlando de Carvalho, e um ou outro Assistente mais ousado. Vindo eu da Ilha em Outubro precedente com o meu Amigo e colega de curso Viriato Madeira, autor do emocionado e emocionante texto da contracapa do livro ainda quente de ser apresentado, meio confusos com tamanha efervescência cultural que desabara sobre Coimbra dos princípios dos anos sessenta, ficámos deslumbrados e muito pouco entendemos do que se estava debatendo com tamanha profundidade e impetuosidade. Paulo Quintela seria o que mais intervinha, dando achegas para a interpretação do poema interseccionista, quase sempre discordando do que sustentava Óscar Lopes, hábito muito seu, porque só assim se acendia e inflamava o debate. Apanhei um banho lustral de cultura, talvez o primeiro da minha vida. Tamanha porém era a minha ignorância que me senti de repente revestido de penas de pato por onde todo aquele fortíssimo aguaceiro cultural resvalava sem me molhar... Dois dias depois, numa aula de Teoria da Literatura, que fazia parte do elenco das cadeiras do primeiro ano, o caduco professor da disciplina referiu-se, desdenhosamente, ao colóquio da antevéspera. E do alto da sua grandeza proclamou:

«Anda uma pessoa queimando as pestanas a estudar a gente grada da Literatura Portuguesa e vêm para aqui uns *professorecos* do Liceu julgando que descobriram a quadratura do círculo. E o mais grave é que alguns professores desta Faculdade, felizmente poucos, se prestaram a caucionar o entremez. Fernando Pessoa não é noz para aqueles dentes, além de que, em muitos dos seus poemas, não usa rima, o que enfraquece boa parte da sua poesia. Mas vamos ao que interessa: na última aula estivemos a falar de estilo literário, que, como dizia Buffon, é o próprio homem. Quero dar-vos hoje um exemplo prático para melhor compreenderdes a teoria. Por exemplo, abrimos o «Diário de Notícias» e logo deparamos com o artigo de fundo, ao alto do lado esquerdo. Nunca vem assinado. Lê-se o artigo e ao concluirmos exclamamos: é do Doutor Augusto de Castro... E porquê, meus senhores? Exactamente porque, e como já dizia Buffon, o estilo é o próprio homem. E aqui temos, ilustrada, num simples e quotidiano exemplo, a teoria do naturalista e escritor francês do século XVIII. Ainda há dias, no dia 1.º de Março,

dia da Universidade, não sei se reparastes no discurso que proferi na Sala dos Capelos. Quem me ouviu terá decerto julgado que o texto fora escrito ao correr da pena, a avaliar pela fluência com que o li. Muito enganado andou quem porventura assim pensou. Foram algumas semanas de labor, que eu gosto de escrever com muita antecedência. Porém, a dada altura do acto da escrita, emperrei. Faltava-me uma palavra, a palavra exacta para arredondar uma frase. Pensei, repensei, dei voltas e reviravoltas à cabeça, e nada. Ocorreu-me logo a sentença do poeta Horácio: nove anos deve o manuscrito permanecer na gaveta antes de ver a luz do dia... Se bem o pensei, melhor o fiz – peguei do borrão do discurso e enclausurei-o na gaveta. E fiquei à espera. Dias depois, repentinamente, nem sequer estava a pensar no assunto, atravessou-se-me a tal palavrinha mágica, em flecha, na mente. Corri logo à gaveta e preenchi o espaço em branco onde faltava a tal palavrinha mágica. Depois disso, o resto do texto fluiu como as águas de um rio a caminho da foz, neste caso a caminho do final feliz. Terminei-o naquela mesma noite... Isto, meus senhores, para vos garantir e explicar que a escrita literária requer muita paciência, obstinação, rigor e, sobretudo, gordas bagas de suor. Decerto que muitos dos senhores, sobretudo os alunos de Filologia Românica, já que os da Germânica se destinam a tradutores/correspondentes e a empregados de escritório – sempre advoguei que esse curso não deveria pertencer à Faculdade de Letras, mas a uma Escola Técnica de Línguas –, os estudantes de Filologia Românica, repito, devem ter em mente o que acabei de dizer sobre a escrita e o estilo literário. E, por hoje, está terminada a lição: tenho que ir tratar de problemas burocráticos da Faculdade, que um Director não tem mãos a medir com tanta burocracia...»

Vale a pena transcrever um excerto de uma entrada das *Páginas do Diário Íntimo*, de José Régio, datada de Portalegre do dia 31 de Julho de 1937, e que se refere a uma aviltante acção praticada pela pessoa de que venho falando que denunciou um colega do Liceu. A delação valeu-lhe a recompensa por ele há tanto ansiada: o ingresso no corpo docente da Faculdade de Letras de Coimbra. Escreve José Régio: «O Marinho está preso no Aljube de Lisboa (José Marinho, 1904-1975, filósofo, professor e ensaísta). Parece ter-se recusado a assinar, com outros colegas de liceu, um telegrama em que se felicitava Salazar por ter saído salvo do atentado contra a sua vida. [...] Suponho que o telegrama estava dirigido em termos que provocaram a repulsa do Marinho. O actual reitor do Liceu de Viseu é um tal P. que foi meu condiscípulo em Coimbra. Sempre antipatizei com ele: Um dos tais alunos *espertos*, isto é: um

mediocre, um palavroso, e, profundamente, um despeitado. Dizem-me que, sendo professor no Funchal (?), os alunos lhe apedrejaram a casa.»

De tudo quanto acabei de dizer, sem sombra de ficção, se pode inferir que as minhas bases de teoria literária são fracas ou mesmo nulas. Mas, se calhar, nenhum mal veio ao mundo, nem muito menos à minha própria pessoa... O Doutor Gaspar Simões, o crítico literário mais semanal da imprensa portuguesa desde os finais dos anos trinta até aos oitenta, sustentava que muitos jovens escritores portugueses, sobretudo os que provinham das Faculdades de Letras, escreviam hermeticamente devido ao facto de estarem encharcados da teoria literária que lhes era ministrada nos respectivos cursos... Fiquei confuso e não era para menos! Sobretudo com a referência depreciativa aos *professorecos* do Liceu e aos alunos de Filologia Germânica. Deu-me ganas de regressar à Ilha. Sentia no íntimo escalavrado que nem Coimbra nem a Faculdade de Letras eram forma para o meu pé. Não regresssei. Pelo menos fisicamente. Não me arrependi. Se o tivesse feito, não teria tomado conhecimento e boa nota de que, logo no ano seguinte, um jovem Assistente desta casa, estudante finalista no meu primeiro ano, tinha tomado a seu cargo a leccionação da Teoria da Literatura, disciplina fundamental para o aprofundamento dos estudos literários. O compêndio elaborado a partir das suas lições, foi imediatamente saudado nas páginas da revista *Vértice* por António Simões, poeta e ensaísta e ao tempo trabalhador estudante. Ainda anda e andarà por aí em sucessivas edições, imprescindível a quem queira realmente estudar ou aprofundar, estudante ou não, os conhecimentos sobre o complexo fenómeno literário. Há ainda uma plêiade de jovens excelentes professores de Introdução aos Estudos Literários, de Literatura e de Linguística, os quais fariam inveja aos estudantes de Letras do meu tempo. Isto para só falar dos da minha área de interesse, que nos restantes Cursos de Letras houve também uma intensa reviravolta que se fez vendaval que dissipou a atmosfera bafienta há anos pairando sobre a Faculdade!

Claro que toda esta mudança se deveu ao 25 de Abril, que não explodiu por geração espontânea: teve um dos seus incipientes alicerces nas crises académicas de 1962 e de 1969, em que os estudantes lutaram por uma nova Universidade, entrando, na de 69, numa greve gravíssima que ao tempo abalou ou pelo menos serviu de aviso ao regime de Caetano. A resposta do governo e do seu ministro da educação, Hermano *El-Firme*, como passou a ser conhecido, por via de um cartaz ilustrado, da autoria de João Botelho, hoje

cenista de renome, inspirado no célebre discurso-puxão-de-orelhas que o ministro fez na televisão, julgando que os *meninos* da escola primária da Universidade se intimidavam – a resposta não se fez esperar: os estudantes subversivos ou cabecilhas, para utilizar a terminologia da época, sofreram a perseguição, a cadeia e a incorporação compulsiva e punitiva nas fileiras do exército que combatia nas colónias, defendendo nem se sabe bem o quê. Hoje, este mesmo senhor, a passos largos da anciania, divulgador mediático de história e de histórias, ainda parece que vive num mundo virtual, não se coibindo de proferir enormidades com esta: «Salazar era profundamente antifascista...»

Se Paulo Quintela fosse vivo, ouvir-lhe-ia numa das próximas Sextas-feiras uma daquelas *vicentadas* em que o Mestre era realmente mestre. E não deveria também ficar muito agradado com a frase que o nosso Nobel da Literatura proferiu no Colóquio Internacional sobre os 25 anos do 25 de Abril: «Se não houvesse a Revolução do 25 de Abril, o País estava hoje exactamente na mesma». Eu estive lá e assisti. Pena foi que, devido aos seus inúmeros compromissos culturalo-mundanos, tivesse de se safar mal acabou a sua intervenção. É que no colóquio que se seguiu todos os intervenientes se referiram, um pouco abismados, à frase lapidar e narcísica do Nobel da Literatura, o mesmo acontecendo aos intervenientes do painel seguinte. Narcísica, sim, porque tal bombasticidade (não sei se a palavra existe) teria de suscitar, como toda a gente previa e decerto o seu próprio autor, um rico gestor da sua própria imagem – uma girândola de referências ao seu nome e à frase lapidarmente desastrada. No intervalo entre painéis ouvi apreciações muito negativas àquele deslize do nosso Nobel. Mas, qual não foi o meu espanto, quando na Quinta-feira seguinte, na revista *Visão*, leio um artigo de um desses críticos a quem ouvi uma análise muito dura à famigerada frase, muito cauteloso, equilibrando-se no fio de uma navalha de barba, tentando dar-lhe uma interpretação que a mim me não convenceu. Sempre se tratava de um Nobel da Literatura e havia que salvar a honra do convento e pôr-se em bicos de pés... Dias antes, na última página do jornal *Público*, outro dos críticos do tal grupo procurou igualmente fazer acrobacia com as palavras, justificando o injustificável... Coisas muito *oriundas*, como diria o saudoso Paulo Quintela.

Coimbra, 6 de Junho de 2000 – Li no *Diário de Coimbra* uma missiva da Abília, a filha mais moça do meu saudoso Mestre e Amigo Paulo Quintela, e associo-me vivamente à sua indignação lavrada em carta suscitada por uma das muitas *calinadas* em que senhor Presidente da Edilidade é perito. Proferida numa das Assembleia Municipais, muitas das quais regularmente transcritas na secção «O Que Eles Dizem» do mesmo jornal.

Não sei se o senhor Presidente da Câmara empregou *bengaladas* em sentido real ou metafórico. De facto, que se saiba, só uma vez Quintela utilizou o guarda-chuva como arma de arremesso. Passou-se numa bela tarde, na antiga livraria Atlântida, contra alguém cujo nome agora não digo, numa situação concreta e muito específica, em que talvez não houvesse outra solução que não fosse mesmo aquela... Mas, por ter utilizado nesse dia o guarda-chuva para outros fins que não os inerentes ao seu estatuto, não é justo nem honesto dizer-se, à boca cheia e com voz sonora de baixo, que era regra andar Quintela de bengala em riste para bater em quem lhe aparecesse pela frente.

Em sentido metafórico, deu realmente muitas *bengaladas*, sobretudo naqueles que, pela sua indigência intelectual e mental, outra coisa não mereciam. A maior parte delas, porém, tinham um sentido pedagógico, tendo muito boa gente usufruído desses ensinamentos. Se Quintela ainda fosse vivo, tenho a certeza de que o senhor Presidente da Câmara seria um dos seus alvos predilectos... Principalmente pelo mau uso que faz da Língua Portuguesa, que o Mestre não perdoava a ninguém. A avaliar por algumas frases transcritas no *Diário de Coimbra* (verbo haver conjugado no plural, sobre-tudo nos tempos compostos, e outras delícias linguísticas, sempre proclamadas em tom pesporrente e arrogante), o senhor Presidente teria apanhado nota muita negativa e não passaria em nenhum exame... Quanto à política que tem vindo a imprimir ao longo dos seus já tão longos mandatos, nem é bom sequer falar! O que perdeu V. Ex.^a em não ter convivido com Paulo Quintela! Presumivelmente, quem sabe, as *bengaladas* que decerto apanharia, e seriam muitas, garanto-lhe, ter-lhe-iam servido de lição para a vida, se porventura fosse um ouvinte atento, e talvez tivessem o condão de lhe avivar a consciência dos limites, tornando-o mais humilde, mais humano e menos enfatuado...

Invocar o nome de Paulo Quintela tão mesquinhamente em vão (o humor de V. Ex.^a é de facto medíocre e venenoso), como teve a desfaçatez de o fazer há dias, só pode significar que tem um grande défice na sua cultura humanística. O que não é de admirar. Imagine agora as *bengaladas* que V.

Ex.^a apanharia se, num supor, tivesse tido a pouca sorte de incluir, na Comissão de Honra da sua última recandidatura, o nome de Paulo Quintela, sem sequer o consultar. Fê-lo comigo, e não lhe perdoou. Como o Mestre lhe não relevaria a falta. Só que ele teria certamente tomado uma atitude mais drástica: as famosas *bengaladas* mais que merecidas. E muito fortes, em sentido metafórico. Essencialmente...

**CARTA ENDEREÇADA AO ALÉM DE BRAGANÇA,
ONDE PAULO QUINTELA JAZ EM CAMPA RASA NA
COMPANHIA DOS SEUS**

Coimbra, 13 de Outubro de 2005 - Nesta peregrina Sexta-feira morrinhenta, e com pacta com o Demo, acordei sentindo fundas saudades de largar a pé ou de carro por aí acima e ir até à Praceta da Avenida Dias da Silva passar a tarde na conversa com Paulo Quintela. De mais a mais, havia sonhado com o velho Mestre e ele parecera-me de muito má catadura, cenho carregado: «as rugas da angústia e da meditação e do desgosto, os traços verticais da cólera entre os cenhos, os desenhos que as lágrimas abriram com seu sal...» Vociferava: que mundo este, que mundo este; felizmente deixei-o a tempo!

Num impulso cá dos meus abalancei-me e lá fui. Cá fora, observei o pinheiro nórdico, já gigante, rompendo rumo ao céu, muito próximo da varanda perto da qual se encontrava a janela do seu quarto de cama... «Este pinheiro levou anos entrevado; de repente, encheu-se de brios e cresceu desalmadamente.» Entrei o portão de ferro, descí uns escassos metros, ia para premir o botão da campainha, mas, antes, verifiquei que na almofada central da porta já se não encontrava a placa de metal amarelo com o nome gravado: Paulo Quintela. Hesitei. Acabei por voltar as costas e safar-me dali o mais depressa possível, o automóvel mal estacionado, mesmo por trás de um Volkswagen vermelho, mas não era o tal provocantemente vermelho, de Quintela, como a ele se referia um comunicado da facção fascista da crise académica de 69...

Se, como outrora, a porta me tivesse sido franqueada e subido as escadas de madeira envernizada e virado à minha mão esquerda para a sala de estar,

teria muito que aprender e mais que contar nesta tarde de Sexta-feira, 13. Persisto nas minhas dúvidas sem fim, e o Mestre nessa matéria nunca me permitiu ficar de mãos vazias (só o meu primeiro livrinho é que mas deixou e mesmo assim vai servir de pretexto - só para isso tem préstimo - para a celebração dos 40 anos de vida literária, já no dia 29 do corrente).

Paulo Quintela possuía o raro dom de dar de beber a quem sentia sede de cultura... Se lá tivesse entrado, só encontraria as figuras fugidias, do poema de Goethe, em que a sua biblioteca arrumada numa disciplina caoticamente perfeita, em estantes prolongadas por corredores e salas - se transformou. Foi dissolvida no último ano do milénio, «não por razões egoístas, mas entendeu-se que após treze anos sobre a morte do Professor Paulo Quintela - que sempre foi generoso para com os seus amigos - não era legítimo fechar por mais tempo o acervo bibliográfico, reunido com desvelo e sacrifício pelo Mestre da Germanística em Coimbra» [...], escreve-se algures no intróito ao catálogo da Biblioteca do Professor Paulo Quintela, à laia de um pilático lavar de mãos.

Razões egoístas não as tiveram, esses sim, o António Ralha e uma amiga cujo nome agora não digo, ambos seus discípulos e o primeiro seu colaborador, e meus amigos, ao adquirirem no tal templo para onde o acervo da biblioteca de Paulo Quintela fora transferido para, enfim, respirar a plenos pulmões - a minha tese de licenciatura (exemplar para mim precioso), anotada minuciosamente por ele, que presidiu ao júri do acto realizado em 26 de Junho de 1971 - e dois ou três livros da minha autoria, com dedicatórias minhas ao Mestre e Amigo íntimo de muitos e longos anos. Devolveram-mos. O primeiro, a tese; a segunda, os dois ou três livros de que era autor.

O próprio sacerdote do templo, um dia que lá fui, anos depois, que sou feito de barro frágil e nunca tive coragem de enfrentar a alma de Quintela despedaçada por salas estranhas, me trocou, magnanimamente, um exemplar meu de Com Paulo Quintela À Mesa da Tertúlia por um outro que lá se encontrava num altar secundário, por mim autografado à Dona Lisbeth, Mulher de Quintela, no dia do seu 86.º aniversário natalício.

No mesmo corrume, um médico amigo, amante de antiguidades e preciosidades, entre as quais livreiras, lá tem ido muitas vezes: o seu faro é apuradíssimo e sabe de negócios como doutor que se preza... Chamou-me um dia a casa para me mostrar, entre um mar de objectos de arte, um grosso volume sobre Van Gogh que havia adquirido por tuta e meia, no tal tabernáculo onde a biblioteca de Quintela quinhoeira o ar puro com a amplidão,

compartilhando-o com todos os que dela se abeiraram para vasculhar e peitar o acervo agora não confinado, mas cada vez mais diminuído e disperso como convém à cultura que se pretende fazer «chegar ao leitor interessado [n]este espólio bibliográfico vastíssimo do Professor Paulo Quintela.» Tratava-se de um livro de arte que um grupo de colegas mais íntimos lhe havia oferecido num jantar de homenagem em Vale de Canas, no dia 8 de Junho de 1973, com todas as assinaturas dos ofertantes...

Se tivesse entrado em casa para estar à conversa com o Mestre, teria, contra o meu timbre, tido um farto quinhão na conversa que costumávamos entabular pela tarde adiante: eu mais na posição de ouvinte atento e ávido de aprender (uma vez escorreguei na casca do deslize e disse postura! Resposta: «Ficas a saber que postura só as têm as galinhas poedeiras e as Câmaras Municipais ao publicarem um édito com disposições camarárias para que os munícipes cumpram certas e determinadas prescrições...»

Se lá tivesse entrado, repito, não havia de gostar do muito que tinha e tenho para lhe dizer. Mas, já que não possuo o dom de ressuscitar fisicamente os mortos queridos, nem por isso vou deixar de pôr tudo em cursivo, preto no branco, nesta carta ou neste bilhete que lhe endereço para o Além de Bragança, onde em campa rasa jaz sepultado na companhia aos seus.

Ouvi-lhe frequentemente pedir-me: «Quando já estiver na outra banda, não te esqueças de me mandar um bilhete ou uma carta; vou partir em breve, toma nota do que te digo, e vai-me contando o que acontece, sempre hei-de gostar de saber o que se irá passar neste lado, mas não auguro boas novas...»

De facto, e utilizando uma expressão muito sua, passaram-se coisas assaz oriundas neste lapso de cerca de dezoito anos. E hoje Sexta-feira, treze, peço ao «Santo Antoninho dos Pobres», nome de um poema seu publicado em separata, edição do autor, integrado na pequena colectânea Poemas Para Dar - suplico-lhe que me dê forças de ânimo para não sucumbir de dor e vergonha ou à dor da vergonha.

Se tivesse entrado na casa dos espectros e entreolhado, através da porta entreaberta do escritório, a sua mesa de trabalho, já não encontraria o Meu Santo Antoninho dos Pobres / Que fui descobrir num ferro-velho / (Como convinha), / Para diariamente e de hora a hora / Te confessar a minha devoção de ateu, como escreve no poema... Por milagre regressou, não ao ferro-velho onde o descobrira, como convinha, mas a uma loja mais fina, de onde também já partiu para ser quinhoado com outrem por amor à arte não fechada em quatro paredes abafadiças... Teve sorte o santinho em ter caído

nas mãos certas que vão honrar, entronizado em nova mesa de trabalho, a memória de Paulo Quintela!

Só tu me convéns, / Na tua singeleza / De barro popular, humano, / Pois me acenas com tudo o que preciso / E desejo aos homens meus irmãos: / Pão do corpo / E do espírito, / Alegria e Paz / Infantil e sadia, diz o poema.

Embora se não revele a origem dos objectos, tanto a imagem do Santo Antoninho, que era (é) maneta da mão direita, como outros objectos, são fáceis de reconhecer: Maneta da direita que se perdeu co'a cruz, [...] lá reza um dos versos. Outros objectos de arte são igualmente reconhecíveis sobretudo para quem lhe frequentou assiduamente a casa. Oxalá caíam igualmente em mãos honradas.

Quem teve a dita de privar com Paulo Quintela viu com certeza em sua casa mimos de arte e uma ou outra vez talvez até tenha assistido à compra de algum deles ao amigo Rodrigo dos Santos Ventosa, o senhor Santos, proprietário da ourivesaria à ilharga da Coimbra Editora, hoje Casa da Sorte, amante e vendedor de antiguidades. Nessa ourivesaria, que ostentava o nome comercial de Jacinto Silva e já pertencera à família Vilaça, tinha Quintela por hábito estacionar depois do almoço, logo a seguir à tertúlia ritual da velha Brasileira.

Àqueles que perpetraram tamanho delito contra a memória do Mestre de Germanística, vendendo-lhe o espólio, fingindo motivos culturais e outras pias intenções tartufistas, gostava de lhes poder retorquir com a subtileza linguística com que o Mestre um dia respondeu ao senhor Santos, sentados à mesa-vitrina da Brasileira. Entrara um estudante conhecido dos convivas e particular amigo de Quintela. Sobraçava alguns livros. Um insólito sobrescrito que ele segurava sobre a capa de um dos livros virado para fora chamava a atenção pela sua gritaria rubra - o endereço vinha escrito a tinta vermelha. Mal deu pelo desplante, logo Quintela repontou: «Que diabo, um sobrescrito com a direcção a vermelho? Quem te enviou a carta está, segundo as minhas entendedeiras, a mandar-te à merda com todas as letras...» O estudante replicou que a tinha recebido nessa mesma manhã, e no tocante à interpretação não ousava ir tão longe... O senhor Santos vira-se para Quintela e intervém: «Ó senhor Doutor, agora usa-se...» Resposta relâmpago de mestre e do Mestre: «Então vá!»

Que vão todos, sem excepção, proclamo agora eu com toda a veemência que me garante a força da amizade e do respeito que sempre tive e tenho pelo Grande Mestre de Germanística de Coimbra!

(Página deixada propositadamente em branco)

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2005

